1977 40 ANOS 2017

SOMOS IGREJA QUE ACOLHE

ANACLETO OLIVEIRA † BISPO DE VIANA DO CASTELO

ANO PASTORAL 2019/2020

CARTA PASTORAL AOS DIOCESANOS DE VIANA DO CASTELO PARA A VIVÊNCIA DO TERCEIRO ANO DO PROJECTO TRIENAL 2017-2020 CELEBRATIVO DOS QUARENTA ANOS DA CRIAÇÃO DA DIOCESE

Diocese Viana do Castelo

1977 40 ANOS 2017

ESCRAVO DE TODOS

Diocese
Viana do Castelo

Instituto Católico
de Viana do Castelo

EDIÇÃO

Título:	Somos Igreja que Acolhe
Autor:	Anacleto Oliveira
Editor:	Diocese Viana do Castelo
Ano:	2019 / 1ª edição
Tiragem:	1300 exemplares
Design:	Afonso Designers, Lda
Impressão:	Gráfica Visão
Depósito Legal:	
ISBN:	978-989-20-9890-6

CONTACTOS

Instituto Católico de Viana do Castelo
Escola Superior de Teologia e Ciências Humanas
Rua da Bandeira 117/131
4900—560 Viana do Castelo
Telefone / Fax: **258 823 263**
e-mail: **institutocatolico@sapo.pt**
www.icatviana.org

Diocese de Viana do Castelo
Paço Episcopal
Av. Paulo VI, 735 — Darque
4935-058 VIANA DO CASTELO
www.diocesedeviana.pt

1977 40 ANOS 2017

SOMOS IGREJA QUE ACOLHE

ANACLETO OLIVEIRA † BISPO DE VIANA DO CASTELO

ANO PASTORAL 2019/2020

CARTA PASTORAL AOS DIOCESANOS DE VIANA DO CASTELO PARA A VIVÊNCIA DO ANO PASTORAL CELEBRATIVO DOS QUARENTA ANOS DA CRIAÇÃO DA DIOCESE E TERCEIRO DO PROJECTO PASTORAL TRIENAL 2017/2020

Diocese Viana do Castelo

ÍNDICE

I

DA EVANGELIZAÇÃO AO ACOLHIMENTO

A oração que faz de nós Igreja diocesana 10
A oração que nos envia a evangelizar 12
A oração que nos compromete a acolher 17
Sob a protecção de Maria Santíssima 20
Sob a orientação do Evangelho segundo São Mateus 23

II

O ACOLHIMENTO: QUE FELICIDADE!

Felizes por termos Deus connosco 27
Felizes, pelo acolhimento de Deus 29
Felizes os pobres no espírito (Mt 5, 3) 32
Felizes os misericordiosos (Mt 5, 7) 36
Felizes pela oração do acolhimento 38
Felizes pela prática do acolhimento 41

III

O ACOLHIMENTO DA MISSÃO

Uma missão dada por Deus 47
Uma missão para todos os cristãos 49
Uma missão pelo testemunho de vida 51
Uma missão sujeita a perseguições 54
Uma missão com a presença de Jesus 57
A missão vivida por Jesus 60

IV

O ACOLHIMENTO DO REINO

Um reino no centro do evangelho 65
Um reino presente em tudo o que é vida 67
Um reino com um dinamismo a toda a prova 70
Um reino em que se entra pelo dom da fé 73
Um reino com lugar para todos 76
O reino vivido por Jesus 80

ÍNDICE

V

O ACOLHIMENTO DA IGREJA

Uma Igreja em que Deus reine 85
Uma Igreja em que o maior é o mais pequeno 87
Uma Igreja acolhedora dos mais débeis na fé 89
Uma Igreja que pratica a correcção fraterna 91
Uma Igreja que vive do perdão ilimitado 94
A Igreja de Jesus, o Emanuel 97

VI

O ACOLHIMENTO SOB JULGAMENTO

Que julgamento? 103
Julgados por dizermos sem fazermos 104
Julgados por nos substituirmos a Deus 107
Julgados para sermos condenados?! 108
Julgados por Cristo na sua última vinda 113
Julgados segundo o azeite e os talentos da fé 118
Julgados segundo a prática da misericórdia 119
Julgados como Jesus Cristo 122

VII

DO ACOLHIMENTO À GRATIDÃO

Com Santa Maria, a nossa Mãe do Céu 129
A Mãe do acolhimento 131
A Mãe que Deus acolhe 131
A Mãe que acolhe Deus 132
A Mãe que nos acolhe 134
A Mãe que acolhemos 137
A Mãe da gratidão 138

I

DA EVANGELIZAÇÃO AO ACOLHIMENTO

Senhor Deus, nosso Pai,
damos-te graças pelo Espírito
que, por Jesus Cristo,
teu Filho e nosso Senhor,
derramas sobre a Igreja.
Olha, com amor,
para a nossa Diocese de Viana do Castelo,
que celebra 40 anos de caminhada
como Igreja particular.
Faz com que as nossas comunidades cristãs,
edificadas pela Palavra
e alimentadas pela Eucaristia,
cresçam na comunhão.
Pedimos-te pela renovação da nossa Diocese,
para que, fiel ao sopro do Espírito,
seja sal da terra e luz do mundo
e faça suas as tristezas e as angústias,
as alegrias e as esperanças
dos homens e das mulheres de hoje.
Dóceis à acção do Espírito Santo,
faz com que sejamos:
agradecidos, sob o impulso dos Santos
Bartolomeu dos Mártires e Paulo VI;
testemunhas do Evangelho,

a exemplo de São Teotónio;
e, sob a protecção de Maria Santíssima,
contemplando o verdadeiro rosto de Jesus Salvador,
uma Igreja jovem e bela, missionária e acolhedora,
livre, fiel e rica de amor.
Amen.

A ORAÇÃO QUE FAZ DE NÓS IGREJA DIOCESANA

01 Reconheço ser pouco usual começar uma carta pastoral por uma oração. Neste caso, porém, trata-se da oração feita para a celebração trienal do jubileu dos quarenta anos da criação da Diocese de Viana do Castelo. E como tem sido esta oração uma das melhores expressões da comunhão com Deus, que nos deu a graça de sermos Diocese, e, simultaneamente, entre nós seus membros, achei por bem começar por me dirigir a Ele e, deste modo, me sentir mais unido a cada diocesano a quem escrevo. Além disso, como veremos, a oração faz parte do tema da carta. Uma novidade a que, por motivo idêntico, outras se juntarão.

Peço-te, por isso, caríssimo diocesano, que me acompanhes na oração que tanto nos une. Mesmo que a tenhas rezado atentamente, volta a fazê-lo, antes de continuares a leitura da carta e sempre que a retomares. Que ela brote do teu coração, «um coração verdadeiramente solícito pelos outros»[1], como é, para connosco, o coração de Deus a quem rezamos. Sem o seu amor infinito por ti e em ti, dificilmente apreenderás e acolherás o que a seguir exponho, como pastor e mediador, tão fiel quanto me for possível, entre Ele e tu.

02 Reza-a em comunhão com todos os outros diocesanos: os mais próximos, porque familiares ou amigos, do mesmo lugar ou paróquia,

1. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, n. 282.

movimento ou associação; e os mais distantes e desconhecidos, por separações geográficas, diferenças de idade ou de género, sociais ou culturais, ou até por discordância nos modos de pensar, sentir e agir. Todos formamos uma só família de Deus, como membros do mesmo Corpo de Cristo, pelo baptismo num só e mesmo Espírito. Com Ele curam-se feridas, dissolvem-se conflitos, harmonizam-se diferenças. É Ele que nos leva a usar os dons, próprios de cada um, ao serviço do bem comum, no amor que une as três Pessoas divinas entre si e connosco[2].

Repara como, na oração jubilar, logo na acção de graças inicial, evocas esse amor trinitário por toda a Igreja, e na prece que se lhe segue, pela nossa Diocese. Observa ainda como todas as preces estão formuladas na primeira pessoa do plural. Portanto, sempre que a rezas, só ou em comunidade, já estás a unir-te, pelo menos, a todos os outros que a rezam.

É este, aliás, um dos principais objectivos da celebração dos quarenta anos da criação da Diocese, em que a oração se insere: suscitar e aprofundar em cada um a consciência de que somos Igreja diocesana. Para isso, nada melhor do que a oração em comum ao mesmo Deus. Que Ele, ao edificar-nos pela sua palavra e ao alimentar-nos pela Eucaristia, nos faça realmente crescer em comunhão! Que Ele me liberte do egoísmo e individualismo que me impedem de olhar para além de mim próprio, da minha família ou do grupo de amigos, do movimento ou associação, da paróquia ou congregação religiosa! Que Ele me lance, a mim e a ti, ao encontro dos outros, não apenas pelo que deles esperamos receber, mas, sobretudo, pelo que lhes podemos dar. Afinal, é o Senhor Jesus que nos diz: *há mais felicidade em dar do que em receber* (Act 20, 35).

Pois bem, se fizeres desta oração uma entrega de fé e comunhão a Deus e aos outros, cumprir-se-á em ti a promessa de Jesus: *Tudo quanto rezais e pedis, acreditai que já o recebestes, e assim vos acontecerá* (Mc 11, 24). Sim, acontecerá na própria oração e no que ela capacita para fazer.

2. Cf. 1 Cor 12, 45; Rm 12, 3-8; Gl 3, 26-29; Ef 4, 1-12; 1 Pd 4, 9-11.

A ORAÇÃO QUE NOS ENVIA A EVANGELIZAR

03 *Evangeliza!* — Foi o repto lançado a cada diocesano no passado ano pastoral, o segundo do triénio jubilar. Que é uma missão, tão urgente como constitutiva da vida da Igreja, e que também ela tem na oração o seu motor, procurei mostrá-lo na carta pastoral que então escrevi, sob o título *Somos Igreja que Evangeliza*.

Assim sendo, mantêm-se tanto o apelo — *Evangeliza!* — como a sua motivação — a oração. Recordo o que então escrevi sobre «a energia evangelizadora da oração»: Sendo a evangelização, «acima de tudo, um testemunho vivo da fé no Deus a quem Jesus se entregou pela morte e que ressuscitou para a nossa vida, não pode haver evangelização sem a persistente oração da fé neste Deus»[3]. O Papa insiste no mesmo por outras palavras: «Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração»[4]. Em conformidade com o Papa Francisco, esta oração deve incluir:

- *A contemplação*: «A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta». Tornamo-nos assim «depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitirmos aos outros»[5].

- *A intercessão*: É precisa, sobretudo perante as «novas dificuldades, a experiência do fracasso, as mesquinhices humanas que

3. OLIVEIRA, Anacleto – *Somos Igreja que Evangeliza*, Viana do Castelo 2018, n. 73.
4. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, n. 262.
5. *Ibidem*, n. 264. No mesmo sentido, a propósito do «encontro pessoal com o amor de Jesus Cristo que nos salva» em que se

tanto ferem». De igual modo, quando «uma tarefa não nos dá a satisfação que desejaríamos, os frutos são escassos e as mudanças são lentas». É imprescindível, quando se é «dominado por um descontentamento crónico, por uma acédia que lhe tira a alma, (...) porque, em última análise, se busca a si mesmo num carreirismo sedento de reconhecimentos, aplausos, prémios, promoções». Enfim, razões mais do que acrescidas para invocarmos «constantemente o Espírito», para «curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário»[6].

- *A acção de graças*: Parte da «visão espiritual, de fé profunda, que reconhece aquilo que o próprio Deus faz» pela evangelização «e, simultaneamente, (...) brota de um coração solícito pelos outros. Deste modo, quando um evangelizador sai da oração, o seu coração torna-se mais generoso, libertou-se da consciência isolada e está ansioso por fazer o bem e partilhar a vida com os outros»[7].

Assim acontece na nossa oração jubilar. Embora nela predomine a prece, a verdade é que começamos por agradecer ao Pai o dom do Espírito, derramado por seu Filho sobre a sua Igreja. Isto é, ao contemplarmos o que Deus, uno e trino, tem feito pela sua Igreja, incluindo a nossa Diocese, saem reforçadas a fé com que agradecemos, a esperança com que pedimos e a capacidade e coragem para nos empenharmos na realização das nossas preces. Vive-se assim *a fé que actua pelo amor* (Gl 5, 6), aquele amor que se manifesta ao vivo no evangelizador. Somos, como nos diz Jesus, *sal da terra* e *luz do mundo*, mas pelas *boas obras*; ao vê-las, é que os homens hão-de, como nós,

---

insere a contemplação, acrescenta: «Somente graças a este encontro, (...) somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos (...), quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós próprios a fim de alcançarmos o nosso ser verdadeiro. Aqui está a fonte da acção evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros?» (*Ibidem*, n. 8).

6. *Ibidem*, nn. 277 e 280.

7. *Ibidem*, n. 282.

glorificar o *Pai que está nos céus* (Mt 5, 12-16). Tudo isto, a partir da oração! Tal é o seu poder!

04 Apraz-me assinalar alguns dos seus frutos no passado ano pastoral, dedicado ao tema e à tarefa da evangelização em todos os sectores da vida da Igreja: formativo, celebrativo e caritativo. Não faltaram iniciativas, na maioria promovidas ou apoiadas pelo Instituto Católico e secretariados diocesanos de pastoral, movimentos e associações, paróquias e arciprestados, muitas delas divulgadas por meios de comunicação diocesanos, regionais e paroquiais. Muito se fez, graças a Deus! Com que resultados? Só Ele o sabe e o futuro o dirá.

Desde a primeira hora, a principal preocupação foi aprofundar a convicção de que, como diz o Papa Francisco, «cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, (...) na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus». Daí o apelo: «Não digamos mais que somos "discípulos — e "missionários", mas sempre que somos "discípulos missionários". (...) Todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida. O teu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele; pois bem, aquilo que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, é isso o que deves comunicar aos outros. A nossa imperfeição não deve ser uma desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer»[8].

05 Neste âmbito, merecem especial referência as actividades iniciadas e a desenvolver por quatro secretariados diocesanos, responsáveis por áreas pastorais, em que, por várias razões, a acção evangelizadora é mais urgente:

8. *Ibidem*, nn. 120 e 121.

- O Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar, totalmente reestruturado e com um dinamismo que incide sobretudo na vivência e no consequente testemunho do Evangelho. Que isso é prioritário para a Igreja, mostram-no sobejamente tanto o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *A Alegria do Amor* (na sequência de dois Sínodos dos Bispos sobre a família), como a Conferência Episcopal Portuguesa, na Carta Pastoral *A alegria do Amor no Matrimónio Cristão*. Ambos os documentos partem da graça do matrimónio cristão, como «sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na Aliança selada na Cruz, mas torna esse amor presente na comunhão dos esposos». Por isso, conclui o Papa, as famílias cristãs são «os sujeitos principais da pastoral familiar, sobretudo oferecendo o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas»[9]. Confesso que o senti no Dia Diocesano da Família.

- O Secretariado Diocesano da Catequese, também ele totalmente reestruturado e empenhado em implementar entre nós os novos modelos de catequese, em particular de crianças e adolescentes, propostos pela Conferência Episcopal Portuguesa na Carta Pastoral *Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo*, a partir de orientações do Papa Francisco, mormente na Exortação Apostólica *A alegria do Evangelho*: uma catequese querigmática, isto é, sempre centrada no encontro pessoal com Jesus Cristo; uma catequese comunitária, já que é a comunidade cristã o lugar por excelência para esse encontro; uma catequese adaptada às características dos seus destinatários: às crianças, na sua total dependência dos pais e encarregados de educação, com a catequese familiar; aos adolescentes, na sua crescente busca de liberdade e autonomia e, simultaneamente, de convívio em grupo de amigos. As experiências, já feitas na Diocese, confirmam serem esses os caminhos a seguir.

9. FRANCISCO – *A Alegria do Amor*, nn. 73 e 200.

- O Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil, igualmente em reestruturação, com vista a «criar espaços inclusivos, onde haja lugar para todo o tipo de jovens e onde se manifeste que somos uma Igreja de portas abertas». São estas as palavras do Papa Francisco na recente Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Cristo Vive*, aplicáveis também à representatividade, neste Secretariado, de todos os grupos e movimentos juvenis da Diocese. Até porque é comum a todos eles o que, segundo o Papa, é essencial na pastoral juvenil: «Ser sempre uma pastoral missionária», em que «cada jovem se atreva a semear o primeiro anúncio nessa terra fértil que é o coração dos outros jovens». Isto já a pensar nas Jornadas Mundiais da Juventude de 2022, no nosso País. Vale para elas o que o Papa apresenta como exemplo de evangelização: «Um jovem que vai a uma peregrinação (...) e que convida um amigo ou companheiro, com esse simples gesto está a praticar uma valiosa acção missionária»[10]. Se assim for, as Jornadas começam já, com o convite em cadeia, de jovem para jovem, para nelas participar.

- O Secretariado Diocesano das Missões, cujos membros têm procurado aprofundar nos diocesanos a consciência de que, como dizia o Papa, não se é cristão sem ser missionário. Para isso, nem é preciso afastar-se da família e comunidade paroquial e diocesana ou até do País. Na referida Carta Pastoral dirigida à Diocese há um ano, tentei mostrar como entre nós está a crescer cada vez mais o que pode apelidar-se de «terras de missão». Mas, até para disso melhor nos apercebermos, faz-nos bem deixar o nosso cantinho, mais ou menos alargado, e partir para terras em que se juntam às carências especificamente religiosas várias outras, que, sendo humanas, interferem com a fé e a prática cristã. Nas Dioceses em que isso se faz, os resultados para elas próprias são preciosos. Daí o desejo, de longa data, de

10. FRANCISCO – *Cristo Vive*, nn. 234, 240, 210 e 239.

que, na nossa Diocese, também se concretizassem experiências semelhantes. Pois bem, no ano vincadamente missionário que ainda decorre, partiu finalmente o primeiro grupo de cristãos para a Diocese de Nacala, Moçambique. Embora a estadia tenha sido breve, o testemunho público dos participantes que tive o cuidado de ler reforçou a referida convicção e fez crescer a esperança de que iniciativas do género se devem repetir, até se tornarem hábito e necessidade entre nós. Queira Deus que assim aconteça e que São Teotónio nos sirva de exemplo!

Que todos estes secretariados possam contar, pelo menos, com o teu apoio e a tua colaboração! Se pedes ao Senhor — e bem! — «pela renovação da nossa Diocese, para que, fiel ao sopro do Espírito, seja sal da terra e luz do mundo», então esforça-te por seres, também tu, esse sal e essa luz, através das tuas boas obras!

A ORAÇÃO QUE NOS COMPROMETE A ACOLHER

06 *Acolhe!* — Eis o desafio para o ano pastoral que iniciamos. É o corolário indispensável da gratidão e da evangelização, celebradas nos anteriores anos jubilares. Aliás, sempre que agradeces e evangelizas, já estás a acolher.

Dás graças a Deus, porque reconheces as graças dele recebidas, para ti e para a Diocese em que Ele talvez mais graças te concede. Ou seja, pela gratidão acolhes o Deus que primeiro te acolheu e porque te acolheu. E, se realmente o acolhes, dispões-te também a ser mediador do seu acolhimento. Como? Evangelizando.

É como testemunha que evangelizas de modo credível e eficaz. Isto é, quando o amor de Deus, que te conquista e transforma, te levar ao encontro dos outros; quando estes sentirem esse amor ao vivo em ti. Ou seja, se os acolheres, como e porque Deus te acolhe. A este propósito, o Papa Francisco cita a recomendação de São Francisco de Assis aos seus confrades: «Pregai sempre o Evangelho e, se for

necessário, também por palavras». Comenta o Papa: «As palavras têm lugar mas primeiro o testemunho: que as pessoas vejam na nossa vida o Evangelho»[11]. Com que o resultado?

07 *Somos Igreja que acolhe*. Só há Igreja se esta acolher, assim como só há Igreja se ela agradecer ao Senhor e anunciar o seu Evangelho. Acolher está na essência da Igreja, na medida em que vive e é mediadora do amor de Deus, manifestado mormente em Jesus Cristo, seu Filho, e derramado no coração dos crentes — o amor que faz dela *Mãe*, o título que mais condiz com a missão de acolher.

A Igreja é Mãe a partir da sua relação com Cristo, de quem é «*esposa* imaculada», que a «*amou e se entregou por ela para a santificar*», que «a uniu a si em aliança indissolúvel e *a alimenta e cuida dela* incessantemente»[12]. Mas, é Mãe também, porque «é em Igreja, em comunhão com todos os baptizados, que o cristão realiza a sua vocação. Da Igreja recebe a Palavra de Deus, que contém os ensinamentos da "Lei de Cristo"'; da Igreja recebe a graça dos sacramentos que o sustentam no "caminho"; da Igreja recebe o *exemplo da santidade*»[13]. E, como Deus é Pai de todos, também a Igreja é Mãe, na medida em que está aberta a todos e a todos acolhe. Por isso se lhe chama «sacramento universal de salvação»[14].

08 Também isso pedes ao Senhor para a nossa Diocese: para que «faça suas as tristezas e as angústias, as alegrias e as esperanças dos homens e das mulheres de hoje». É uma oração incarnada: fazer «suas» significa integrar na própria vida. É pôr em prática o que São Paulo nos recomenda: *Alegrai-vos com os que estão alegres, chorai com os que choram* (Rm 12, 15). É uma oração universal: por crianças e

11. FRANCISCO – *Discurso aos Catequistas no Congresso Internacional de Catequese*, Roma, 27 de Setembro de 2013.
12. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, n. 6.
13. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 169 e 2030.
14. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, n. 48.

idosos, homens e mulheres, cristãos e não cristãos, amigos e inimigos, cumprindo mais estas exortações do Apóstolo: *Bendizei aqueles que vos perseguem; abençoai, não amaldiçoeis; não pagueis o mal com o mal, mas preocupai-vos em praticar o bem para com todos os homens; se for possível, quanto de vós dependa, vivei em paz com todos* (Rm 12, 14. 17s). É uma oração, em suma, expressiva do amor autêntico, de que também fala São Paulo: *Seja o vosso amor sem fingimento* (Rm 12, 9). É, por isso, uma oração persistente: *Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração* (Rm 12, 12).

Uma oração assim não pode deixar de ser eficaz e de comprometer no que respeita ao acolhimento. É eficaz, porque parte, directa ou indirectamente, da refeição eucarística, em que Cristo nos acolhe, para nos alimentar com o seu Corpo entregue por nós e para que — como nos pede São Paulo — *ofereçais os vossos corpos* (e vidas) *como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus, como culto espiritual* (Rm 12, 1), isto é, movido pelo seu Espírito. Haverá, da minha e da tua parte, melhor acolhimento do que, com e como Cristo, totalmente nos oferecermos por quem acolhemos? Por isso, tem todo o sentido rezar a oração jubilar imediatamente a seguir à comunhão eucarística, como muitos fazem.

Mas, a oração também te compromete naquilo que pedes. Antes de mais, porque, nela própria, já acolhes aqueles pelos quais rezas, dispondo-te a tudo fazeres para que neles se realize o que pedes. De contrário, a oração não passa de uma falácia. Em vão recebes o Corpo do Senhor, se desperdiças a energia que nele te oferece. Lembra-te da promessa de Jesus na última Ceia: *Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e acontecer-vos-á* (Jo 15, 7; cf. 14, 13s; 15, 16).

Enfim, a oração jubilar também te compromete, porque, ao rezá-la, nunca estás só. Contigo estão sempre todos os cristãos da Diocese que a rezam, ainda que fisicamente distantes. Haverá maior proximidade e comunhão do que na oração ao mesmo Deus e Pai de todos? Além disso, contigo estão, ainda e sobretudo, os santos que mais têm contribuído

para a vida da Diocese e que, por isso, evocamos como impulsionadores, modelos, protectores — designadamente no acolhimento[15].

SOB A PROTECÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA

09 É *Santíssima*, porque toda possuída por Deus, desde a sua Conceição Imaculada até à sua Assunção ao Céu. Pela mesma razão a invocamos também, enquanto padroeira principal da Diocese, com o título de «Santa Maria Maior» — «Maria, a Maior Santa» — de modo especial na Solenidade da sua gloriosa Assunção, isto é, no auge e consumação da sua santidade. Tudo, por ser *Mãe*:

- *Mãe de Jesus*: o título por que é mais vezes identificada no Novo Testamento (28 referências, das quais apenas 5 juntamente com o nome próprio «Maria»).

- *Mãe de Deus*: assim oficialmente reconhecida pelo Concílio Ecuménico de Éfeso (ano 431), «por ser a Mãe do Filho eterno de Deus feito homem que, Ele próprio, é Deus»[16], e assim é solenemente celebrada a 1 de Janeiro, na festa mariana mais antiga da Igreja romana.

- *Mãe da Igreja*: proclamação consagrada no II Concílio Ecuménico do Vaticano, «porque, com o seu amor, colaborou para que na Igreja nascessem os fiéis, que são membros daquela cabeça»[17]. A partir do ano de 2018, é celebrada, como memória litúrgica, na Segunda-feira de Pentecostes, «para favorecer o

15. Bento XVI salientava no início do seu pontificado: «Não estou sozinho. Não devo carregar sozinho o que na realidade nunca poderia carregar sozinho. Os numerosos santos de Deus protegem-me, amparam-me e guiam-me» [BENTO XVI — *Homilia da imposição do Pálio e entrega do anel do Pescador para o início do Ministério Petrino do Bispo de Roma*, in «Lumen», III, 66 (2006, 3), p. 26].

16. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 509.

17. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, n. 52.

crescimento do sentido materno da Igreja, nos pastores, nos religiosos e nos fiéis»[18].

Por isso, Maria é quem mais tem contribuído para a maternidade da Igreja: «Ao contemplar a santidade de Maria, ao imitar a sua caridade e ao cumprir fielmente a vontade do Pai, torna-se, também ela (a Igreja), mãe pela Palavra de Deus fielmente escutada; com efeito, pela pregação e pelo Baptismo, gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos do Espírito Santo e nascidos de Deus»[19].

10 Assim sendo, coloca-te sob a protecção maternal de Maria e, com ela, suplica ao Senhor, para que, «contemplando o verdadeiro rosto de Jesus Salvador», faça com que, na nossa Diocese, sejamos realmente «uma Igreja jovem e bela, missionária e acolhedora, livre, fiel e rica de amor»:

- Uma *Igreja jovem*, capaz de receber «a força sempre nova da Palavra de Deus, da Eucaristia, da presença de Cristo e da força do seu Espírito cada dia»[20].

- Uma *Igreja bela*, na medida em que se atreve «a mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, a dar testemunho da beleza, da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres e da amizade social»[21].

- Uma *Igreja missionária*, na medida em que aproveita as múltiplas oportunidades que os homens e as mulheres de hoje, sedentos de Deus, lhe oferecem, para os saciar com Cristo, a verdadeira

18. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS — *Decreto sobre a celebração da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral*, in «Boletim de Pastoral Litúrgica» 169-170 (2018), p. 22.

19. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, n. 64.

20. FRANCISCO – *Cristo Vive*, n. 35.

21. *Ibidem*, n. 36.

fonte da vida, por um testemunho em que Ele se lhes revele ao vivo, nas atitudes, palavras e acções dos seus discípulos[22].

- Uma *Igreja acolhedora*, medianeira do acolhimento recebido de Deus, que a ninguém exclui, e promotora da cooperação fraterna entre os seus filhos, de modo a viverem na comunhão que a identifica e tanto atrai.

- Uma *Igreja livre* de tudo o que, fora ou dentro dela, a pode oprimir e tornar opressora.

- Uma *Igreja fiel* ao seu Criador e Senhor, bem como à missão de ser lugar de encontro com Ele, o encontro em que Ele manifesta todo o seu amor e, deste modo, torna a sua Igreja verdadeiramente *rica de amor*, o amor que, uma vez recebido, tem de ser praticado e partilhado. Caso contrário, desaparece.

Contudo, não te esqueças de que, nesta tua oração, és membro da Igreja pela qual rezas. Procura então que se manifeste em ti aquilo que para ela pedes — a começar pela fé, esperança e caridade com que te entregas à oração e, por ela, aos outros.

11 Nisso estamos também com os três outros santos intercessores a que temos recorrido ao longo do jubileu:

- São Teotónio, que, sendo natural de Ganfei, localidade sita no âmbito geográfico da nossa Diocese, se entregou à missionação da nascente Pátria portuguesa. Por isso é nosso modelo na necessária e urgente tarefa da evangelização, que cada diocesano tem sido desafiado a assumir e a realizar.

22. Cf. OLIVEIRA, Anacleto – *Somos Igreja que Evangeliza*, nn. 8-11 e 33-39.

- São Paulo VI e São Bartolomeu dos Mártires, referências ímpares para a nossa Diocese, cada um a seu modo, cada um no seu tempo. Sob o seu impulso, agradecemos ao Senhor as graças que nos tem concedido.

Àquelas anteriormente recebidas juntaram-se entretanto outras, precisamente em plena vivência jubilar: as canonizações de São Paulo VI e de São Bartolomeu dos Mártires, respectivamente, no princípio e no fim do passado ano pastoral. Duas canonizações há tanto desejadas e que, portanto, não só nos consolam e alegram, mas também nos responsabilizam em relação à vida futura da Diocese.

É, por isso, minha intenção não deixar terminar o jubileu, sem que tudo se faça para que ambos obtenham o mesmo estatuto que São Teotónio já tem na Diocese. Tanto mais que, como constatámos, a acção de graças e a evangelização são tarefas que, depois do impulso recebido, têm de continuar. São constitutivas da vida da Igreja. Elas terão muito mais êxito, quanto mais continuarmos a recorrer ao exemplo de vida destes dois santos, à instrução da sua palavra e à sua intercessão[23], nomeadamente no acolhimento a que nos comprometemos neste último ano jubilar, protegidos por Maria Santíssima, nossa Mãe do Céu.

SOB A ORIENTAÇÃO DO EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS

12 Assim como para os temas dos anos anteriores seguimos os Evangelhos então proclamados em celebrações eucarísticas de Domingos e Solenidades, assim também sobre o acolhimento encontramos no Evangelho segundo São Mateus o melhor apoio[24]. É ele o Evangelho

23. Cf. MISSAL ROMANO – *Prefácio dos Santos Pastores da Igreja.*

24. À luz do Evangelho de São Mateus, a presente Carta Pastoral tem por base muito do seu texto, observado na perspectiva do acolhimento. O comentário que agora exponho não dispensa, contudo, a leitura completa do texto. Sem essa leitura — tanto mais importante, quanto se trata da Palavra de Deus —, dificilmente se compreenderá o comentário. Nas citações, adopto a

do ano litúrgico que coincide com quase todo este ano pastoral. De todos os quatro Evangelhos, é o que mais fala da Igreja, impensável sem acolhimento. Além disso, é o único em que aparece a palavra «Igreja» não só por três vezes — em grego, *ekklêsía* —, como também em dois lugares de relevo:

- Primeiramente, no centro de todo o Evangelho (Mt 16, 13-20)[25], ligada à confissão de fé de São Pedro, que, em nome dos outros discípulos, diz a Jesus: *Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo*. Uma confissão que coloca Jesus muito acima das insignes figuras bíblicas antes referidas. Uma confissão de fé que, segundo a reacção de Jesus, é de origem exclusivamente divina, isto é, revelada *por meu Pai que está nos céus*. É nesta fé que se enraíza a Igreja com tudo o que a identifica.

- Em segundo lugar, no centro do discurso mais eclesial de Jesus neste Evangelho (Mt 18, 1-35) e no contexto da correcção fraterna (Mt 18, 15-20), essencial para a comunhão entre os seus membros, uma comunhão que se alimenta pela oração e se concretiza no perdão.

Mas, o cunho vincadamente eclesial do Evangelho de São Mateus vê-se ainda no modo como, no seu conjunto, ele está estruturado: em cinco grandes discursos de Jesus (5, 1-7, 29; 9, 35-11, 1; 13, 1-53; 18, 1-19, 1; 23, 1-26, 2), correspondentes aos cinco primeiros livros da Bíblia (Antigo Testamento), chamados pelos Judeus «Livro da Lei» e, entre nós cristãos, «Pentateuco». O nome judaico mostra o seu peso:

---

recente tradução da responsabilidade da Conferência Episcopal Portuguesa, embora com algumas modificações (cf. *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*, tradução *ad experimentum*, Lisboa 2019).

25. A repetição de uma frase inicialmente idêntica em Mt 4, 17 — *Desde então Jesus começou a proclamar e a dizer: «Convertei-vos, pois está próximo o reino dos Céus»* – e em 16, 21 – *Desde então Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário Ele partir para Jerusalém* — é um sinal de que este Evangelho se divide em duas partes: a primeira (4, 17 — 16, 20), em que Jesus anuncia o reino predominantemente na Galileia e a segunda (16, 21 — 28, 20), em que Ele sobe a Jerusalém onde termina o ministério com a sua paixão, morte e ressurreição. A cena agora analisada, presente em Mt 16, 13-30, situa-se praticamente na transição da primeira para a segunda parte.

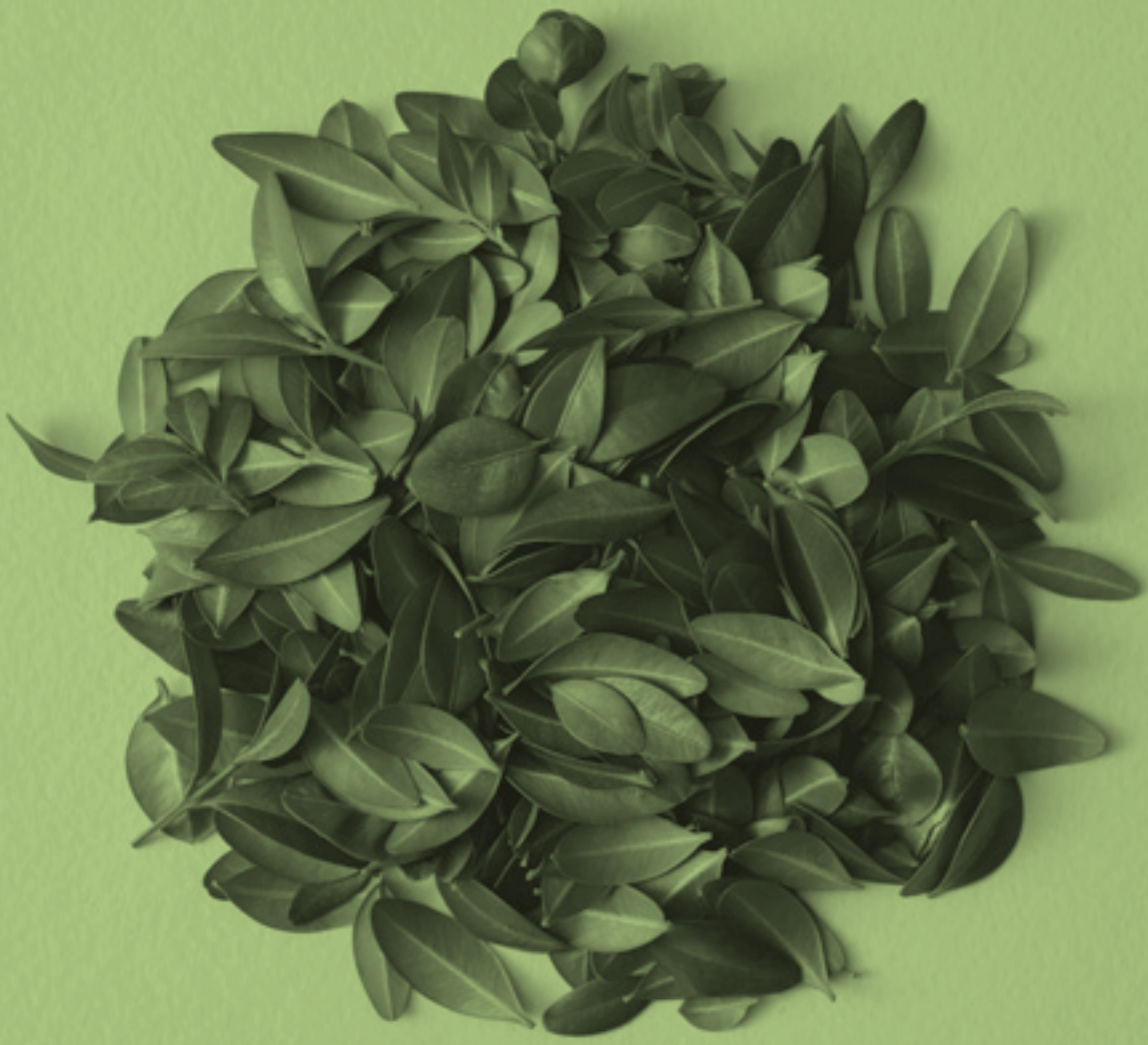
são os livros mais normativos da sua vida, porque neles é narrada a criação do povo de Deus. É curioso observar que São Mateus atribui a mesma função aos referidos cinco discursos de Jesus: também eles são normativos para a Igreja de Jesus Cristo, o povo de Deus por Ele renovado.

A destacá-los, nesse sentido, está a fórmula, quase idêntica, repetida no final de todos eles: *Aconteceu então, quando Jesus acabou de dizer estas palavras, que as multidões estavam perplexas com o seu ensinamento* (7, 28; cf. 11, 1; 13, 53; 19, 1; 26, 1). São palavras que, ao mesmo tempo, fazem a transição para os textos seguintes, predominantemente narrativos[26]. Há, assim, uma ligação estrutural entre *palavra* e *acção*, o que é dito e o que se faz ou deve ser feito. Jesus ensina a acolher e acolhe ou incentiva-nos a fazê-lo. Na verdade, o acolhimento ou se pratica ou não existe. As palavras são necessárias, mas, se não levarem à acção, perdem, no mínimo, toda a sua credibilidade. A não ser que elas próprias façam parte da acção de acolhimento.

Mas, é mais fácil acolher, quando antes se é acolhido — pelos outros e, sobretudo, por Deus, que para isso tantas vezes deles se serve, como quer servir-se de ti. Por isso te convido, antes de avançares na leitura, a rezar a oração pela Diocese em que o Senhor te acolhe, para te levar a acolher, como és acolhido — pelo Deus a quem rezas.

---

26. A ligação é particularmente explícita no primeiro bloco discursivo e narrativo: os textos de Mt 5, 1-7, 29 (sermão da montanha) e de Mt 8, 1 — 9, 34 (intervenções miraculosas de Jesus) estão incluídos entre palavras quase idênticas: *Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas deles, proclamando o evangelho do reino e curando todas as doenças e enfermidades* (4, 23); *Jesus percorria todas as cidades e povoações, ensinando nas sinagogas deles, proclamando o evangelho do reino e curando toda a doença e enfermidade* (9, 35). Até no conteúdo, ao «ensino» seguem-se as «curas» — o modo como Jesus proclama o reino de Deus, referido ao centro.



II

O ACOLHIMENTO: QUE FELICIDADE!

FELIZES POR TERMOS DEUS CONNOSCO

13 *Emanuel — Deus connosco*: é assim que Jesus é apresentado no Evangelho segundo São Mateus. O título aparece uma única vez, mas em lugar determinante para o conteúdo do livro e do modo mais autorizado e credível:

- Surge no auge da introdução (Mt 1, 1-25), em que *Jesus* é visto na sua dupla origem: humana, como *filho de David, filho de Abraão*, e divina, como *Cristo* (Mt 1, 1). Humanamente, precede-o uma longa genealogia que começa em Abraão e passa por David (1, 2-17). A sua divindade manifesta-se na concepção no seio virginal de Maria, por intervenção do Espírito Santo (1, 18-25).

- Nela se cumpriu, além disso, a promessa de Deus em Is 7, 14: «*Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho ao qual será dado o nome Emanuel*», *que significa: «Deus connosco»*. À autoridade divina desta palavra bíblica junta-se o significado do nome. É bem provável que, ao traduzi-lo, o Evangelista o quisesse associar ao nome de Deus revelado a Moisés (Ex 3, 14): *Eu sou Aquele que sou* ou *estou/estarei*. Um nome que contém uma promessa, cuja realização começa com a libertação do Egipto, de que nasceu o povo de Deus, e se consuma, segundo São

Mateus, com a instauração do seu reino por Jesus, com uma nova e definitiva aliança entre Deus e o seu povo[27].

14 *Emanuel – Deus connosco* vai ser, assim, a chave interpretativa do que Jesus dirá e fará ao longo deste Evangelho. Embora o título não volte a aparecer, a promessa nele contida surge, no entanto, tanto na boca de Jesus como em dois lugares e contextos da sua actividade messiânica, os quais são especialmente significativos:

- A primeira vez, mais ou menos no centro do livro e a propósito da oração comunitária pelo irmão pecador, após três tentativas falhadas para que se corrija. Que essa oração será ouvida por Deus é garantido pela promessa de Jesus: *Porque onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou no meio deles* (Mt 18, 20). Está lá para fazer o que a Igreja só por si é incapaz: recuperar o irmão pecador através do perdão.

- A segunda vez surge na conclusão do Evangelho: *E eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim dos tempos* (Mt 28, 20). É o ressuscitado que assim fala, com o especial poder no céu e na terra, de que Deus, ao ressuscitá-lo, definitivamente o investiu. Com esse poder envia os Onze com a missão de fazerem novos discípulos por todo o mundo, baptizando-os e ensinando-lhes o que dele tinham aprendido no Evangelho. Com a promessa conclusiva garante o êxito dessa missão, a qual continua hoje, comigo e contigo.

Assim sendo, todo este Evangelho está envolvido pela certeza de que, em Jesus, Deus está connosco como jamais estivera até então, para, por meio dele, o Emanuel, instaurar o seu reino. Procura, por isso, lê-lo do princípio ao fim, deixando-te guiar e animar por essa

27. A profecia de Isaías referia-se, originalmente, ao nascimento de um novo rei, o qual deveria suceder a Acaz, em contexto particularmente crítico do seu reino, por falta de confiança em Deus.

promessa. Desta forma, sentir-te-ás envolvido, abraçado, acolhido pelo Deus de Jesus Cristo e serás feliz!

FELIZES, PELO ACOLHIMENTO DE DEUS

15 Jesus começa o seu primeiro grande discurso com as chamadas «Bem-aventuranças» (Mt 7, 1 — 7, 29)[28]. Com elas introduz uma boa nova que, por ser boa, faz feliz não só quem usufruir do seu conteúdo, como também quem o escutar. Começa assim a desenvolver a mensagem, resumida no início da actividade messiânica: *Convertei-vos, porque está próximo o reino dos céus* (Mt 1, 17)[29]. Há muito tempo prometido e desejado, esse reino está finalmente a iniciar-se com Jesus, o *Emanuel — Deus connosco*. A conversão é necessária para nele participar. Mas, na prática, até ela é provocada pela mensagem e pelo mensageiro da boa nova. De facto, quem não se deixará conquistar por um reino, anunciado e iniciado por alguém que dele faz parte, como a mais viva e vivificante presença de Deus na história da humanidade?

16 Há ainda outros indicativos desta dimensão divina e escatológica do evangelho do reino, proclamado por Jesus:

- É o caso do termo *macários*, traduzido do original grego por *feliz*. De início aplicava-se exclusivamente a deuses, porque com uma vida sem dores, preocupações ou morte. Passou, entretanto, a atribuir-se também aos mortos, na medida em que, libertos da dureza da vida, voltavam ao mundo divino. Finalmente, acabou por dizer-se também de vivos que usufruíam dos bens terrenos essenciais para a vida, um bem-estar plenamente imaginável só entre deuses[30].

---

28. O nome deve-se à tradução por *bem-aventurado*, que ainda hoje há quem prefira.

29. Porque tem como destinatário uma comunidade cristã com muitos membros de origem judaica, São Mateus evita, como bom judeu, pronunciar o termo *Deus*, substituindo-o, como aqui, por *Céus*.

30. A propósito, o Papa Francisco escreve, sob o ponto de vista etimológico: «A palavra "feliz" ou "bem-aventurado" torna-

- Também é indicativo a quantidade de vezes que Jesus declara *felizes*: nove em número absoluto; melhor, em oito, se considerarmos que a nona repete a mensagem da oitava e, na forma literária, é diferente das anteriores, de resto incluídas entre a promessa: *porque deles é o reino dos céus* (Mt 5, 3. 10). Em qualquer dos casos, tanto nove como oito são números duplamente perfeitos: nove por ser três vezes três (indicativo temporal de princípio, meio e fim) e oito, por ser quatro mais quatro (indicativo espacial da universalidade dos pontos cardiais). Afinal, só em Deus está a suma perfeição.

- Mais, atenda-se ao conteúdo das oito (primeiras) Bem-aventuranças. Enquanto as quatro primeiras tratam da relação com Deus[31], as quatro seguintes cuidam da relação com os outros, sendo certo que a realização das segundas depende da concretização das primeiras. Por outras palavras, a felicidade no reino de Deus proclamado por Jesus é uma graça de Deus, que nele nos acolhe e assim nos leva a acolher os outros. É como no decálogo, em que o amor a Deus precede e é condição para o verdadeiro amor ao próximo[32].

- *O monte*, lugar do ensino — por isso conhecido como «sermão de montanha». O artigo definido indica que é o significado que conta. É comum entre as religiões ver o monte como eixo entre o céu do Deus Altíssimo e a terra dos humanos. No monte Sinai,

---

-se sinónimo de "santo"». Trata-se de um qualificativo, originariamente e em sentido próprio, aplicável só a Deus, «porque a pessoa fiel a Deus e que vive a sua Palavra alcança, na doação de si mesma, a verdadeira felicidade». Francisco reconhece, entretanto, que nisto Jesus está em «contracorrente ao que é habitual, àquilo que se faz na sociedade», tanto de ontem como de hoje, em que imperam critérios de felicidade bem diferentes, porque vindos de outros «deuses» (FRANCISCO — *Gaudete et Exultate: Exortação Apostólica sobre o chamamento à santidade no mundo actual*, nn. 64 e 65).

31. Sinal de que as quatro primeiras Bem-aventuranças formam um grupo fechado é ainda o facto de todas as palavras gregas indicativas dos destinatários começarem pela letra «p».

32. Na verdade, é assim que Jesus responde à pergunta sobre o maior mandamento na Lei: «*Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma» e com todo o entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: «amarás o próximo como a ti mesmo»* (Mt 22, 37-39, que cita Dt 6, 4s e Lv 19, 18). Se os dois mandamentos são semelhantes, só há um segundo por depender do primeiro e este exigir que o segundo se cumpra.

por meio de Moisés, Deus desceu para constituir Israel seu povo, pela aliança de que faz parte a Lei, que lhe garante a existência (Ex 19-24). De modo similar, foi também no monte que Ele, por meio de Jesus, iniciou o seu reino, ensinando a cumprir tudo o que por Ele foi dito na Lei e nos Profetas, para que o seu povo tenha uma existência renovada e feliz. Foi ainda no monte que o Ressuscitado enviou os Apóstolos a alargar o povo de Deus a todas as nações, com a promessa de permanecer com eles como Emanuel. Assim, toda a actividade de Jesus começa e acaba no «local» terreno mais próximo de Deus[33].

- Os destinatários do ensino: na primeira linha, junto de Jesus, são os *discípulos*, mas na presença das *multidões* (Mt 5, 1), as mesmas mencionadas imediatamente antes como *vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e de além do Jordão* (4, 25). Eram, portanto, judeus e pagãos[34]. A todos é oferecida a felicidade do acolhimento divino, como expressão do ilimitado amor de Deus. Aos discípulos, por já seguirem Jesus, caberá a missão de serem mediadores deste acolhimento universal de Deus, de que usufruem.

- A fundamentação da felicidade: se na primeira e na oitava é já no presente — *porque deles é o reino dos céus* —, nas restantes surge como algo futuro. Isto é, trata-se de um reino já iniciado, mas ainda não consumado. Que lhe falta então para isso? Provavelmente, a renovada conversão, a repetida adesão de fé ao evangelho do reino (4, 17). Quer dizer, àquele que o anuncia e inicia, o *Emanuel — Deus Connosco*. Dos que o fazem e porque o fazem, deles é já o reino dos céus. Não que acabe de vez tudo o que os pode fazer infelizes. Pelo contrário, tal adesão implica

33. A estas duas subidas ao monte, exclusivas de Mt, juntam-se a de 15, 29 (com curas) e as referidas também por outros Evangelhos: Mt 4, 8 (com uma das tentações); 14, 23 (para a oração).

34. Pagãos eram, pelo menos, os oriundos da Decápole — as dez cidades da Transjordânia de então. Entre os pagãos também se contavam muitos galileus, provenientes da tal «Galileia dos gentios» (cf. Is 8, 23, em Mt 4, 15).

> muitas vezes novas situações que, humanamente, deveriam torná-los mais infelizes. Veja-se a nona bem-aventurança. Pois, é aí que Jesus diz ainda aos que declara felizes por serem insultados e perseguidos: *alegrai-vos e exultai, porque a vossa recompensa nos céus é grande* (Mt 5, 11s). Ele não diz «será».

Ou seja, a felicidade que Jesus proporciona é diferente daquela que o mundo propõe. A de Jesus nasce do amor com que Ele nos acolhe e leva a acolher, o amor que Ele próprio viveu ao máximo no mais terrível sofrimento — o da cruz —, de que resultou, porém, pela ressurreição, a plena vitória sobre a morte. O que só a Deus é possível... mas todo o ser humano mais deseja para si, para ser definitivamente feliz.

Deixa, por isso, que Ele, o Emanuel, esteja contigo e se apodere de ti, com as suas propostas de felicidade. Podem ser aparentemente estranhas, mas, na verdade, são realmente aliciantes.

FELIZES OS POBRES NO ESPÍRITO (MT 5, 3)

17 É a primeira de todas as nove propostas de Jesus e, simultaneamente, das quatro iniciais que nos situam em relação com Deus. Como entendê-la? Depende do modo como se interpretam as palavras «pobre» e «espírito», bem como a relação entre os dois termos. Para uma melhor interpretação também ajuda o contexto cultural semítico em que Jesus ensinou e São Mateus escreveu o seu Evangelho[35].

- *Pobres* eram, segundo o correspondente termo hebraico, as pessoas carenciadas de todo o género de bens, sobretudo materiais, a começar pelos mais elementares. Eram carências causadas, muitas vezes, pela opressão e exploração, nomeadamente da parte de proprietários e potências estrangeiras que ocupavam

35. O referido evangelista terá escrito, provavelmente, na e para a primitiva comunidade cristã de Antioquia da Síria, dominada por cristãos provenientes do Judaísmo.

a Palestina, mormente no tempo pós-exílico (a partir de 530 a.C.). Tais pobres pertenciam, por isso, à classe socialmente mais baixa e desprezada.

- *Espírito* significa, na origem, «ar», o «sopro» vital para o ser humano, que, no seu todo, é alma e corpo. Na mentalidade semítica, não são duas partes separadas do ser humano, mas apenas dois aspectos: todo ele é corpo, enquanto se exterioriza e relaciona, e todo ele é alma, enquanto vive. Mas, a vida vem-lhe de fora: do ar ou do espírito que, por ser tão indispensável, acabou por incluir tudo o mais de que se necessita para viver. De acordo com a nossa fé cristã, assim como toda a vida vem de Deus, assim também dele nos vem o espírito ou energia de que vivemos[36].

- *Pobres no espírito* são, portanto, pessoas carenciadas de todo o género de bens essenciais à vida, agrupados no ar ou hálito vivificante[37]. Como tais, são pessoas que também dependem, não apenas dos outros, mas acima de tudo de Deus, Criador e Senhor da vida. Estão, deste modo, no caminho da fé, que parte da consciência das próprias carências e fragilidades — no mínimo, da mortal condição humana, já que da morte ninguém escapa — e leva à livre e total entrega de fé a Deus, sabendo como Ele jamais abandona quem Ele próprio criou. A maior prova disso está no envio de Jesus, como Emanuel.

Por isso, ninguém melhor do que Ele pode declarar por que razão são *felizes os pobres no espírito: porque deles é o reino dos céus*. Pela graça da fé, concedida por seu intermédio, já foram acolhidos e estão

36. Cf. Gn 2, 7, sobre a criação do ser humano: *O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, insuflou nele um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivo* — à letra, *uma alma vivente*.

37. Ou seja, não são as pessoas que no seu íntimo são desprendidas de riquezas materiais. Não que essa pobreza voluntária seja condenável. Pelo contrário, é até um dos votos de quem abraça a vida consagrada, para se entregar totalmente aos outros. Só que, pelas razões apontadas, não é disso que Jesus fala aqui. Nem as Bem-aventuranças são exclusivas dos consagrados.

possuídos por Deus, fazem parte do seu reino, com a certeza de uma vida ilimitada, que só nele se pode obter.

Será o teu caso? Lembra-te de que os bens terrenos que possuis, por muitos e variados que sejam, têm o seu limite, o mais tardar quando a morte te bater à porta. Toma consciência dessa e de outras limitações... e volta a ler a primeira proposta de plena felicidade que Jesus te faz no reino de Deus, que nele, o Emanuel, está connosco.

18 Seguem-se três Bem-aventuranças em que Jesus desenvolve a primeira. Concretiza a pobreza no espírito e indica o que, em contrapartida, receberemos no reino dos céus e nos fará felizes para sempre:

- *Os que choram* (Mt 5, 4). É a reacção, dificilmente evitável, perante perdas da vida: a morte de um familiar ou amigo, que eram parte da nossa vida; a eminência ou o perigo sério de perdermos a nossa; as maldades ou contrariedades que prejudicam a vida, a nossa ou a dos nossos; se temos fé, os pecados cometidos, sempre destruidores de vida, da nossa e de outros... Situações dessas não faltam e se há coisa que mais prezamos é a vida. Então, que consolação pode Deus oferecer-nos no seu reino? Fundamentalmente, a do amor, nas suas múltiplas expressões práticas, da parte daqueles que já participam do seu reino e, por eles, da parte de Deus que nos acolhe e está connosco em Jesus — Ele que, mais do que ninguém, tirou partido das perdas de vida, mormente da própria, para a dar como prova máxima do amor. Que essa consolação pretende levar-te a ser consolador, para tua maior consolação, poderás constatá-lo mais à frente.

- *Os mansos* (Mt 5, 5). Primariamente, são os carenciados de poder, de domínio[38]. Não por opção livre — pelo menos, à partida

38. Daí que o termo grego original possa ser traduzido também por «humildes».

—, mas por falta de meios materiais ou de estatuto social para reagir à violência de que são vítimas do mesmo modo. Se, aliás, o tentassem, seria maior a violência. Por isso, sofrem e calam. Mas, felizes não são. A não ser que Deus os acolha no seu reino. Aí, sim, os oprimidos e desprezados são os filhos que Ele mais preza. Estes, vendo-se amados, acabam por livremente optar pela mansidão como norma de vida, cientes de que a violência só gera mais violência, numa espiral infindável de destruição e morte. Sabem-no através do testemunhado dado por Jesus, que aos *cansados e oprimidos* se apresentou *manso e humilde de coração* (Mt 11, 28s); entrou em Jerusalém como *rei*, mas *manso e montado numa jumenta* (21, 5, com Zc 9, 9); e, ao ser preso, rejeitou radicalmente a violência da parte dos que tentaram defendê-lo (27, 51-54). É verdade que acabou vítima da violência. Mas, tornou-se o maior exemplo para a felicidade que promete aos mansos: *porque eles herdarão a terra*. Haverá alguém como Ele que tenha, na terra, mais gente a seus pés, rendida ao amor com que deu a vida?

- *Os que têm fome e sede de justiça* (Mt 5, 6). São os que têm uma necessidade vital — similar à de alimento e bebida — da «justa» relação com as duas principais fontes de vida: Deus e os outros. Primeiro, com Deus, porque, sem Ele, facilmente falha ou se perverte a relação com os outros. Veja-se o que se passa por esse mundo além, em que o outro é visto em função de mim, do proveito que me dá; se nada me dá ou me dá o que não me agrada, ignoro-o ou até desfaço-me dele. Uma atitude que se inverte, se me deixar conquistar por Deus, pelo amor que o identifica. Assim transformado por Ele, amo-o com todo o meu ser e amo o próximo como Ele o ama e eu próprio preciso de ser amado. Trata-se do cumprimento da vontade de Deus, resumida no duplo mandamento do amor, exposto no decálogo e ratificado por Jesus, o Emanuel, por palavras e acções. Em suma, apenas no seu reino, em que Ele é o Emanuel, podemos

saciar a fome e a sede desta justiça e ser felizes, para fazermos os outros felizes.

FELIZES OS MISERICORDIOSOS (MT 5, 7)

19 É a primeira oferta de felicidade do segundo grupo, em que, (já) felizes pelo bem recebido de Deus, nos tornamos (mais) felizes pelo bem que fazemos aos outros. Como acontecia com a pobreza, também aqui a misericórdia é nuclear: abarca todas as relações inter-humanas, está na base do acolhimento feito aos outros.

Trata-se da misericórdia com origem na *fé que actua pelo amor* (Gl 5, 6). Como tal — diz o Papa Francisco — é «a manifestação mais perfeita da graça interior do Espírito» e, consequentemente, «a maior de todas as virtudes». A afirmação é de São Tomás de Aquino, que o Papa continua a citar: «Em si mesma, a misericórdia é a maior de todas as virtudes: na realidade, compete-lhe debruçar-se sobre os outros e — o que mais conta — remediar misérias alheias. Ora, isto é tarefa especialmente de quem é superior; é por isso que se diz que é o próprio Deus a usar de misericórdia e é, sobretudo nisto, que se manifesta a sua omnipotência»[39].

Essa é também a origem da felicidade de quem é misericordioso: a participação no ser de Deus, na sua omnipotência, naquilo que o faz «feliz», na acepção original do termo. Mas, quantas vezes recebemos misericórdia também daqueles com os quais somos misericordiosos! Nisso está o seu poder: o de converter o outro ao bem, pelo bem que lhe faço, sem outra razão ou intenção, senão a do bem que lhe quero. Aliás, sem esta genuinidade e gratuidade, não seria misericórdia autêntica aquela que deriva da *fé que actua pelo amor* (Gl 6, 5).

20 É essa, de facto, a função das três Bem-aventuranças seguintes:

39. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, n. 37; cf. TOMÁS DE AQUINO — *Summa Theologiae*, II-II, q. 30, a. 4.

explicitar a misericórdia, de onde parte e a que leva, na tríplice relação humana — com o próprio, com os outros e com Deus —, necessária para se ser feliz.

- *Os puros de coração* (Mt 5, 8). Na tradição bíblica, o *coração* é o centro da minha vida, a sede do que sinto, mas também do que conheço e quero, o lugar das minhas decisões. É *puro* se houver sintonia entre o que nele penso e quero e o que depois faço. No caso da «misericórdia» — palavra composta de «miséria» (de outrem) e (meu) «coração» —, ela só é autêntica se, no meu coração, estiver apenas a miséria do outro e, como único desejo, o bem que lhe quero. Nunca o proveito que possa tirar disso a não ser a felicidade de passar assim a *ver (mais) a Deus*, isto é, a participar da incondicional misericórdia com que Ele, de coração, a todos acolhe, a começar pelos mais miseráveis.

- *Os que fazem a paz* (Mt 5, 9). Na visão bíblica, a *paz* é o maior bem humano, porque te põe, primariamente, em harmonia com os outros. Ao mesmo tempo, pressupõe e inclui a harmonia contigo próprio, com a natureza e com Deus. Por isso, os judeus ainda hoje se saúdam com a palavra *chalôm*, expressiva dessa paz tão necessária para a vida. Pelas mesmas razões, *fazer a paz* com quem estás desavindo ou entre pessoas (ou comunidades) em conflito, só te pode fazer *feliz*... e, como tal, *seres chamado*, que é o mesmo que dizer: *seres* (identificado como) *filho de Deus*, que a todos ama e acolhe na sua infinita misericórdia.

- *Os perseguidos por causa da justiça* (Mt 5, 8). É a mesma justiça referida, também em quarto lugar, na primeira série das Bem-aventuranças (Mt 5, 6): a «justa» relação com os outros e, sobretudo, com Deus. É nesta última perspectiva que ela se conjuga perfeitamente com a misericórdia, por fazer parte do misericordioso amor de Deus, o amor que se «ajusta» às necessidades da pessoa amada. Se antes eram a fome e a sede

desta justiça que nos faziam felizes, agora é a sua prática — com todas as «injustiças» que isso tantas vezes causa e das quais sofriam, com particular intensidade, os cristãos destinatários do Evangelho de São Mateus[40]. Animava-os a certeza de que, deste modo, já *deles é o reino dos céus*, o reino em que Jesus vencera a morte para sempre, por nela ter dado a vida, na sua eterna misericórdia.

FELIZES PELA ORAÇÃO DO ACOLHIMENTO

21 O Papa Francisco chama às Bem-aventuranças o «portal de entrada» para o sermão da montanha, onde, por sua vez, «Jesus condensa os aspectos fundamentais da sua mensagem»[41].

De facto, no sermão da montanha, Jesus desenvolve, em perspectiva bíblica — isto é, como pleno cumprimento da *Lei e dos Profetas* (Mt 5, 17-19) —, os mesmos temas introduzidos nas Bem-aventuranças. Mas, em ordem inversa:

- Primeiro, trata das justas relações inter-humanas: com especial insistência na paz, que exige reconciliação, renúncia à vingança e amor aos inimigos, e na pureza de coração, mormente nas relações intraconjugais e na renúncia ao juramento[42].

- Segue-se a justa relação com Deus, isto é, a total dependência dele:
  a) nas boas obras, em que a oração está no centro — entre o jejum (em que cuido de mim) e a esmola (que dou aos outros); nas obras que praticamos não para sermos *vistos pelos homens*;

40. Pelo menos é o que se pressupõe de Mt 5, 11s, onde se repete o conteúdo do versículo anterior, mas com mais pormenores e na segunda pessoa do plural, isto é, dirigindo-se directamente aos leitores.

41. FRANCISCO – *Catequeses sobre o Pai-Nosso*, Secretariado Nacional de Liturgia 2019, p. 13.

42. Vide, para a primeira série, Mt 5, 21-24, 38-42 e 43-48 e, para a segunda, Mt 5, 27-30, 31s e 5, 33-37. Repare-se como o tema da paz é tratado no princípio e no fim e envolve, deste modo, a pureza de coração. Sem esta, dificilmente se alcança a verdadeira paz.

b) no trato com os bens materiais, na medida em que não nos deixamos escravizar por eles, mas confiamos na comprovada providência do *Pai celeste*;
c) no respeito pelo outro, nomeadamente no modo como o julgamos e naquilo que lhe damos, necessitando para isso de estarmos em persistente sintonia com o *Pai que está nos céus*[43].

Assim sendo, há uma interdependência na dupla relação com Deus e com os outros. Talvez seja essa a razão por que Jesus conclui a relação com os outros exortando-nos: *Portanto, sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito* (5, 48). Por sua vez, conclui a relação com Deus com a regra de ouro: *Portanto, o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-lho vós também; pois esta é a Lei e os Profetas* (7, 12). Aliás, só assim se pode compreender a perfeição que nos exige: não a de tentar colocar-nos no patamar do Pai celeste — o que seria impossível e até pecaminoso —, mas a perfeição que parte da total sujeição de fé a quem infinitamente nos ama e que, deste modo, passa a reinar e a agir em nós com o seu amor, mormente no trato com os outros.

Para isso deu-nos Jesus, o Emanuel, o seu evangelho do reino, a boa nova que vai expor-nos ao longo de todo o livro e nos torna felizes. Mas, antes disso, ensina-nos como rezar e o que pedir na oração dirigida ao nosso Pai que está nos céus.

22 Que o Pai-Nosso (Mt 6, 9-13) está exactamente no centro do sermão da montanha, vê-se já pelo número de versículos que o precedem e lhe sucedem: 56 até ao seu início e 54 depois. Além disso, faz parte da oração, que, entre as boas obras de que fala Jesus, ocupa o lugar central e é precedido e seguido de breves comentários sobre pontos centrais do seu conteúdo.

Mas, está no centro, acima de tudo, porque nele se completa o círculo do acolhimento: reconhecidos a Deus por nos acolher, somos

43. Cf. Mt 6, 1-4. 16-18., 19-34; 7, 1-11.

nós que agora, pela oração, o acolhemos, para que continue a ser o Deus acolhedor, acolhendo-nos nas principais necessidades da nossa vida. E, simultaneamente, os que lhe rezamos, acolhemo-nos mutuamente, desde o início, com a invocação *Pai* (e) *nosso*.

A invocação — *Pai nosso que estais nos céus* — identifica também o nosso Deus, que é, ao mesmo tempo, imanente — *Pai nosso* — e transcendente — *que estais no céus*. Começamos por reconhecer-lhe a imanência, porque nela Ele transcende tudo e todos, como Deus que sempre esteve e está com os seus e agora, de modo único, em Jesus Cristo, o *Emanuel — Deus connosco*.

A tais aspectos identificativos de Deus correspondem as duas partes em que estão agrupadas as seis preces[44]:

- As três primeiras (Mt 6, 9c-10) elevam-nos ao céu, ao Deus transcendente, pela santidade única que o identifica (o nome, como identificação). É uma santidade que nos leva a reconhecê-lo como Rei supremo, cuja vontade, por isso, deve ser feita. Tudo converge, pois, para a prece central: *venha a nós o vosso reino*. Deixemos que Ele reine em nós, no nosso mundo, não tentando pressioná-lo com muitas palavras (Mt 6, 7s), para dele recebermos os bens de que necessitamos na terra onde vivemos.

- De facto, é à terra que descemos nas três preces seguintes (Mt 6, 11-13), tantas quantos os bens de que necessitamos para viver: o pão, o mais elementar para nos mantermos como pessoas; o perdão, como condição extrema para o indispensável convívio com os outros; a rejeição do Maligno, que tenta separar-nos de Deus. Também aqui tudo converge para a prece central: *Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*. O perdão é o amor na sua expressão máxima

44. O número das preces é discutível. Há quem reconheça que são 7 — como se refere no *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2759 —, considerando as duas últimas frases — *não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal* – como duas preces. Porém, o adversativo «mas» faz das duas frases, na opinião de muitos, uma só prece, com um dado negativo — o que «não» se quer — substituído por outro positivo.

e mais difícil: o amor com que partilhamos os bens pessoais; o amor com que respondemos ao Deus que tanto nos ama. Daí a insistência de Jesus a seguir à oração: só perdoando aos outros, Deus nos perdoa — isto é, o seu perdão age em nós (Mt 5, 14s).

Dada a sua importância, não te canses de rezar esta oração, a mais excelente oração do acolhimento, para colaborares na realização do que nela pedes, o que, decerto, com persistência, conseguirás. A garantia é dada pelo próprio Jesus: *Pedi e ser-vos-á dado, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á. (...) Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas àqueles que lhe pedem!* (Mt 7, 7.11), para os fazer felizes.

FELIZES PELA PRÁTICA DO ACOLHIMENTO

23 O sermão da montanha termina com Jesus a apelar insistentemente à prática dos seus ensinamentos. Basta ver como Ele usa, em Mt 7, 13-27, o verbo *fazer/praticar* — em grego, *poiéin* — por nove vezes. A isso junta imagens com sentido idêntico: *caminho*, para procedimento ou prática de vida (Mt 7, 13s); *frutos* da árvore (e dos profetas) como seus produtos (Mt 7, 15-20); *construção* de obras, como em casas.

Em suma, mais importante que falar e ouvir é fazer, operar. Aplicado ao acolhimento, como expressão do amor: ou se pratica ou não existe. Sem existir, não pode fazer-nos felizes. Dito de outro modo: vida sem obras — mas boas! — é vida falhada. É como uma árvore sem bons frutos, que assim não dá garantias de sobrevivência, uma vez que é (sobretudo) pelos frutos que se reproduz. Assim acontece com a nossa vida, como nos avisa Jesus: *Nem todo o que diz: «Senhor, Senhor», entrará no reino dos céus* — ou seja, será feliz —, *mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus* (Mt 7, 21).

É verdade que, dito assim, Jesus quer referir-se, primeiramente, ao final da nossa vida terrena. Mas, isso pode perfeitamente aplicar-se ao percurso até lá, já que, sem ele, não há fim que se atinja. Daí as

suas palavras: *Prudente é o homem que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e abateram-se sobre aquela casa; mas mão caiu, porque estava fundada sobre a rocha.* Esse homem é *aquele ouve estas minhas palavras* (do sermão da montanha) *e as põe em prática* (Mt 7, 24-26). Só assim se está em condições de não vacilar perante as tempestades da vida. Como elas são tantas e, por vezes, tão duras!

24 Jesus é, obviamente, o primeiro a fazer o que diz. Talvez fosse por isso que, reagindo ao discurso de Jesus, *as multidões estavam perplexas com o seu ensinamento, pois ensinava-os como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei* (Mt 7, 28s). A autoridade era provavelmente a que decorria da coerência entre o conteúdo do ensino e a sua prática (Mt 23, 23).

Nesse sentido, Jesus surge, logo de seguida, a realizar o que acabava de ensinar, isto é, a anunciar e a iniciar o reino dos céus pelas boas obras que, qual Emanuel, ia praticando (Mt 8, 1 — 9, 34). Contemplemo-las nos quatro blocos em que estão agrupadas, correspondentes a outros tantos aspectos do reino:

- Em Mt 8, 1-19 temos três manifestações do poder de Jesus, em que Ele rompe com uma série de fronteiras, para a todos acolher no reino dos céus, incluindo três marginalizados: um leproso, intocável até devido ao perigo de contágio; o servo de um centurião, pagão e membro do exército romano, ocupante e opressor; a sogra de Pedro, menos considerada por ser mulher. Ao primeiro manda-o mostrar-se ao sacerdote para ser reintegrado na vida do seu povo, que incluía o culto no templo; ao segundo, louva-lhe a fé, por Ele nunca antes vista entre israelitas; à sogra de Pedro, põe-na a servir, uma das ocupações mais apreciadas entre os cristãos. Estamos assim no reino de Deus, que de todos é Senhor — pelo Emanuel, que humanamente era *filho de Abraão* (Mt 1, 1), pai de todos os povos.

- Em Mt 8, 18-34 descrevem-se três episódios em que entra o chamamento para seguir Jesus e, posteriormente, ser mensageiro do seu reino: no primeiro, Jesus indica as condições para o seguirem: total desprendimento do bem-estar material e até dos deveres familiares; no segundo, exige confiança plena perante os perigos por que passa quem o segue: semelhantes aos da forte tempestade durante a travessia do mar; no terceiro, respeita a liberdade na resposta à vocação: rejeitada pelos habitantes da terra pagã em que tinha curado dois possessos. Já no sermão da montanha, dirigido primeiramente aos discípulos, Ele aludira ao que iriam sofrer por causa da justiça, mas para serem felizes!

- Em Mt 9, 1-17 sabemos, em três episódios, que, na origem desse sofrimento, está a contestação à mensagem e à conduta de Jesus e dos discípulos, por parte de defensores rigorosos da Lei: no primeiro, porque Jesus arroga o poder, exclusivamente divino, de perdoar os pecados a um paralítico; no segundo, porque acolhe e come com publicanos e pecadores, depois de chamar um deles, Mateus; no terceiro, porque se diferencia dos fariseus na (não) prática do jejum. Mas, a verdade é que Ele está a fazer o que antes ensinara: que ao paralítico não basta a saúde física, sem a comunhão com Deus, destruída pelo pecado; que a misericórdia é que faz realmente feliz quem a pratica e quem a recebe; e que, com Jesus, o Emanuel, se participa já no tão ansiado reino de Deus, em que, como tempo de festa que é, não há lugar para o jejum.

- Em 9, 18-34 há três novas manifestações do poder de Jesus que reforçam as três iniciais, porque não só são duplas (as duas primeiras), como também em todas elas se acentua a necessidade e o poder da fé. São elas: a cura de uma mulher que sofria de hemorragias havia doze anos, juntamente com a ressurreição de uma menina de doze anos, ambas mulheres, ambas incapacitadas para a vida — porque infecunda ou já perdida —, embora a segunda provavelmente filha de pai pagão; a cura de

> dois cegos, que, depois do apelo à misericórdia de Jesus e já a ver, se entregam ao seu anúncio; a cura de um endemoniado mudo, isto é, limitado na capacidade de se comunicar. São sintomáticas as reacções opostas que se lhe seguem: por um lado, a admiração da parte das multidões e, por outro, a crítica da parte dos fariseus, que até o poder de Jesus para exorcizar atribuem ao demónio.

Assim são traçados os géneros de acolhimento a que os discípulos vão, de seguida, estar sujeitos, depois de enviados em missão por Jesus. Hoje, somos também nós, tanto eu como tu, esses discípulos, que, inclusive nas contrariedades, desejamos e podemos ser felizes. Assim Deus nos ajude!

III

O ACOLHIMENTO DA MISSÃO

UMA MISSÃO DADA POR DEUS

25 Em vez do título *O acolhimento da missão* — o primeiro passo para a formação da Igreja — poderia muito bem inverter-se a ordem das palavras para *A missão do acolhimento*. Na verdade, ou há acolhimento em tudo o que a Igreja faz na sua actividade missionária, ou esta não é a missão a que Jesus a envia e em que ela se manifesta como «Igreja»[45], assembleia de convocados ou acolhidos por Deus, mas para a todos acolher, de tal modo que os seus membros passem de acolhidos a acolhedores de novos participantes no reino de Deus.

26 O próprio Jesus orienta-nos para isso no chamado «discurso de missão» (Mt 9, 35 — 11, 1), a começar pelos indicadores da origem divina da missão:

- A sua inserção na actividade evangelizadora de Jesus — isto é, quando Ele *percorria todas as cidades e povoações, ensinando nas sinagogas, proclamando o evangelho do reino e curando toda a doença e enfermidade* (Mt 9, 35; 4, 23). É nessa proclamação que Ele se revela e age como *Emanuel — Deus connosco*, uma vez que é de Deus o reino por Ele iniciado, mediante o ensino e as curas.

45. «Igreja» provém do termo grego *ek-klesía*, aplicado na Grécia antiga à assembleia representativa do povo.

- A compaixão de Jesus como motivação: *Ao ver as multidões, compadeceu-se delas até às entranhas, porque estavam cansadas e oprimidas como ovelhas que não têm pastor* (Mt 9, 36). Uma vez que é nas entranhas que mais se condensam os órgãos vitais, as multidões, cansadas e oprimidas, passam a integrar a vida de Jesus. O que é dito acerca de Jesus diz-se de Deus, misericordioso especialmente para com *os pobres no espírito*, para também eles se tornarem *misericordiosos* e *felizes*, no reino de Deus (Mt 5, 4.7).

- A oração que Jesus nos exorta a fazer *ao Senhor da seara, para que mande trabalhadores para a sua seara*, porque *a seara é grande* (Mt 9, 37s). Grande — primeiro e sobretudo, em sentido quantitativo — porque inclui a humanidade inteira, da qual Deus é Criador e Senhor e se quer tornar pastor, com Jesus, o Emanuel. Mas, também é grande, possivelmente pela grandeza do amor com que Jesus se entrega à actividade salvífica. Esta oração inclui, por isso, o compromisso de colaboração, não só na conquista de mais trabalhadores, mas também na missionação, que só é possível em comunhão com o Senhor da seara.

Por isso Te dou graças, Senhor, por me teres escolhido, chamado e enviado a colaborar na tua obra salvífica. Que eu — seja bispo, padre, religioso ou religiosa, consagrado ou consagrada, ou fiel leigo — esteja à altura da missão que, por tua graça, me conferes. Enche-me, para isso, daquela entranhada compaixão com que Tu, Senhor, deste a vida por mim e por todos aqueles a quem me envias.

UMA MISSÃO PARA TODOS OS CRISTÃOS

27 Sabemos que a missão é de todos, antes de mais, porque eram *doze* os discípulos que Jesus chamou para ela (Mt 10, 1-4). Doze era o número das tribos do povo de Deus da antiga aliança, cada uma conhecida pelo nome de um dos doze filhos de Jacob ou de Israel. Estes eram, portanto, personagens corporativas, isto é, em que se incorporavam e identificavam pessoas ligadas por afinidades, não necessariamente (só) de sangue, mas de outras, como linguísticas e culturais, que as unia numa tribo. Assim acontece também com o povo de Deus renovado por Jesus, a sua Igreja. Foram doze os discípulos por Ele chamados, para que os cristãos de todos os tempos e lugares neles se revejam. A missão dos doze é a sua, a nossa missão.

São, a seguir, chamados *apóstolos*, apenas porque *enviados*. Não se trata (ainda) de um título, mas de uma função, uma missão para a qual Jesus de novo os chama[46]. De novo, porque Ele já os tinha chamado para o seguirem como discípulos. Mas, com o objectivo de fazer deles *pescadores de homens* (Mt 4, 19), isto é, de salvarem quem corre perigo de vida, «afogado» por toda espécie de males, a mesma missão de Jesus, como [Emanuel — Deus connosco].

Depois de os ter preparado para isso, mediante o ensinamento no monte e a prática do que aí ensinara (Mt 5 — 7; 8, 1 — 9, 34), volta agora a chamá-los para mais junto de si[47]. Daí resulta uma nova identidade, como em toda a vocação. Passam a ser também «apóstolos», discípulos enviados, verdadeiros discípulos. Discípulos que, como o Mestre, não anunciem o evangelho, negam-se a si mesmos. Quem, acolhido por Deus, não passe a ser acolhedor dos outros, rejeita o acolhimento recebido de Deus.

---

46. «Apóstolo» é a transliteração do grego *apóstolos*, particípio do verbo *apostélein*, que significa «enviar». Não volta a aparecer em Mt, o que significa que não é visto ainda como título e, como tal, não se reduz aos Doze. Tanto o título como a sua limitação a doze aparecem apenas na obra de São Lucas (Evangelho e Actos dos Apóstolos). De resto, o título começou, provavelmente, por ser atribuído àqueles a quem Jesus ressuscitado aparecia para os constituir suas testemunhas. Assim aconteceu com São Paulo, que nem sequer conhecera Jesus antes da sua morte e ressurreição.

47. É o mesmo verbo *kalein*, «chamar»: em Mt 4, 21 (o primeiro chamamento), na sua forma simples, e, em Mt 10, 1, com o prefixo *pará*, indicativo de proximidade e até de intimidade.

28 Foi nessa intimidade que Ele, o Mestre e Senhor, lhes deu — um dom! — *autoridade* para fazerem o que Ele fazia: *expulsar espíritos impuros e curar toda a doença e enfermidade*, isto é, restabelecer a comunhão, com Deus e com os outros, pela pureza; e a integridade e energia pessoal, pela cura. Esta permitia ao acolhido e agraciado dedicar-se mais e melhor a restabelecer a comunhão.

De acordo com o Papa Francisco, «o bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se»[48]. É assim que, da evangelização, nascem novos evangelizadores. Neles, a vida alarga-se e prolonga-se numa cadeia interminável, a caminho da eternidade, da verdadeira vida, porque sem limites. É que «a vida alcança-se e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros»[49].

Está aí a fonte da felicidade que é própria de Deus e se apodera dos pobres no espírito que Ele acolhe, para os fazer acolhedores pela prática da sua misericórdia e serem mais felizes (Mt 5, 3-10). Razão tem, por isso, quem, na Igreja ou fora dela, se dedica a fazer o bem e depois confessa: «recebi muito mais do que aquilo que dei!».

Obrigado, Senhor, por termos pessoas destas na tua Igreja, incluindo na nossa Diocese: cristãos que, em todas as áreas da vida eclesial — formativa, celebrativa e sócio-caritativa — se desdobram, para, dedicadamente e de tantos modos, se oferecerem aos outros e, nisso, são (mais) felizes! Ajuda-as a conquistar outros para a mesma doação e felicidade, mormente os muitos que, entre nós, ainda se contentam com um cristianismo de consumo, sem efeitos vivos e vivificantes em si e nos outros. Que todos sejam evangelizadores, acolhendo-te e acolhendo os outros como Tu nos acolhes!

---

48. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, n. 9.

49. V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE — *Documento de Aparecida*, n. 360; cf. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, n. 10.

UMA MISSÃO PELO TESTEMUNHO DE VIDA

29 «Testemunha» é quem tem conhecimento — sendo possível, experiencial — daquilo que atesta. O seu testemunho é tanto mais credível quanto mais se manifesta, na sua própria vida, aquilo que atesta e de que vive. É este testemunho que Jesus pede aos discípulos, ao enviá-los a anunciar o evangelho do reino de Deus:

- Em relação aos seus destinatários (Mt 10, 5s): Nem *pagãos*, nem sequer os vizinhos *samaritanos*, só *as ovelhas perdidas da casa de Israel*. É estranho! Até porque esta exclusão está em total contradição com dois episódios de especial relevo — porque, de permeio, está incluído todo o livro —, episódios esses que mostram como o evangelho é para todos: no início, são os magos, pagãos, a reconhecerem Jesus como Rei e Senhor, ao contrário dos judeus (Mt 2, 1-10); no fim, é Jesus ressuscitado a ordenar aos discípulos: *ide, fazei discípulos de todos os povos* (Mt 28, 19). Como se explica a contradição? Possivelmente, a resposta encontrar-se-á na mundividência própria da comunidade destinatária do Evangelho de São Mateus. O texto foi escrito, nos anos 80, para cristãos, muitos deles de origem judaica, mas em duro conflito com os responsáveis e a maioria dos membros do Judaísmo de então. Não admira que esses cristãos vissem nesses judeus — porque inimigos e, talvez, até perseguidores — *ovelhas* realmente *perdidas*. Assim sendo, a ordem para os cristãos se dirigirem apenas a eles só pode significar: não os excluam; têm afinal as mesmas Escrituras que Jesus cumpriu plenamente. Em suma, o evangelho era o mesmo para todos os povos, incluindo o mais próximo. É que Jesus, enquanto *filho de Abraão* (Mt 1, 1), considerado pai de todos os povos, derramara o seu sangue para a todos salvar (Mt 26, 28), a começar pelos que mais precisam, por andarem perdidos.

- Em relação ao conteúdo do evangelho (Mt 10, 7-8d): *Está pró-*

ximo o reino dos céus. É a mesma boa nova antes proclamada por Jesus — e até por João Baptista (Mt 4, 17; 3, 1). No caso de Jesus, com um apelo à conversão, a partir das suas acções, as mesmas que agora manda aos discípulos fazer: *Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios*. É assim que o reino dos céus está em aproximação[50]. Além de terem visto Jesus a fazer o mesmo, os discípulos ainda recebem dele a autoridade para o realizar. São assim constituídos suas testemunhas no sentido mais completo do termo: não se limitam a falar das acções de Jesus, mas realizam-nas. Inclusive, com o mesmo objectivo: conduzir as pessoas curadas, ressuscitadas, purificadas e libertas do poder do mal, à conversão de fé em Deus e de amor aos outros. Sendo a mesma entrega de Jesus a Deus e aos outros, também ela deve manifestar-se nas testemunhas, ser parte do seu testemunho.

- Em relação ao motivo da evangelização (Mt 10, 8e-10): *Recebestes de graça, dai de graça*. A gratuidade baseia-se numa tal confiança em Deus e no amor aos outros que rejeita qualquer tentação de se aproveitar do bem que se faz para proveito próprio[51]. Primeiro, no campo financeiro: *Não procureis ouro, prata ou cobre* (de que se faziam as moedas) *para guardar nos vossos cintos* (com a algibeira). Em segundo lugar, na indumentária: *nem bolsa* (com alimentos) *para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bastão* (para defesa). Qual a razão para tal desprendimento? *O trabalhador é digno do seu sustento*. Digno, não só pelo trabalho que se faz, mas fundamentalmente pelo motivo por que o faz: o amor, que não se poupa a esforços, nem é comercializável. Mormente, o amor de Jesus, que esgotou a

50. O verbo traduzido por «está próximo» é, no original grego, um pretérito perfeito, o tempo verbal expressivo de um facto já realizado no passado, mas com efeitos no presente. De facto, a decisão de Deus de (re-)estabelecer o seu reino foi já tomada. A sua concretização neste mundo foi iniciada por Jesus, mormente com a sua vitória sobre a morte, que deu origem à Igreja que dela vive. Mas, só no final dos tempos se consumará.

51. Isto é, uma rejeição perfeita, já que são 7 (número perfeito) as coisas rejeitadas.

vida para *salvar o seu povo dos seus pecados* (Mt 1, 21). É com esse amor que Ele nos atrai e transforma em testemunhas do mesmo amor, pela sua vivência.

- Em relação ao modo de evangelizar (Mt 10, 11-15). Para que o testemunho resulte deve procurar-se:
  a) encontrar *alguém digno*, isto é, em condições de acolher o evangelho — por exemplo, pelas carências de que sofre;
  b) entrar na sua *casa*, onde é mais fácil aperceber-se das condições em que vive (saúde, habitação) e estabelecer um contacto personalizado, o mais adequado ao testemunho, e que este dê frutos;
  c) *saudar* quem nela habita, como alavanca para um diálogo que una as pessoas na *paz* que se lhes deseja, a paz do reino de Deus assim anunciado. Mas, que fazer quando alguém o rejeita? Sacudir dos pés o pó da cidade em que habita, para não se ficar afectado pela rejeição, mas com a certeza das terríveis consequências para quem o rejeita. Uma certeza que é um aviso, inclusive para quem evangeliza: há que tentar mais vezes. O amor de Deus que o move é ilimitado e invencível.

30 Graças, Senhor, pelo testemunho que tantos cristãos dão de ti, do teu evangelho:

Graças, porque o anunciam com a sua própria vida: vencendo a tentação do comodismo e renunciando ao conforto, tantas vezes merecido e necessário, para se darem aos outros, sobretudo aos que mais precisam de ti e por ti mais anseiam, quiçá sem disso terem consciência. E são tantos, Senhor!

Graças, porque assim mostram ao mundo quanto nos amas: pelo bem que os levas a realizar, com uma dedicação só possível em ti. Quantas pessoas, Senhor, deste modo se têm deixado atrair e transformar por ti, para também elas se darem aos outros e, assim, encontrarem um rumo para as suas vidas, que os faz verdadeiramente felizes!

Graças, pela gratuidade com que tantos se entregam ao teu serviço, sobretudo os que assumimos esse compromisso — bispo e padres. Graças, por nos dispormos a fazê-lo, não onde gostaríamos, mas onde somos precisos, nada nos movendo, nem compensações financeiras, nem prestígio, a não ser o bem daqueles que servimos.

Graças, por tanto nos inspirares, para ajudarmos os homens e as mulheres que acolhemos nas nossas vidas, a fazer de tristezas alegrias, de angústias esperanças, com a força e a luz que de ti nos vêm, Tu que fizeste da morte mais atroz e ignominiosa a maior prova de amor, a vitória definitiva da vida.

Quanto mais graças te damos, Senhor, mais nos confiamos à tua graça, para que faça de nós, sempre e em toda a parte, testemunhas credíveis do teu Evangelho, para tua maior glória e salvação de todos, incluindo os que te rejeitam, a ti e a nós!

UMA MISSÃO SUJEITA A PERSEGUIÇÕES

31 Que todo o missionário está sujeito a ser rejeitado e até perseguido — sobretudo, quando se torna incómodo com a mensagem que transmite, ao pôr em causa situações e interesses instalados —, vê-se pela longa história da Igreja, com o seu infindável rol de perseguições. Aliás, o mesmo aconteceu com o seu fundador, Jesus Cristo. Inclusive, a própria Igreja nasceu da perseguição em que Ele, dando a vida por todos, a ganhou para sempre.

Talvez seja essa a razão por que Jesus dedica ao tema quase dois terços deste discurso de missão. Primeiro, para falar das perseguições (Mt 10, 16-23) e, depois, do modo como enfrentá-las e do proveito que delas se pode tirar (Mt 10, 24-42).

32 Para Jesus, as perseguições são inevitáveis. Assim se conclui pelo modo como as introduz: *Eis que Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos* (Mt 10, 16). Começa com um «eis» de chamada de atenção, repete o verbo «enviar», identificativo do apóstolo (= enviado), e serve-se de

uma imagem de forte impacto emotivo. Só de imaginar, já arrepia ver a *ovelha* rodeada *de lobos*. Tem a vida por um fio, uma questão talvez de minutos. Sem esquecer a crueldade de se ver devorada.

Como reagir? Equilibrar a atenção e a astúcia de uma serpente com a simplicidade e a serenidade de uma pomba; isto é, mantendo-se atento, sabendo o que pode suceder, e, simultaneamente, calmo, na certeza de que a desgraça pode tornar-se uma graça. Isto, em dois âmbitos da vida:

a) *A nível público* (Mt 10, 17-20). Quando São Mateus escreveu o seu Evangelho, os cristãos tanto podiam cair nas malhas do poder religioso judaico como do poder civil estatal. No primeiro, com o sinédrio e as sinagogas, o castigo permitido e mais comum eram 39 chicotadas. No segundo, com governadores e reis, podiam ser condenados à morte. Havia, pois, que estar preparado: aproveitar a oportunidade para dar (mais) testemunho de Cristo; mas, sem perder a calma, já que podia contar com o Espírito Santo, para que a defesa fosse realmente eficaz, isto é, o testemunho produzisse os efeitos desejados.

Hoje, são diferentes, entre nós, os ataques aos cristãos. Mas, não menos perigosos. Antes de mais, porque, maioritariamente, partem de uma larga comunicação social, focada não apenas em denegrir a Igreja, mas, sobretudo, em propor modelos de vida e de felicidade contrários aos do evangelho. Infelizmente com sucesso. Veja-se o modo de viver mundano de cada vez mais cristãos, inclusive de responsáveis da Igreja. São por isso de rejeitar? A conduta, sim; as pessoas, nunca. Pelo contrário, só pelo acolhimento, constitutivo do evangelho, podem converter-se a uma prática de vida, em que sejam realmente felizes... e pela qual tantos anseiam, sem talvez disso terem consciência[52].

52. Cf. OLIVEIRA, Anacleto – *Somos Igreja que Evangeliza*, nn. 4-11 e 37-54.

b) *A nível familiar* (Mt 10, 21-23). Na comunidade de São Mateus, até a família — tão imprescindível para a sociedade e para Igreja, então ainda mais do que hoje —, até ela podia ser desmantelada: quando os seus membros se convertiam à fé e, por isso, eram vítimas de traições, ódio e morte da parte dos outros. Havia, pois, que estar preparado: se necessário, para deixar de vez a família e até a sua terra, mas também, neste caso, sem alarmes, na certeza de que, perseverando, se salvariam e de que podiam contar com o apoio de Cristo, o Emanuel que nunca abandona os seus, mormente em actividades missionárias.

Entre nós, hoje, é mais rara e branda a oposição familiar por razões cristãs. Embora com certa tendência para aumentar, devido principalmente à redução do número dos membros da família e à consequente dificuldade de apoio dos pais em relação aos filhos na vocação para uma vida toda ela consagrada ao Senhor. Mas, temos a família mais ampla da Igreja. Aí, o evangelho nem sempre se reflecte nas relações entre membros de paróquias e de movimentos, de congregações religiosas e do presbitério diocesano. Não tanto por violência física, mas por outras razões não menos mortíferas: mexericos e maledicências, calúnias e boatos infundados, quando separados; mentiras e ofensas, arrogâncias e desprezos, quando juntos. Que fazer para acabar com tudo isto?

Eu te suplico, Senhor, que me acolhas tal como sou. Que eu te acolha na minha vida, como único Senhor, a quem devo tudo o que tenho e sou, como bispo ou padre, religioso, consagrado ou fiel leigo. Se tudo te devo, livra-me, Senhor, de jamais te perder de vista, no que penso, digo e faço, como testemunha do teu Evangelho. Livra-me também de perder de vista aqueles aos quais me envias. Que eu procure apenas o seu bem, o bem que tanto lhes queres e me envias a fazer-lhes. Então, sim, com os olhos e o coração postos somente neles e em ti, estarei em condições de me entender com aqueles que

Tu, como a mim, envias como testemunhas do teu Evangelho. Que feliz ficarei, Senhor, ao ver como aqueles a quem me envias se rendem e convertem ao teu amor, o amor que lhes transmites por meio de mim, aquele amor com que nos unes na tua Igreja santa!

UMA MISSÃO COM A PRESENÇA DE JESUS

33 Quem envia torna-se presente no enviado, passa a ser por ele re-presentado. Era esta a convicção dos primeiros cristãos, influenciados pela concepção judaica do profetismo. Segundo tal concepção, o profeta é porta-voz de Deus, a boca pela qual Ele fala. Os cristãos diziam o mesmo do apóstolo. Sobretudo, na medida em que ele era constituído nessa missão pelo conteúdo da mensagem que iria anunciar: o amor manifestado por Deus na morte e ressurreição de Cristo. Foi esse amor que, ao ser recebido pelo apóstolo na sua vocação, transformou de tal modo a sua vida que esta passou a consistir numa vivência do evangelho. O apóstolo fala do que vive e se vê na sua vida.

Um dos exemplos mais claros é o de São Paulo. Escreve o Apóstolo aos cristãos de Corinto: Na medida em que *Deus por Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o serviço da reconciliação (...), confiando-nos a palavra da reconciliação*, é por isso que agora *somos embaixadores de Cristo, é Deus quem vos exorta por nosso intermédio*. Ao dirigir-se aos leitores que estavam em litígio com ele, exorta-os de facto: *Nós vos pedimos em nome de Cristo: deixai-vos reconciliar com Deus* (2 Cor 5, 19s). É que, reconciliando-se com Deus, tinham de reconciliar-se com o seu servidor ou apóstolo[53].

53. «Servidor» – em grego, *diákonos* — é o título preferido por São Paulo em 2 Cor, para exprimir a sua condição de apóstolo (cf. 2 Cor 3, 6; 6, 4; 11, 23). Na palavra «reconciliação» (entre Deus e os homens) resume o conteúdo do Evangelho (chamado *palavra da reconciliação*) de que era apóstolo (como *servidor da reconciliação*). Como tal, transmitia na vida aquilo de que vivia. Na sua transmissão, era Deus quem agia, oferecendo a sua reconciliação àqueles a quem o Apóstolo se dirigia.

34 De modo semelhante apresenta-se Jesus no discurso de missão (Mt 10, 24s), embora usando outras duas imagens: a de mestre e senhor, que é Ele, a que corresponde a de discípulo e servo, que somos nós. Mas, até as diferenças hierárquicas Jesus desfaz: *Basta ao discípulo ser como o seu mestre e ao servo ser como o seu senhor* (Mt 10, 25). Uma igualdade, porém, que pode causar dissabores, como o de chamar *Belzebu*, príncipe do mal, não só ao mestre, mas também ao discípulo e, como tal, a rejeitá-lo. Podemos, por isso, perguntar ao nosso Mestre e Senhor: como reagir nesses casos? Eis a resposta: *Não tenhais medo!* É-nos dada em três ocasiões, na primeira pessoa:

— *Não tenhais medo*, porque está em jogo a razão de ser da vossa condição e missão de apóstolos: o evangelho que, em privado, recebestes de mim e do qual viveis, é para ser proclamado publicamente *sobre os telhados*, para que todos o ouçam, pois dei a vida por todos e venci a morte para sempre (Mt 10, 26s; 28, 19s)[54].

Ainda assim podemos nós ripostar, dizendo-lhe:

— Não será demasiado, só por isso, perder o que de mais precioso temos, a vida?

Ele então replicará:

— *Não tenhais medo dos que matam* somente *o corpo*. Infinitamente pior é perder *a alma e o corpo, na Geena*, nesse maldito lugar em que a morte reina para sempre. Reparai em mim: ao perder o corpo na cruz é que meu Pai, com o seu *poder* sobre a vida e a morte, me ressuscitou para uma vida sem fim. Diante dele, sim, há que ter medo (Mt 10, 28).

— Mas, Senhor, como podemos ter a certeza de que Ele jamais nos abandona? — perguntamos insistentemente. O Mestre e Senhor dirá:

— Vede o que Ele faz com coisas que pouco ou nada valem, como *dois pardais* que são vendidos ou *os cabelos da vossa cabeça* que vos caem. Pois bem, nada disso acontece *sem o seu consentimento*, já que Ele é Criador e Senhor de tudo. Não *valeis vós mais do que muitos pardais*? *Por isso, não tenhais medo!* (Mt 10, 29-31). Tende medo, sim — insiste

54. Recorde-se que aqui quem toma a palavra é o Cristo ressuscitado do tempo em que Mt escreveu o seu evangelho.

Ele —, mas da vossa condenação eterna, se falhardes na razão de ser da vossa vida e no dever que assumistes: *confessar-me*, como Messias Salvador, para que também Eu, no juízo final, testemunhe em vosso favor *diante de meu Pai que está nos céus* (Mt 10, 32s).

35 Talvez por se tratar, como vemos, de uma questão de vida ou de morte eterna, Jesus volta ao tema que está na sua origem: as perseguições e as suas consequências — designadamente, no âmbito familiar — e outros estragos que elas podem causar na vida e na missão do apóstolo (Mt 10, 34-39). Nesse sentido, começa inclusive por afirmar que não veio *trazer a paz à terra*, contrariando o que atrás repetidamente dissera sobre esse bem supremo. Mas, justifica a afirmação com os seguintes factores (Mt 10, 35-39):

a) A autoridade de Deus na Escritura, com recurso a Mq 7, 6, que aplica às separações e inimizades que a adesão ao Evangelho provoca, por vezes, na família.
b) A prioridade da amizade com Cristo sobre a familiar. Embora pese a sua incontestável importância, a família não garante, apenas por si, a felicidade eterna. Havendo lugar a escolha, então que seja pelo insuperável e insubstituível.
c) O seguimento e a consequente imitação de Jesus por parte do apóstolo, numa oferta da vida que pode implicar a cruz das renúncias e dos conflitos familiares.
d) A felicidade de poder obter a verdadeira vida pela perda da própria em favor do evangelho e dos que nele crêem, para gerarem, por sua vez, novas vidas. Que mais faz senão isso um pai ou uma mãe? Ou um catequista? Ou um sacerdote? Ou... E quão felizes se sentem com isso todos eles!

36 Por isso te dou graças, Senhor, pelo bem que me faz, ouvir-te dizer a seguir: *Quem vos acolhe, a mim acolhe, e quem me acolhe, acolhe aquele que me enviou* (Mt 10, 40). Quatro acolhimentos, Senhor, divididos por três acolhidos: eu, Tu e o Pai. Ou melhor, eu, enquanto enviado por ti, e Tu, enquanto enviado pelo Pai. Na prática, Senhor,

é um só o acolhimento: o de Deus, que te enviou e, por ti, me envia.

Ajuda-me, Senhor, a estar à altura de tão grandioso envio. Que eu seja digno dos bens que a seguir prometes a quem me *acolhe* como teu apóstolo, como acolhe um profeta ou um justo (Mt 10, 41). Que eu seja digno da *recompensa de profeta*, por ter sido, verdadeiramente, o profeta de quem Tu e o Pai se servem para comunicar o amor que vos une. Que eu seja digno da *recompensa de justo*, por realmente viver, como Tu, de modo ajustado ao amor infinito de Deus, nosso Pai que está nos céus.

Ajuda-me, Senhor, a ser um daqueles *pequeninos* a quem é dado *nem que seja um copo de água fresca, por ser* teu *discípulo* (Mt 10, 42). Ajuda-me a saborear essa água que me purifica e sacia, mormente quando me faltam a pureza e a energia necessárias para ser teu apóstolo e, deste modo, contribuir para que muitos outros sejam recompensados pelo bem que fazem, movidos pelo teu amor, e sejam também eles verdadeiramente felizes, mesmo quando rejeitados e perseguidos! Ajuda-os Senhor, como tens estado a ajudar-me, a mim.

A MISSÃO VIVIDA POR JESUS

37 Tal como, no sermão da montanha, à palavra de Jesus se seguiram os seus actos, assim também acontece no discurso missionário: *Quando Jesus acabou de dar estas ordens aos seus doze discípulos, partiu dali para ensinar e pregar nas suas cidades* (Mt 11, 1). O ensinamento e a pregação são, neste caso, eminentemente práticos, isto é, através do que vai acontecer com Jesus: por um lado, a sua rejeição e condenação (Mt 11, 2-24; 12, 1-41); por outro, como reacção a isso, a intensificação da sua entrega a Deus e aos outros (Mt 11, 25-30; 12, 46-50). Mas, sempre ligado aos seus colaboradores: primeiro, a João Baptista; depois, aos discípulos.

- A ligação a João Baptista havia sido interrompida depois deste ser preso. A partir daí, Jesus iniciou a sua actividade messiânica (Mt 4, 12). Mas, se fora missão do precursor preparar a vinda do Messias, não admira que agora, no cárcere e através dos discípulos, o Baptista queira ser informado sobre as obras messiânicas de Jesus, acerca das quais responde com uma alusão à mensagem do sermão da montanha e uma resenha das obras que a seguir realizou. Mas, acrescenta: *Feliz daquele que não encontrar em mim motivo de escândalo* (Mt 11, 6).

  Introduz assim a rejeição de João — no seu dizer, *o maior dos nascidos de mulher*, mas acusado de *ter um demónio*, por não comer nem beber (Mt 11, 11.18) — e a sua, por comer e beber, apelidado de *comilão e beberrão, amigo dos publicanos e pecadores* (Mt 11, 19). Conclui, expondo as consequências da sua rejeição no juízo final: serão bem piores que as sofridas por outros povos, no passado bíblico (Mt 11, 20-24). É que, rejeitando Jesus, rejeitam quem o envia: o Deus, Senhor e Juiz, com poder para decidir sobre a salvação eterna.

- Também os discípulos de Jesus são criticados, porque, a um sábado, *começaram a arrancar espigas e a comê-las*, contrariando o descanso sabático, defendido em especial por fariseus (Mt 12, 1). Mas, pior fizeram eles a Jesus: por curar um homem paralisado de uma mão, a um sábado e na sinagoga, *reuniram-se em conselho contra Ele, a fim de o matar* (Mt 12, 9-14). Depois de ter curado um endemoniado cego e surdo, acusaram Jesus de o ter feito *por Belzebu, o chefe dos demónios* (Mt 12, 22-24). Finalmente, com doutores da Lei, pediram-lhe um sinal, certamente divino, comprovativo do poder que assumia (Mt 12, 38).

  Em resposta, Jesus volta a falar dos nefastos efeitos da rejeição para o juízo final, agora por trocarem o Espírito Santo por *Belzebu*, um pecado sem perdão possível (Mt 12, 28-37). Perante o conluio para o matar, Ele retira-se, como o Servo

do Senhor, que, segundo Is 42, 1-4, *não gritará nem fará ouvir a sua voz* (Mt 12, 15-21). Como sinal, refere o de Jonas: estará, como ele, três dias e três noites, mas no coração da terra (Mt 12, 40), numa alusão à sua morte e ressurreição, a prova máxima do amor de Deus que nele e por Ele reinava.

38 Daí que, a cada sinal de rejeição, Jesus reaja com especiais expressões desse amor:

- O amor para com Deus, pela oração: *Louvo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos*, isto é, aos *pobres no espírito* e, por isso, mais abertos ao amor de Deus e dos outros. Uma oração que fundamenta no total e exclusivo reconhecimento entre Ele e o Pai, a que junta o convite: *Vinde a mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei* (...), eu que *sou manso e humilde de coração*, como o Pai (Mt 11, 25-30).

- O amor inter-humano, vivido na nova família, não mais constituída por laços de sangue (com a mãe e outros familiares, presentes), mas sim pela realização da *vontade de meu Pai que está nos céus. Esses* — esclarece Jesus — *são meu irmão, minha irmã e minha mãe*, porque unidos pelo amor para com Deus e, em Deus, para com os outos. Um amor que existe na medida em que se pratica, em que nele se faz a vontade do Pai comum que está nos céus.

Graças, Senhor, por estas expressões do Teu amor infinito — o amor entre ti e o Pai e de ti e do Pai —, que tão intimamente me transmites. Quanta consolação e alegria, quanta energia e coragem desperta em mim! Que bem me faz, mormente quando me sinto cansado e oprimido pelas contrariedades que a vida me traz: umas causadas pelos outros, outras por fraqueza, incúria e culpa da minha parte.

Ajuda-me a reconhecê-las, para que me sinta verdadeiramente pequenino, já que na realidade o sou. Tudo o que possa ter e ser, de ti o recebi. Que eu o partilhe, com o desprendimento e a generosidade daquele amor que me convidas a pôr em prática, para ser acolhido na tua família e vir a participar definitivamente no teu reino e reino de teu Pai que está nos céus.

IV

O ACOLHIMENTO DO REINO

UM REINO NO CENTRO DO EVANGELHO

39 Mais uma vez, a inversão da ordem das palavras do título faz todo o sentido: *O reino do acolhimento*. Pois, no reino de Deus, instaurado por Jesus, tudo converge para o acolhimento: da parte de Deus, que reina acolhendo, e da nossa parte, que somos por Ele acolhidos para nos fazer acolhedores.

É o que acontece no discurso em que Jesus, neste evangelho, mais fala do *reino dos céus*. Tanto assim que até se lhe poderia chamar «discurso reinante». Isto, a vários níveis. Desde logo pelo lugar central que ocupa no conjunto dos cinco grandes discursos, ordenados de modo concêntrico:

a) *Discurso da montanha*: em três capítulos e dirigido a discípulos e multidões (Mt 5, 1 — 7, 29);
b) *Discurso missionário*: quase todo num só capítulo e orientado apenas para os discípulos (9, 35 — 11, 1);
c) *Discurso do reino em parábolas*: em menos de um capítulo e, primeiramente, voltado para discípulos e multidões, sendo, depois, destinado apenas aos discípulos (13, 1 — 52);
d) *Discurso eclesial*: quase todo enquadrado num só capítulo e dirigido apenas aos discípulos (18, 1 — 19, 1);
e) *Discurso de julgamento*: em pouco mais de três capítulos e apresentado, em primeiro lugar, a discípulos e multidões e, depois, somente aos discípulos (23, 1 — 26, 2).

Às correspondências assinaladas juntam-se mais duas:

a) *Entre o primeiro e o último*: o que Jesus ensina e convida a fazer, no discurso da montanha, como expressão do reino de Deus e realização da sua vontade expressa nas Escrituras, isso mesmo é avaliado no discurso do juízo final, para a salvação (ou condenação), em recompensa (ou não) de se ter acolhido (ou rejeitado) o reino de Deus;

b) *Entre o segundo e o quarto*: enquanto, no discurso de missão, os discípulos são enviados a anunciar, por entre tribulações, o reino de Deus de que nasce e vive a Igreja, Jesus mostra, no discurso eclesial, como deve viver a Igreja, para estar em sintonia com o reino de Deus, nomeadamente no acolhimento dos mais frágeis na fé e dos pecadores.

40 O discurso surge, assim, envolvido pelas actividades de Jesus, o Emanuel enviado por Deus para implementar o seu reino. De tal modo que Deus como que exerce o seu reinado já no próprio discurso. Isto em dois níveis complementares: de expressão literária e de conteúdo teológico.

Do ponto de vista literário, o discurso funciona como pivô entre duas fases da implementação do reino de Deus:

a) O seu anúncio e início anterior por João Baptista e por Jesus e seus discípulos. Disso se ocupa a primeira parte do discurso, em que Jesus se dirige aos discípulos crentes e às multidões (ainda) sem fé e faz o ponto da situação relativa ao acolhimento ou à rejeição da sua pessoa e mensagem (Mt 13, 1-35).

b) Na segunda parte, Jesus mostra aos discípulos como irá desenvolver-se o reino até à sua consumação, na sua morte e ressurreição e, definitivamente, na sua vinda gloriosa no fim dos tempos (Mt 13, 36-52). Até lá orienta os discípulos para acolherem o reino de Deus nas suas vidas de membros da Igreja e poderem assim obter a salvação eterna.

Sob o ponto de vista do conteúdo teológico, o reino de Deus manifesta-se nas doze vezes em que surge, neste discurso, o termo «reino»: em oito delas, ao *reino* junta-se o determinativo (*reino*) *dos céus* (ou *de Deus*); em duas, os determinativos *dele* e *seu Pai*. São de realçar, em especial, as expressões (uma vez cada) *filhos do reino* e *palavra* (ou *mistérios*) *do reino*. À *palavra* corresponde o *evangelho* (*do reino*) (Mt 4, 23). Quem a ela se converte e acolhe pela fé, torna-se *filho do reino*, isto é, adquire uma nova existência, dada por Deus através de Jesus, o Emanuel, uma existência em que realmente Deus reina e, por isso, é feliz.

UM REINO PRESENTE EM TUDO O QUE É VIDA

41 Das oito vezes em que, neste discurso, se fala em *reino dos céus*, seis são para introduzir parábolas: *O reino dos céus é semelhante* (Mt 13, 24. 31. 33; 13, 44. 45. 47). Sendo oito as parábolas, quatro em cada parte do discurso, só em duas a expressão não é usada. Por sinal, na primeira e na última (Mt 13, 3b-8; 13, 52). Mas, em ambas, tanto o conteúdo como a função são próprios das parábolas. Quer dizer que quase todo o discurso é constituído por parábolas, como aliás é dito explicitamente na introdução: *Falou-lhe, então, de muitas coisas em parábolas* (Mt 13, 3). Além disso, duas delas são objecto de interpretação. Por isso se lhe chama, correntemente, «o discurso das parábolas do reino»[55].

Por que razão e com que fim usa Jesus tão densamente este género literário? Assim o exige o conteúdo. Não há modo mais apropriado para falar de Deus (e do seu reino) do que através de imagens em metáforas, símbolos ou parábolas. Ao ser Deus ilimitado, é, por natureza, indefinível. Apenas por aproximação e mediação o podemos conhecer: em acontecimentos da história, fenómenos da natureza e

55. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA — *Bíblia: os Quatro Evangelhos e os Salmos*, tradução *ad experimentum*, Lisboa 2019, p. 66.

realidades da vida que a fé atribui a intervenções suas, como Criador e Senhor da vida. O modo como nelas intervém revela-nos o pouco que nós, criaturas limitadas, dele vamos sabendo.

É assim que a Bíblia, incluindo Jesus, nos fala predominantemente dele: a partir da contemplação daquilo que os nossos sentidos abarcam e que, segundo a fé, dele depende, para depois subirmos a um nível superior da realidade, não detectável pelos sentidos. Repare-se que a realidade é uma só, mas com duas partes: a acessível e a inacessível aos sentidos. A acessível permite-nos passar, pelos «olhos» da fé, à inacessível, que, porém, jamais poderá ser conhecida por completo, já que entra no infinito. Mas, sem o inacessível, até o acessível é incompleto[56].

É, aliás, um género literário necessário. Na verdade, «sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime as realidades espirituais através de sinais e símbolos materiais. (...) Deus fala ao homem através da criação visível. (...) A luz e a noite, o vento e o fogo, a água e a terra, a árvore e os frutos, tudo fala de Deus e simboliza, ao mesmo tempo, a sua grandeza e providência»[57].

42 Antes de aludir concretamente às imagens usadas por Jesus neste discurso, podem deduzir-se duas ilações do que acaba de ser dito, ambas relacionadas com o reino de Deus. Uma sobre o seu acolhimento e outra sobre a sua transmissão:

a) *Como discípulos que acolhem o reino de Deus*, de modo algum podemos deixar de fora a parte que, na sua imagem, é acessível aos sentidos. Pelo contrário, também ela está sob o seu reino, lhe deve a existência. Ao tratar-se de elementos da natureza, há que olhá-los e acolhê-los como dom de Deus. Só assim, na medida em que os vemos como obra de Deus,

56. Neste âmbito situa-se, aliás, o significado etimológico do termo «parábola», uma aliteração do grego *parabolê* – composto de *pará*, «junto de», e *bolé*, do verbo *bollein*, «lançar», «colocar», aplicado a coisas (ou partes da mesma coisa) lançadas para estarem juntas, para formarem uma só realidade. De origem quase idêntica é o termo «símbolo». Contudo, este aplica-se predominantemente a objectos/substâncias, enquanto a parábola é constituída por um relato, ainda que sucinto.

57. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1146-1147.

nos podem falar dele, do que Ele faz por nós. Orientam-se neste sentido as oportunas palavras do Papa Francisco: «O facto de insistir na afirmação de que todo o ser humano é imagem de Deus não deveria fazer-nos esquecer que cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua. Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus». Por isso, acrescenta: «Há um mistério a contemplar numa folha, numa vereda, no orvalho, no rosto do pobre. O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a acção de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-lo em todas as coisas, como ensinava São Boaventura: "A contemplação é tanto mais elevada quanto mais o homem sente em si mesmo o efeito da graça divina ou quanto mais sabe reconhecer Deus nas outras criaturas"»[58].

b) *Como discípulos enviados a transmitir a boa nova do reino*, sigamos o exemplo do Mestre, usando também nós as imagens, tendo em conta que são a linguagem não só mais adaptada ao mistério que transmitimos, como também a mais compreensível e persuasiva para quem nos ouve. A propósito, faz-nos bem recuperar as palavras do Papa Francisco, que, embora tenham sido ditas a respeito da homilia, podem ser aplicadas a muitos outros géneros de pregação e ensino na Igreja: «Na homilia, a verdade anda de mãos dadas com a beleza e o bem. Não se trata de verdades abstractas ou de silogismos frios, porque se comunica também a beleza das imagens que o Senhor utilizava para incentivar a prática do bem». Por isso, para tornar a homilia mais atraente, «um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, isto é, a falar por imagens. (...) Uma imagem fascinante faz com que se sinta a mensagem como algo familiar,

58. FRANCISCO – *Louvado sejas*, nn. 84 e 233.

próximo, possível, relacionado com a própria vida. Uma imagem apropriada pode levar a saborear a mensagem que se quer transmitir, desperta um desejo e motiva a vontade na direcção do Evangelho»[59].

UM REINO COM UM DINAMISMO A TODA A PROVA

43 As imagens têm tanto mais impacto quanto mais interferem na vida dos ouvintes. É o caso das que Jesus utiliza nas parábolas do discurso do reino:

- A da semente, certamente de trigo, que é semeada, germina e produz (ou não) fruto (Mt 3, 3b-8); e, depois de moída, torna-se farinha amassada para o pão, o alimento mais comum e elementar (Mt 13, 35). Quem o não come?!

- A semente de trigo, que, semeada e germinada, se descobre a crescer juntamente com o joio que impede que o trigo dê o fruto desejado (Mt 13, 24-38). A quem não preocupa uma boa colheita?!

- A semente de mostarda, que, semeada, germina e cresce tanto que até *as aves do céu vêm habitar nos seus ramos* (Mt 13, 31s). Quem não aprecia novos frutos e aves empoleiradas nas árvores?!

- Os bons peixes, que, depois de separados dos maus, são ganha-pão ou alimento para tantos. Quem não se delicia, no paladar e nos olhos, com um bom pescado?!

59. FRANCISCO – *A Alegria do Evangelho*, nn. 142 e 157.

- O tesouro, que, descoberto por um trabalhador do campo, tanto o alegra, que vende tudo para comprar o campo; ou, a pedra preciosa, tão valiosa que leva o negociante a vender tudo para a comprar (Mt 13, 44 . 45s) Quem o não faria?!

44 Portanto, as imagens são suficientes para atrair o interesse de qualquer ouvinte. Muitas delas, porém, são tratadas nas parábolas de modos fora dos (mais) comuns. O que, psicologicamente, nos prende mais a atenção, reforça a curiosidade, levanta interrogações. Pois bem, é, no âmbito do «anormal» dentro do «normal», que Jesus coloca o dedo de Deus, situa aquilo que somente é possível sob o seu reinado.

Comecemos pelas parábolas da primeira parte do discurso (Mt 13, 1-35), dirigidas a discípulos e multidões:

- A *parábola do semeador* (vv. 3b-8), assim chamada em Mt 14, 18. Talvez se devesse antes intitular de «parábola da sementeira». Do semeador, só de início se fala. Tudo o resto trata dos diferentes lugares e graus de sucesso da sementeira. O das três primeiras séries de sementes foi nulo: as iniciais, por caírem à beira do caminho e serem comidas pelos pássaros; as seguintes, por caírem em terreno pedregoso e pouco profundo e, por isso, depressa secaram, embora tivessem germinado; as últimas, que caíram entre espinhos, ainda que germinando e crescendo, foram por eles sufocadas. «Uma desgraça!» — pensamos nós. Mas, não pensa assim o semeador; aliás, dele, nem o mínimo sinal de perturbação. Porquê? Estava seguro do resultado das restantes sementes, que deveriam ser muitas. Que resultado? Espigas com 100 grãos, 60 ou mesmo 30?! Nem hoje, com a ciência e a técnica tão avançadas, seria humanamente de esperar tanto! Mas, no reino de Deus, sim. Pode ser rejeitado, mas, onde ele pega, produz frutos — de três séries, tantas quantas as dos insucessos — que só a Deus, Criador e Senhor, são possíveis. Quer isto dizer que, perante rejeições e mesmo perseguições no anúncio do seu reino, nada de desânimos! Sob o domínio

de Deus, presente nos seus enviados — Jesus, o Emanuel, e os seus apóstolos —, o sucesso está garantido, muito para além das normais expectativas humanas. Veja-se o que Ele tem feito, a partir de então até hoje.

- A *parábola do joio no campo* (vv. 24-30), assim chamada em Mt 13, 36, mas esquecendo-se que nesse campo também cresceu trigo. É neste elemento que Jesus concentra a nossa atenção, porque foi trigo e só trigo que o proprietário semeou. O joio — uma erva daninha, que, ao começar a crescer, é ainda difícil de distinguir do trigo — apenas foi descoberto bastante tempo depois da germinação e se devia a um inimigo, que, na calada da noite e enquanto todos dormiam, tentou estragar a sementeira ao dono do campo. Mas, em vão. Contra a opinião dos servos, o dono deixou-os crescer juntos até à ceifa. Se houve ceifa, é porque o trigo resistiu aos estragos que o joio lhe podia ter causado. Tal o seu dinamismo! Afinal, o proprietário tinha razão. Melhor, certo estava Jesus, que comparava o reino dos céus ao que o semeador fez. Ou seja, com o reino dos céus, há que ter a confiança e a paciência que só Deus merece plenamente, por ser Deus e não um ser humano. Deixemo-lo agir em nós — como em Jesus e nos seus discípulos — e veremos que, apesar de todos os ataques ou outros obstáculos, o que Ele faz para nosso bem tem energia suficiente para dar frutos. Veja-se o que aconteceu com a morte e a ressurreição de Jesus até hoje!

- Finalmente, duas parábolas gémeas: as *do grão de mostarda e do fermento* (vv. 31s.33). São gémeas, porque muito parecidas no essencial: por um lado, no contraste entre a pequenez inicial tanto do grão da mostarda como da porção de fermento e, por outro, na grandiosidade do produto final: um arbusto que podia atingir três metros de altura e até dava para os pássaros nele fazerem ninho, no caso da mostarda; no caso do fermento, três

> medidas de farinha, que, juntas, iam acima de 50 quilos, mais do que suficientes para uma refeição de 150 pessoas, pelo menos. As diferenças — sobretudo, entre um homem em trabalhos agrícolas e uma mulher em lides caseiras — servem para reforçar a mensagem: mais uma vez de confiança e de paciência, neste caso perante um número reduzido, quer dos mensageiros do evangelho do reino, quer dos que a ele se convertem. Há-de ver-se a dimensão, antes inimaginável, que o crescimento atingirá com Deus em acção! Hoje, podemos confirmá-lo...

Mas, será que podemos mesmo? É que insucessos na nossa acção apostólica não nos faltam. Bem pelo contrário. Salta à vista que, em vez de aumentar, o número e a qualidade dos crentes diminui cada vez mais, inclusive na nossa Diocese.

Como reagir? Que me pede e te pede o Senhor para acolhermos a tão indispensável confiança e a tão confiante paciência que Ele quer infundir em ti e em mim, com as parábolas que acaba de nos contar?

UM REINO EM QUE SE ENTRA PELO DOM DA FÉ

45 *Porque lhes falas em parábolas?* A pergunta é feita pelos discípulos a Jesus (Mt 13, 10), imediatamente depois da parábola da sementeira, acrescida deste desafio: *Quem tem ouvidos, ouça* (v. 9).

Estas palavras já dão a entender que a razão do uso das parábolas não está apenas no tema: *os mistérios do reino dos céus* (Mt 13, 11). É verdade que, tratando-se de mistérios, só por imagens se podem conhecer. Mas, para se atingir a outra parte da imagem — a «misteriosa», para a qual aponta o que nela é visível — são precisos ouvidos e olhos apropriados. Os da cara não chegam para um conhecimento adequado aos *mistérios do reino dos céus*, que permita conhecê-los como são, como vindos *dos céus*, como graça de Deus.

De facto, é dessa característica que Jesus fala na resposta aos

discípulos: *A vós foi dado* (por Deus)[60] *conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles* (nas multidões) *não* (Mt 13, 11). Ou, se foi, não o reconheceram como dom celeste. Para isso não bastam os olhos e os ouvidos da cara, um conhecimento meramente intelectivo. É preciso algo que o reconheça como dom e na sua origem celeste:

- *Como dom*, porque nele se exprime a gratuidade e o afecto de quem dá. Para se conhecer e acolher como tal exige-se afecto também de quem o recebe, o afecto, aliás, provocado ou reforçado pelo dom recebido, um afecto mútuo, criador de comunhão. «Amor (só) com amor se paga» — diz-se entre nós e bem.

- *Vindo de Deus*, é um amor incondicional, infinito, eterno. Só respondendo com um amor, sendo possível, de igual dimensão é que eu o re-conheço e acolho como Ele é. É como na relação entre pai e filho, mas em grau infinitamente superior: o filho só re-conhece realmente o pai como pai, amando-o, com amor igual ao dele recebido.

46 Ao aplicar-se isto aos *mistérios do reino dos céus* presume-se que, afinal, o que Jesus exige — como resposta adequada ao nível do *dom* que Deus oferece por meio dele, o Emanuel — é a adesão de fé. Mas, a fé na sua dupla componente: a intelectiva, de conhecimento do que Deus nos revela ou dá, e a afectiva, de entrega livre e confiante ao Deus que se revela, dando-nos a Ele, tentando amá-lo como Ele nos ama[61].

Às multidões faltava (ainda) esta parte afectiva, necessária para re-conhecer o reino como dom do amor divino. Por isso, elas — ex-

60. É o chamado passivo divino, em que o passivo verbal substitui a indicação explícita do nome de Deus.

61. De facto, «a Deus que revela é devida a *obediência da fé* (cf. Rm 1, 5; 16, 26; 2 Cor 10, 5s); pela fé, o homem entrega-se livre e totalmente a Deus, prestando a "Deus revelador a homenagem plena da inteligência e da vontade" e dando voluntário assentimento à revelação feita por Ele. Para professar esta fé, é necessária a graça de Deus, que previne e nos ajuda, e os auxílios interiores do Espírito Santo, o qual move e converte para Deus o coração, abre os olhos do espírito dá "a todos o gosto de aceitar e crer na verdade"» (II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Dei Verbum*, n. 5).

plica Jesus — *vendo, não vêem, e ouvindo, não ouvem.* Até o que têm — os olhos e os ouvidos da cara — lhes *será tirado*, isto é, de nada lhes valerão para conhecer os mistérios do reino de Deus. Falta-lhes os olhos e os ouvidos do *coração*, sede do conhecimento e do afecto, determinantes na vida. Para reforçar a afirmação, Jesus serve-se da palavra de Deus que, no livro de Isaías, se aplicava ao povo de Deus, um povo sem fé, porque se lhe *endureceu o coração* e ficou impedido de entender e acolher o que os olhos os ouvidos até viam e ouviam, mas em vão (Is 6, 9s em Mt 13, 14s).

Não é o caso dos discípulos a quem Jesus se dirige, o que o levou Jesus a dizer-lhes: *Felizes os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem (...)* o que *muitos profetas e justos desejaram ver (...) e ouvir* (Mt 13, 16s), com o coração!

Será também este o teu caso, perante tantos obstáculos que estão, cada vez mais, a impedir-nos de reconhecer, acolher e anunciar o reino de Deus?

47 Examina-te à luz da explicação da parábola feita por Jesus (Mt 13, 18-23), na qual passamos de semeadores, como o da parábola, a sementes semeadas:

- Será que o Maligno também te tirou a semente da palavra, como as aves que devoraram a semente caída no terreno impenetrável à beira do caminho? Se a resposta é afirmativa, será então que não entendes a palavra — que ouves ou até a pregas — com o coração, o motor das opções e decisões de fé e da correspondente prática de vida?

- Ou, será que até a recebeste com alegria, mas depois deixaste murchar a planta, porque não lhe aprofundastes as raízes com estudo, oração e prática do amor, não te precavendo contra tribulações ou perseguições, invitáveis para quem decide seguir Jesus até à cruz, até à dura — mas feliz — oferta da vida?

- Ou, será que a recebeste, mas sem produzir qualquer fruto — nomeadamente, por um testemunho de vida que conquiste outros para a fé no reino de Deus —, em razão de não te preocupares senão com as coisas mundanas ou as riquezas sedutoras, que, afinal, acabam por não te fazer feliz?

- Ou, enfim, será que ouves e colhes a palavra no fundo do teu coração — cujos olhos e ouvidos de fé acolhem o amor incondicional que Deus tem por ti e por todos — e assim produzes frutos de que hão-de resultar novos frutos, numa sucessão sem fim, que te fará eternamente feliz?

Para que tal aconteça, repara bem no que Jesus tem para nos dizer a respeito.

UM REINO COM LUGAR PARA TODOS

48 Que Deus a todos acolhe no seu reino e a todos nele quer manter, diz-nos Jesus, com particular intensidade, na segunda parte do discurso, dirigida apenas aos discípulos (Mt 13, 36-52). A intensidade nota-se, desde logo, pelas vezes em que o diz e pelos lugares em que o faz:

- Começou já na primeira parte, com a parábola do trigo e do joio (vv. 24-30). Aí, além de falar do invencível dinamismo do reino de Deus, comparável ao do trigo que resiste a possíveis estragos do joio, mostra-nos ainda como seria precipitado arrancar o joio durante o seu crescimento: dada a semelhança entre ele e o trigo, sobretudo a seguir à germinação, facilmente se poderiam arrancar, juntamente com as plantas do joio, também as do trigo, ainda que só algumas. Para Deus e para o seu reino, ninguém se pode perder. Há, portanto, que esperar até à ceifa. Então sim, que se arranque primeiro o joio, para ser queimado, e depois o trigo, para se recolher no celeiro. Que quererá Jesus dizer com isto?

- A resposta é dada, a pedido dos discípulos, na segunda parte do discurso, mas logo no início (vv. 36-43). Aí passa-se definitivamente do dinamismo do reino, de que falava na parábola, para a sua abertura a bons e maus. Uma abertura que, de resto, se baseia no dinamismo. Este é tanto que permite a convivência do trigo com o joio, sem que o trigo se perca. O que só é possível onde Deus reina. Apenas Ele pode vencer completamente o Maligno ou o Diabo, com o qual se identifica o inimigo que, segundo a parábola, semeou o joio, à socapa da noite, para dar cabo do trigo. Apenas Deus pode e quer realmente proteger os bons dos maus — com os quais o trigo e joio são, respectivamente, comparados —, de tal modo que os maus, além de não prejudicarem os bons, possam até vir a transformar-se em bons, convertidos por Jesus, o Filho do Homem, semeador da palavra do reino de Deus. Não que alguma vez se visse o joio a transformar-se em trigo. Mas, maus a tornarem-se bons, isso sim. Felizmente para eles... e graças a Deus! Mais uma razão para esperar até à ceifa, isto é, até ao juízo final, em que bons e maus serão definitivamente separados, cada qual para o destino que merece pela vida que livremente escolheu e levou.

- A esta explicação da parábola do trigo e do joio Jesus junta, mais à frente, a parábola da rede que, lançada ao mar, apanha todo o género de pescado (vv. 47-50). Varia a imagem, mas a mensagem é a mesma: só com a rede em terra se recolhe em cestos *o que era bom* (e podia não ser apenas peixe) e se atirava *fora o que não prestava*. Assim será no fim dos tempos: apenas os maus serão separados dos bons, para sofrerem para sempre as consequências do mal que, livremente, fizeram. Até lá, todos são acolhidos por Deus no seu reino, inclusive os maus, com os quais, aos olhos humanos, os bons facilmente se podem confundir. Na verdade, quem nos garante que não se possam transformar em bons? Para isso serve o convívio com eles: para que vendo o bem que fazem, inclusivamente aos maus, descubram o caminho para a verdadeira felicidade, a do reino dos céus.

49 O que Jesus assim diz, repetidamente e com várias imagens, aplica-se à Igreja, na qual «o reino de Cristo já está misteriosamente presente», como «gérmen e princípio deste mesmo reino na terra»[62]. Que nela é sério o perigo de um integrismo puritano e intolerante que leva à separação, precipitada e, não raramente, injusta, entres bons e maus, excluindo estes do seu seio, nota-se em todas as fases da sua milenar história. Até pode ser por boa intenção: evitar que os maus contaminem os bons, como infelizmente tantas vezes acontece; ou então não parecer que aprova o mal, acolhendo os que o praticam do mesmo modo como os bons.

Mas, que isso é absolutamente contrário à vontade e prática do seu fundador — que convivia com publicanos e pecadores (Mt 9, 9-13) — e que, no fundo, revela uma falta de confiança no poder protector e transformador da bondade e misericórdia que o identificam, tem sido, repetida e insistentemente, afirmado pelos últimos Papas, com destaque para o actual.

Então, que fazer para nos precavermos contra os referidos perigos e manter a identidade da Igreja como lugar em que Jesus a todos acolhe no seu reino? Onde buscar a energia, própria do reino de Deus, para a paciente esperança que Ele exige dos seus discípulos, até hoje?

50 A começar pela segunda pergunta, a resposta é dada pelo próprio Jesus e com particular ênfase, entre os dois textos sobre o acolhimento de bons e maus — portanto, num lugar central — e com duas parábolas gémeas, em que a mesma mensagem é repetida de modos diferentes, para não se perder de vista.

São as parábolas em que o reino dos céus é comparado: primeiramente, a um tesouro escondido, que, descoberto, é adquirido a todo o custo (Mt 13, 44); de seguida, a uma pérola preciosa de raro valor, que, encontrada, é comprada a todo o custo (Mt 13, 45s). Estes elementos comuns são os que mais ilustram o reino de Deus: é tal o seu valor, que, para nele se entrar, vale a pena desfazer-se de tudo o resto na vida.

---

62. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, nn. 3 e 5.

As diferenças acentuam o valor: na primeira, o tesouro é encontrado por acaso e por um trabalhador, provavelmente pobre, que se alegra tanto que vende tudo — inclusivamente, o pouco que tinha para sustento próprio e da família — para comprar o campo — ao dono que, tudo indica, desconhecia o seu real valor; na segunda, a pérola era há muito procurada por um comerciante que, pelo género de negócio, devia ser rico, mas vende toda essa riqueza, porque finalmente encontrou a pérola da sua vida.

Se o *reino de Deus é semelhante* a isso — e apenas *semelhante* — não é fácil de perder: nem por influência de pessoas, que, mesmo na Igreja, vivam em desacordo com os seus valores; nem por reveses, que, por muito graves que sejam, facilmente se vencem, quando, no reino de Deus, se tem a devida paciência e misericórdia.

É para isso que Jesus prepara os seus discípulos: primeiro, para que também eles acolham o reino de Deus nas suas vidas; em segundo lugar, para o transmitir conforme as circunstâncias próprias de cada tempo e lugar:

- Para a missão de transmissores compara-os *a um senhor da casa, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas* (v. 52): como ele, também os mensageiros do evangelho devem adaptar-se aos ouvintes (nas *coisas novas*), mas sem distorcer o cerne da mensagem, o que nela é inalterável (nas *coisas velhas*). Só assim os ouvintes poderão acolhê-lo e nele sentirem-se acolhidos[63].

- Para os próprios mensageiros encarnarem nas suas vidas a mensagem a transmitir, mantenham-se receptivos ao que a seguir vêem em Jesus, como vivência do que acaba de ensinar.

63. Há quem veja aqui uma referência a uma escola da comunidade cristã — provavelmente, de Antioquia da Síria —, na qual foi escrito este evangelho, dentro de uma tradição viva das palavras e acções de Jesus.

O REINO VIVIDO POR JESUS

51 Nos capítulos que se seguem (Mt 13, 54 — 17,23) vemos Jesus em actividades e situações que, na maioria, são uma continuação das anteriores ao discurso do reino, mas mais intensas e alargadas. Assim, como sinais do reino, Jesus realiza acções como:

- *Curas de vários males e em diferentes lugares* (Mt 14, 13s; 14, 35s; 15, 30s), movido pela sua entranhada compaixão. Delas, destacam-se duas pela referência explícita à fé: da parte de uma mulher cananeia, pagã, a cuja fé Jesus se vergou para lhe curar a filha possessa (Mt 15, 21-28); da parte dos discípulos, que, por causa da sua *pouca fé*, foram incapazes de curar um menino epiléptico e possesso (Mt 17, 14-20). Sem a livre e total entrega de fé a Deus, nem nos carenciados de saúde corporal e espiritual Ele actua, nem nos que a procuram transmitir.

- *Duas multiplicações de pães e peixes*: uma de *cinco pães e dois peixes*, de que sobejaram *doze cestas cheias*, depois de ter saciado *cinco mil homens* (Mt 14, 15-21); outra de *sete pães e alguns peixes*, de que se *recolheram sete cestos cheios*, depois de saciados *quatro mil homens* (Mt 15, 32-38). Tal como se observa nas parábolas gémeas, as diferenças[64] reforçam o que lhes é comum e central: os gestos de Jesus, dos quais sobressai a *bendição* ou a *acção de graças* a Deus. Só a Ele, ao seu poder e à sua bondade infinita, se deve a multiplicação, que a todos sacia até aos nossos dias, na Eucaristia, a que os relatos aludem.

- *A caminhada sobre as águas do mar agitado*, quando os discípulos o atravessavam (Mt 14, 22-33). Apenas Deus seria capaz de tal coisa — o Deus a quem Jesus rezara, antes de se fazer ao mar,

64. Devem-se a diferentes transmissões do mesmo e único acontecimento, em comunidades cristãs de língua e cultura, respectivamente, judaica e grega.

para, qual Emanuel, poder parar o vento. Concedeu a Pedro a mesma capacidade, que apenas durou até haver fé suficiente. Mal fraquejou, começou a afundar-se. Além disso, o vento só amainou depois de Jesus subir para junto deles. Por tudo isto é que eles, de joelhos, lhe confessaram: *És verdadeiramente o Filho de Deus!*

52 A confissão de fé é semelhante à expressa mais tarde, a propósito do que se dizia de Jesus (Mt 16, 13-19). Depois de ouvir várias opiniões — aliás, altamente elogiosas —, pergunta aos discípulos: *Vós, porém, quem dizeis que eu sou?* Resposta de Pedro, em nome dos outros: *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*. Reacção de Jesus, após felicitá-lo pela inspiração divina da confissão: *Também eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus*. Tudo o que Jesus assim concede a Pedro — ser fundamento invencível da Igreja de Jesus, à prova de investidas do mal, e ter o poder das chaves para julgar a veracidade das interpretações da palavra de Deus — tem uma só origem: a sua fé em Jesus e, por Ele — o Cristo e Emanuel —, no Deus vivo e inesgotável fonte de vida.

Entretanto, Jesus proíbe aos discípulos de dizer a quem quer que fosse o que Pedro acabara de professar (Mt 16, 20). Estranho!? A razão é indicada a seguir e tem a ver com a outra componente da actividade messiânica de Jesus.

53 A sua rejeição, que recrudesce em intensidade e em extensão:

- *Estende-se aos conterrâneos de Nazaré*, tão escandalizados — por verem nele um simples cidadão comum — que não fez entre eles grandes acções poderosas, *por causa da falta de fé deles* (Mt 13, 54-58).

- *É associada à morte de João Baptista*, preso por defender a lei de Deus sobre a união matrimonial e degolado durante uma orgia organizada por Herodes Antipas, que, talvez por remorsos, acabou por ver João ressuscitado em Jesus (Mt 14, 1-12).

- *Reaparece da parte de fariseus e doutores da lei*, por os discípulos não observarem as normas de purificação ritual — uma ocasião para Jesus mostrar qual a impureza que realmente conspurca e danifica (Mt 15, 1-20).

- *Alarga-se a saduceus*, que, com fariseus, lhe pedem mais um sinal da sua condição messiânica, pedido esse que Ele atribui à incapacidade de interpretar os sinais realizados, típica de uma *geração má e adúltera*, isto é, sem fé (Mt 16, 1-4).

- *Começa a apropriar-se dos próprios discípulos*, por não entenderem, de coração, o real alcance da multiplicação dos pães — a sua dimensão eucarística, memorial da oferta do seu corpo e sangue na cruz (Mt 16, 5-12).

54 É esta rejeição que explica a referida proibição de Jesus, após a confissão de Pedro. Uma rejeição que se agrava assim que Jesus nela integra a sua condição de Messias, de acordo com os planos de Deus (Mt 16, 21-23): *Que era necessário Ele partir para Jerusalém, sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da lei, ser morto e ao terceiro dia ressuscitar*. O anúncio é tão incompreensível que Pedro — imagine-se! — repreende Jesus, como se de um demó-

nio se tratasse. Mas, Jesus responde na mesma moeda: *Vai para trás e mim Satanás!* (...) *Porque não tens em mente as coisas de Deus, mas as dos homens*.

Ora, o caminho previsto por Deus para Cristo tinha logicamente de ser também o dos discípulos (Mt 16, 24-28). Por isso, Jesus acrescenta ao que acaba de ordenar a Pedro: *Se alguém quer vir atrás de mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida há-de perdê-la, mas quem perder a sua vida por causa de mim há-de encontrá-la.* Esta última afirmação, fundamento da anterior, pode parecer estranha, mas até humanamente se verifica. Observe-se o exemplo de um pai ou de uma mãe — condição inerente à necessidade de transmitir a vida para que esta seja ilimitada, seja verdadeira vida. Que fazem eles, para serem felizes, senão gastar e perder a vida em prol da vida que ganham nas vidas dos filhos e netos?

Mas, perder não é fácil, sobretudo se implica sofrimento, nem que seja o da renúncia. Por isso, não entra facilmente numa lógica meramente humana, devido também às muitas espécies de perda. Daí que Jesus, após ter reforçado a sua afirmação, acaba por insistir na etapa final da sua caminhada messiânica: a ressurreição. É ela que justifica tudo o resto. É ela que Ele «antecipa» para os três discípulos mais íntimos — e para nós também —, com a sua transfiguração, que culmina com as palavras do Pai: *Este é o meu Filho amado, no qual me comprazo: escutai-o*.

Sim, escutemo-lo também nós, designadamente no segundo anúncio da sua paixão, morte e ressurreição, mas sem nos entristecermos, como os discípulos de então (Mt 17, 22s). Hoje temos a graça e a vantagem de Ele estar connosco já ressuscitado, para nos conduzir à mesma oferta da vida em que o amor atinge o grau máximo — que nos une na sua Igreja, que vive do e para o acolhimento, próprio do reino de Deus.

V

O ACOLHIMENTO DA IGREJA

UMA IGREJA EM QUE DEUS REINE

55 Vistas bem as coisas, não é da sua Igreja que Jesus fala neste quinto e penúltimo discurso (Mt 18, 1 - 19, 1). Pelo menos, directa e primariamente. A palavra «Igreja» só aparece duas vezes e no mesmo versículo (Mt 18, 17). Ao contrário de «reino dos céus», expressão que é explicitamente mencionada quatro vezes e em lugares-chave: na pergunta inicial dos discípulos, a que responde o resto do discurso, funcionando assim como título em Mt 18, 1; no arranque da resposta e por duas vezes, a primeira introduzida por um «amen» indicativo de uma verdade de fé (Mt 18, 3.4)[65]; e, na introdução da parábola — o género literário mais apropriado para falar de Deus e do seu reino —, com a qual Jesus conclui o discurso (Mt 18, 23-30).

No entanto, o que Jesus diz do reino de Deus di-lo indubitavelmente em função da Igreja; ou, mais precisamente, para fundamentar um aspecto essencial da identidade e vida da Igreja: a comunhão entre os seus membros, apresentada a partir de situações extremas que a podem pôr em causa. Associar as duas realidades — «reino de Deus» e «Igreja» — significa que a Igreja apenas será como Deus e Jesus a querem, se estiver sob o total domínio de Deus, se Ele reinar sobre

65. «Amen» é, na origem, uma palavra hebraica da mesma raiz do verbo que significa «acreditar». Sempre foi usada, sobretudo na conclusão de expressões de fé, como são as orações. Jesus usa-a no início de afirmações a que Ele dá o valor indubitável da fé.

ela e assim se manifestar por meio dela como evangelho, sem dúvida o mais credível, na medida em que o anúncio é feito, não apenas por palavras, mas sobretudo por acções, de que, tantas vezes, usufruem os destinatários do anúncio. Se Deus se identifica e revela pelo amor ilimitado, gerador da comunhão indestrutível que garante uma vida sem fim, a verdadeira vida, haverá melhor meio de o anunciar do que numa Igreja em que Ele reine e por ela realize o que o identifica?

56 Tudo isto deve motivar-nos para acolhermos ainda mais o que Jesus nos vai dizer sobre a Igreja a que pertencemos e que construímos, cada um como seu membro. A Igreja não é uma realidade abstracta ou uma instituição a que (me) ligo, quando dela preciso. Nada disso. A Igreja sou eu e cada um dos outros cristãos, seja bispo ou padre, religioso, consagrado ou fiel leigo. Todos somos imprescindíveis. Como num corpo, membro algum está a mais ou é dispensável.

Em vista disto, o que faço ou não tem implicações, positivas ou negativas, na Igreja e até no mundo, querido, criado e visceralmente amado por Deus. Mas, não só. Em mim próprio também, enquanto cidadão do mundo e membro da Igreja. E que implicações! Haverá algo mais desejável e importante do que a minha salvação e a dos outros ou vice-versa? Porque, se é verdade que nem eu nem ninguém pode viver sem os outros, será que os outros poderão viver sem mim? Seria o meu fim... o que, a todo o custo, não quero!

Acompanhemos, por isso, Jesus, associando-nos, como seus discípulos, aos de então. Tentemos fazer nossas as perguntas deles, assumir as reacções que Ele provoca e, sobretudo, seguir as orientações e os desafios que nos propõe. Isto, nas duas partes do discurso: na primeira, em que somos associados aos pequeninos e frágeis, em idade ou grau de fé e sua vivência (Mt 18, 1-14); na segunda, em que somos desafiados a recuperar irmãos na fé, mas vítimas do pecado (18, 15-35). Vejamos, em ambos os casos, de que modo e com que finalidade o devemos fazer.

UMA IGREJA EM QUE O MAIOR É O MAIS PEQUENO

57 *Quem é, então, o maior no reino dos céus?* A resposta à pergunta dos discípulos assinala o início do discurso de Jesus. O tema é assim proposto por eles, o que é caso único nos cinco discursos. Significa que lhes interessa e, provavelmente, há muito tempo, como dá a entender o termo «então» — equivalente a «pois», «portanto» —, com que é formulada a pergunta. Resta saber por que razão e com que finalidade.

Será pela ânsia do poder e a consequente luta por ele, de que nascem o carreirismo, as zaragatas, as exclusões de outros pretendentes e até a corrupção? Em qualquer um dos casos, de que Igreja nunca esteve imune, nada mais interessa do que o bem do próprio, à custa dos outros, incluindo os mais carenciados. No caso da Igreja seria o seu fim, porque assistiria à destruição daquilo de que vive: a comunhão com Deus e com os que Ele ama e acolhe.

A interpretação não é de excluir totalmente, tendo presente o posterior pedido da mãe dos filhos de Zebedeu, dois dos Doze, para que Jesus lhes concedesse os lugares de maior poder. Se os restantes dez ficaram indignados, era, obviamente, porque aspiravam ao mesmo (Mt 20, 20-28).

Mas, em Mt 18, 1, não há qualquer sinal disso: nem a partir do contexto anterior, em que falta qualquer referência à luta pelo poder; nem da parte de quem faz a pergunta: os discípulos em geral e não os Doze, detentores do poder na (futura) Igreja; nem pela resposta de Jesus, em que a questão do poder não é explicitamente aflorada — contrariamente a Mt 20, 25-28.

Por conseguinte, a questão terá sido certamente levantada por outra razão, uma boa razão: provavelmente, o desejo, não de ocupar o lugar que só a Deus pertence no seu reino, mas, pelo contrário, de trilhar o caminho para se obter nele o melhor lugar, sabendo, porém, que só em comunhão com os outros se atinge, já que Deus sobre todos reina, mas pelo amor. Ou seja, o adjectivo «maior» não deve entender-se em sentido exclusivo, mas inclusivo: serei o maior, se

comigo fizer os outros igualmente maiores, porque, como eu, mais próximos de Deus, unidos pelo seu amor. Ignorando-os, desprezando-os e rejeitando-os, nem eu jamais seria maior.

58 É nesse sentido que Jesus, de facto, responde com um gesto, seguido da sua interpretação (Mt 18, 2-5):

- Acolhe uma criança, chamando-a primeiro para junto de si e, depois, colocando-a no meio dos discípulos. Ou seja, é a criança — e não Jesus — que passa a ser o centro das atenções, o maior. Entenda-se isto em sociedades — tanto a grega como a hebraica — nas quais a criança era vista não na sua dignidade de pessoa, mas em função do que um dia poderia ser e produzir. Coisas do passado? Infelizmente não, enquanto formos dominados por uma mentalidade economicista e utilitarista. Veja-se, por exemplo, entre muitíssimos outros, como é abordado, comummente, o problema da baixa natalidade: sem crianças, quem vai sustentar-nos no futuro? Até na Igreja se faz a pergunta: não será de aplicar às crianças o que o Papa tem repetido aos jovens: «Vós sois o agora de Deus»[66]? Não é, pelo menos, de menor alcance o que podemos aprender e receber de uma criança enquanto tal:

- O ensinamento é, segundo Jesus, duplo:
  a) A criança é modelo de fé, apresentado como verdade de fé: *Amen vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como esta criança, jamais entrareis no reino dos céus. Por isso, aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus.* A conversão consiste em tornar-se naquilo que a criança, por natureza, é: um ser frágil, dependente e, como tal, aberto ao dom, ao amor. Aplicado a Deus: a criança ensina a sujeitar-me a Ele, a quem, como Pai, já

66. FRANCISCO – *Cristo vive*, nn. 64-110.

devo a vida que tenho, para que, totalmente possuído por Ele, a alcance plenamente.

b) A criança mostra a quem acolher: *Aquele que acolher uma criança como esta em meu nome é a mim que acolhe*. Humilhando-me, descendo ao nível da criança, para a receber, além de me converter a Deus, disponho-me a acolher todos os frágeis e os dependentes, como uma criança: doentes, pobres, idosos, refugiados, pessoas desprezadas por uma sociedade dominada pelo egoísmo, materialismo e hedonismo, às quais Jesus, o Emanuel, mais se entregou, inserindo-as na sua própria vida. Por isso, ao recebê-las, a Ele recebo para ocupar o tão desejado lugar no reino de Deus, que nele se manifesta.

UMA IGREJA ACOLHEDORA DOS MAIS DÉBEIS NA FÉ

59 Das crianças em sentido próprio, Jesus passa para os *pequeninos que acreditam* nele (Mt 18, 6-14). São provavelmente cristãos débeis na sua fé que correm sério risco de a perder e, com ela, a salvação, o lugar no reino prometido e oferecido por Jesus. Algo que, portanto, deve preocupar seriamente os restantes membros da comunidade cristã, a começar pelos responsáveis e, por isso, expectavelmente, mais esclarecidos e fortes na fé.

Por se tratar do tudo ou nada da salvação de uns e outros, até arrepia a radicalidade com que Jesus se manifesta contra quem leve esses cristãos a perder a pouca fé que ainda têm. Imagina-te com uma pedra de moinho ao pescoço e a seres assim atirado para o fundo mar... Pois é, seria preferível isso a um escândalo, mesmo sendo ele inevitável, como a história até hoje sobejamente tem revelado. Imagina-te ainda a ser-te amputada uma mão e a ser-te arrancado um olho... Pois é, seria melhor do que, com todos os membros, seres lançado à geena do fogo da perdição eterna.

Deus não dorme. Deu a cada cristão, incluindo aos mais frágeis, um anjo da guarda que o une a cada um deles. Mais uma razão — acrescenta Jesus — para que *não desprezeis nenhum destes pequeninos*.

E reforça, finalmente, esta indiscutível vontade de Deus com uma parábola em que nos coloca na pele de um pastor de cem ovelhas, das quais uma se tresmalhou. Que faz ele? Para a encontrar, arrisca-se a perder as noventa e nove deixadas no monte. Será que também tu não te alegrarias ao encontrá-la? Para um autêntico pastor não há ovelha que ele não ame e, mais ainda, se, tresmalhada, corre perigo de vida... como um cristão frágil na sua fé.

60 É tal a insistência e a radicalidade da parte de Jesus, que, no mínimo, dá que pensar. Será que as desconheciam, por exemplo, os clérigos que abusaram sexualmente de menores? Ou os cristãos, clérigos, consagrados ou leigos, que frequentam a Igreja, muitos por dever de ofício, mas depois levam uma conduta contrária ao que nela ouvem e celebram? Como posso eu, bispo ou padre, faltar tão levianamente a deveres a que — livre, mas solenemente — me comprometi na minha ordenação diaconal, presbiteral e episcopal? Estou verdadeiramente consciente do mal que causo não só aos que disso se apercebem, mas também a mim próprio?

Temos ainda os escândalos, talvez mais frequentes, no modo como eu, bispo ou clérigo, consagrado ou leigo, acolho as pessoas — designadamente, cristãos afastados da Igreja, mas que, por necessidades e motivos vários, me procuram —, na esperança de serem bem atendidas, como deve ser apanágio da Igreja. Com que rosto, palavras e gestos os recebo, sabendo que do acolhimento inicial depende a confiança que irão ou não depositar em mim? Com que atenção, paciência e tempo os escuto, antes de lhes responder? Podem não ter razão no que dizem ou ser impossível conceder-lhes o que pedem... Mas, como me atrevo a dizer-lhes não, sem antes explicar as razões que, na Igreja, têm sempre em conta o verdadeiro bem, deles e de outros? Por que razão, no contacto com eles, não começar sempre por explorar o lado bom e louvável que toda a pessoa, por pior que seja, tem — na maneira de

ser e viver ou no pedido que faz —, para a convencer a aceitar o que, eventualmente e à primeira vista, lhes pode parecer menos agradável? Que bom será, se eles, no decurso do encontro, descobrirem em mim o rosto do Evangelho, visível na simpatia e carinho com que os acolhi, tratei e amei! Ou que, ao menos, não tivesse havido, de parte a parte, qualquer motivo de escândalo...

UMA IGREJA QUE PRATICA A CORRECÇÃO FRATERNA

61 Da relação com crianças e pequeninos, Jesus passa, na segunda parte do discurso (Mt 18, 15-35), às relações de irmão com irmão, a palavra-chave que aparece no início de cada um dos dois temas tratados nela. É irmão, porque é filho do mesmo Pai que está nos céus e se esforça por fazer a sua vontade (Mt 12, 50)

Jesus começa pelo caso do irmão que pecou e assim quebrou a sua comunhão com Deus (Mt 18, 15-20). Mas, não com a Igreja. Melhor, a comunhão da Igreja com ele. De modo algum a Igreja se pode alhear dos que excluem Deus da sua vida. Pelo contrário, deve amá-los ainda mais, porque de mais precisam. Como, aliás, sempre aconteceu, ao longo da história de Deus com a humanidade, e como Jesus realiza exemplarmente ao instaurar o seu reino. *Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que têm algum mal* — responde Ele a quem o critica por comer com publicanos e pecadores. Jesus justifica-se com a vontade de Deus: *Ide aprender o que significa: «Quero misericórdia e não sacrifício»; pois não vim chamar os justos, mas os pecadores* (Mt 9, 11-13; cf. Os 6, 6).

Para aprendermos a recuperar um irmão pecador, Jesus apresenta-nos um esquema que, só aparentemente, se reduz a três tentativas, nas quais — caso não se vá conseguindo ganhar o pecador para a comunhão com Deus — cresce o número de intervenientes. Mas, na realidade, não se reduzem a três. Por isso, nem o esquema é de seguir rigidamente. Interessa, acima de tudo, respeitar a intenção e o sentido próprio de cada tentativa, o que permite a sua adaptação a cada caso.

- Na primeira tentativa pede-se respeito e recato para com o pecador, não o expondo de imediato a julgamento público: *se o teu irmão pecar contra ti*[67], *vai ter com ele e repreende-o, e que o assunto seja só entre ti e ele*. Falhou a tentativa? Não se desista:

- Por sua vez, na segunda procura-se um meio jurídico que reforce a tentativa: *toma contigo mais uma ou duas pessoas, para que «toda a questão seja confirmada pela boca de duas ou três testemunhas»* (cf. Dt 19, 15). Mas, se, mesmo assim, falhar, não se desista:

- Na terceira, *di-lo à Igreja*, isto é, compromete toda a comunidade. *Mas, se ele nem a Igreja escutar, que seja para ti um publicano* — uma decisão fundada no poder das chaves que capacita a Igreja para interpretar a vontade de Deus expressa nas Escrituras sagradas.

Mas, não haverá nada mais a fazer senão expulsá-lo ou excomungá-lo da Igreja? Há sim e muito. Antes de mais, porque a comunidade conhece bem a citada preferência de Jesus pelos publicanos e pecadores. Ora, se para Ele não há expulsões — ao contrário do que faziam os fariseus seus adversários —, não pode ser diferente na sua Igreja. Pelo contrário, há ainda uma instância a que se pode e deve recorrer, aquela em que a comunidade, toda ela, pela oração se entrega a Deus, a quem tudo é possível e que jamais desiste no seu amor. De contrário, deixaria de ser quem Ele é realmente: infinitamente poderoso na sua inesgotável misericórdia.

Por isso, Jesus introduz esta última instância como uma inquestionável verdade de fé, paralela à do poder das chaves, referido imediatamente antes: *De novo, amen vos digo: se dois de vós, na terra, se puserem de acordo para pedir seja o que for, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus*. Ele diz porquê: *Pois, onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles* — como o [Emanuel-Deus connosco]. Tal é o poder da oração: unir, em Deus, os membros da Igreja, para os

67. Entre as duas versões possíveis, esta é habitualmente a preferida. Na outra, mais breve – sem *contra ti* —, qualquer membro da comunidade pode tomar a iniciativa, sabendo que os efeitos do pecado afectam a todos, incluindo quem assume a iniciativa da correcção. O pecado é, afinal, também contra ele.

manter em total comunhão com o irmão pecador — provavelmente, o primeiro por quem rezam —, para que se converta ao perdão, que Deus, como Pai, inesgotavelmente lhe oferece na sua Igreja.

62 Que resta então, a ti e a mim, senão associarmo-nos a esta oração?!... Rezemos então:

Pedimos-te, Deus nosso Pai, que, antes de tudo, jamais nos deixes desistir. Não tem sido fácil. Pois, tantas têm sido em vão as tentativas de correcção fraterna, nesta Diocese que é tua. Mas, não deixes, Senhor, que se perca o ânimo. Seria duvidar de ti e perder-te. Afinal, que poderemos nós sem ti? Que sentido teria, então, a vida de bispo, padre, religioso ou religiosa e de leigo? Que seria desta Diocese, sem a corresponsabilidade e comunhão, que, em união contigo, faz de nós a Igreja que todos formamos e na qual todos somos necessários?

Livra-me para isso, Senhor, de preconceitos, que não me deixam ver nos outros senão o que de negativo têm ou julgo terem, talvez sem fundamento algum. Livra-me também de cair na má língua e até na calúnia, com que destruo a vida dos outros, a sua reputação e aceitação, em vez de os abordar para me certificar, pelo menos, da veracidade do que se diz e fraternalmente os ajudar a mudar de vida.

Livra-me ainda, Senhor, da apatia ou do comodismo, do desinteresse ou do medo que podem impedir-me de ir ao encontro dos que vivam no pecado. Não para os recriminar ou castigar. Mas, pelo bem que Tu lhes queres e me encarregas de lhes transmitir, para os ganhar para ti e para a Igreja, um ganho também proveitoso para eles. Tão grande será o bem que voltam a receber e a praticar!

E agora, Senhor, Deus nosso Pai, peço-te especialmente por eles. Ajuda-os a tomar consciência da gravidade e dos efeitos negativos do pecado. Ajuda-os, sendo o caso, a ver o isolamento e a solidão, deles e dos outros, a que tantas vezes conduzem o egoísmo e o individualismo.

Ajuda-os, Senhor, a ver a miséria a que podem levar o materialismo e a ganância das riquezas, tantas vezes à custa dos outros, à custa até do mais sagrado que temos na tua Igreja, como é a Eucaristia, feita objecto de negócio e de lucros ilícitos.

Ajuda-os a descobrir o que perdem, quando, nas missões que assumem e nos serviços que prestam na Igreja e na sociedade, pensam apenas no próprio bem, na recompensa que, por isso, podem receber, em vez de se orientarem pelas necessidades dos outros e pelo bem que lhes fazem.

E a mim, que agora te rezo, ajuda-me a compreender a necessidade e a utilidade, a beleza e a riqueza da oração, para que a ela me entregue com a regularidade e a intensidade que Tu, Senhor, mereces, pelo bem que me fazes e de que eu tanto preciso, para me conduzir de modo coerente com a fé de que vivo, com a esperança que me mantém vivo e com a caridade para que vivo.

Tudo isto te peço, Senhor, com a firme confiança de que acolherás esta oração e nos saciarás daquele amor que tem no perdão a sua expressão máxima, o perdão por ti obtido na cruz e que nos dás, para o oferecermos a quem caia no pecado, sempre, seja ele ou ela, quem for.

UMA IGREJA QUE VIVE DO PERDÃO ILIMITADO

63 *Senhor, até quantas vezes pecará o meu irmão contra mim, e lhe perdoarei?* (Mt 18, 21). A pergunta de Pedro surge, em nosso nome, na sequência da correcção fraterna. Sem o perdão, oferecido e acolhido, não haverá verdadeira reconciliação, nem se abrirá o caminho para uma correcção completa.

Pedro sugere: *Até sete vezes?* Sendo um número perfeito, a fasquia seria elevada ao máximo... mas ainda limitada. Daí a reacção de Jesus: *Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete*. Isto é, multiplicado até ao infinito. É que também Deus, presente em Jesus, o Emanuel, não conhece limites no amor, manifestado no perdão.

64 Talvez por ser um perdão humanamente inatingível, Jesus eleva-o de imediato ao reino dos céus, comparando-o, numa parábola, a um rei que decide acertar contas com servos, a quem tinha emprestado dinheiro (Mt 18, 23-30).

Aparece o primeiro que devia — imagine-se! — dez mil talentos, o correspondente a cem milhões de denários, sendo que um denário era o ordenado diário de um jornaleiro, para sustentar uma família com esposa e cinco filhos. Uma dívida, portanto, impossível de pagar, até por ser de um simples servo. Nem mesmo com a venda dele e do resto da família, como escravos, bem como de todos os seus bens, conforme ordem do rei. Daí a reacção do servo: *Caindo por terra, ajoelhou-se diante dele, dizendo: «Tem paciência comigo, e tudo te pagarei»*. E o rei? *Compadecido até às entranhas, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida*... Provavelmente, até nós respiramos de alívio. Mas, por pouco tempo.

É que, mal saíra, o mesmo servo fez precisamente o oposto a outro servo, que lhe devia cem denários, uma quantia irrisória, comparada com a que lhe fora perdoada. *Agarrou-o e sufocava-o, dizendo: «Paga o que deves»*. E nem depois de o devedor lhe suplicar, quase à letra, o que ele pouco antes suplicara ao rei, *foi lançá-lo na prisão, até que pagasse o que devia*. Como reagiríamos nós? Certamente com a mesma indignação dos que presenciaram a cena e do rei a quem a foram contar. De tal modo que ele, ao servo que não correspondera com misericórdia à misericórdia recebida, *entregou-o aos verdugos até que pagasse tudo o que devia*.

Pagar dez mil talentos? Impossível! Ainda bem que assim pensamos. Talvez nos ajude a melhor acolher a lição conclusiva de Jesus: *Assim também vos fará o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar, de coração, ao seu irmão* (Mt 18, 35).

65 Mas, não estará Jesus — pensamos nós — a dizer o contrário do que pretende provar com parábola? Se, afinal, o próprio Deus, identificado com o rei, nem sequer uma primeira vez perdoa, onde estão as *setenta vezes sete* exigidas por Jesus? A objecção só encontrará a resposta ao longo do caminho do perdão percorrido até à meta final. Ou seja, o perdão só é completo quando atinge o seu objectivo: a aceitação pelo ofendido. Isso vê-se nos efeitos que nele produz. Se o servo, depois de o rei lhe ter perdoado uma dívida astronómica, não é capaz de perdoar a um colega, logo a seguir, uma dívida incomparavelmente menor,

significa que ainda não acolheu o perdão oferecido, integrando-o na própria vida. Não se converteu ao amor mútuo. Foi perdoado? Sim, mas em vão.

Nesse caso, será que Deus deixa de perdoar? De modo algum. Porque é eterna a sua misericórdia, como tantas vezes proclamamos. Também no perdão, Ele é ilimitado. Mas, tendo sempre em mira o nosso bem, que, por sua vez, adquirimos, quando inserimos a graça do perdão na nossa vida, pondo-o em prática. Imagine-se um pai — e que é Deus, mais que ninguém? — que porventura deixa de perdoar a um filho que cai no pecado. Não deixa de ser pai. Mas, só quando vir o filho a converter-se e a abandonar o pecado é que se sentirá um pai realmente feliz. É para isso que lhe perdoa, sempre... sem outra preocupação que não seja o bem e a felicidade do filho.

Compreende-se assim por que motivo o perdão faz parte da correcção fraterna. Enquanto o pecador não se converter, acolhendo o perdão, não podemos deixar de lhe perdoar. Jesus sabe, porém, como isso é difícil, dadas as nossas limitações humanas. Por essa razão, Ele convida-nos à oração como última instância, mas ilimitada. Integra-nos em Deus e, em Deus, unimo-nos ao irmão que teima em não se corrigir. Com isto comprometemo-nos a fazer o que só Deus é capaz até à perfeição: perdoar sempre até que o pecador aceite o perdão, se corrija e viva.

Talvez por isso Jesus tenha colocado a súplica do perdão no centro da segunda parte da oração dominical: *Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*. O «assim como» não é, de modo algum, limitativo do perdão divino. Apenas tem em conta a nossa limitação na capacidade de perdoar. De tal modo que, ao rezarmos «assim como nós perdoamos», pedimos praticamente a Deus que nos mantenha capazes de perdoar sempre, de não limitar o perdão, na parte que nos diz respeito, à sua aceitação por parte daquele a quem perdoamos. O que pode parecer um limite é, na prática, uma súplica permanente para que esse possível limite não se torne

real em nós. Pelo contrário, seja ilimitado como ilimitado é o perdão de Deus, a quem rezamos[68].

De resto, o próprio Jesus pôs em prática, mais do que ninguém, esse perdão ilimitado. Que Ele continue a fazer na Igreja, em que Ele está presente, o que fazia quando anunciava o reino de Deus.

A IGREJA DE JESUS, O EMANUEL

66 A Igreja é de Jesus em dois sentidos e por duas razões complementares: a) por ser o modelo a seguir na Igreja; b) por ser Ele quem nos atrai, convoca e acolhe para formarmos a sua Igreja. A isso correspondem outros tantos aspectos da sua actividade messiânica, descrita nos capítulos seguintes e situada já na Judeia (Mt 19, 1 — 22, 46).

Aparece-nos, primeiro, como modelo, que põe em prática grande parte do que acaba de ensinar-nos sobre o acolhimento na Igreja, como gérmen que é do reino de Deus:

- Defende a mulher, ao proibir o divórcio que Moisés permitia, mas em que a esposa era a maior vítima. *Por causa da dureza dos vossos corações* — responde Ele aos fariseus que o interpelam. Entretanto, mostra aos discípulos como se pode permanecer celibatário *por causa do reino dos céus*, já presente na Igreja (Mt 19, 3-12).

- Acolhe as crianças, impõe-lhes as mãos e até as apresenta como modelos de fé. *Dos que são como elas é o reino dos céus* — diz-nos Ele nesse sentido (Mt 19, 13-15).

68. A propósito, recorde-se a célebre afirmação do Papa Francisco, várias vezes repetida desde o início do seu pontificado: «Deus nunca se cansa de nos perdoar. ( ) Mas nós, às vezes, cansamo-nos de lhe pedir perdão» (FRANCISCO — *Angelus*, 17 de Março de 2013).

- Depois de um jovem rico se ter mostrado incapaz de vender os seus bens em favor dos pobres, critica duramente a idolatria da riqueza, porque nos impede de entrar no reino dos céus, um impedimento que só pela fé incondicional em Deus é possível de vencer. Em sentido oposto, louva os discípulos por terem deixado tudo para o seguirem, prometendo-lhes receber, como recompensa, já neste mundo, cem vezes mais daquilo que deixaram, como felizmente sucede na sua Igreja (Mt 19, 16-30).

- Com a parábola dos trabalhadores convidados para a vinha em diferentes horas do dia e, por isso, com diferentes tempos de trabalho, defende igual salário para todos, baseado na bondade, de quem paga, e na necessidade, de quem recebe, como critério de justiça: todos tinham mulher e filhos para sustentar (Mt 20, 1-16).

- Finalmente, depois da mãe dos filhos de Zebedeu ter pedido para eles os lugares de maior poder, indica o que deve presidir ao uso da autoridade na Igreja: o serviço em que só o bem dos outros conta. Pois, também Ele *não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de todos*. Porque não é fácil de ver nem de seguir, cura dois cegos, que o seguem a caminho de Jerusalém (Mt 20, 20-34).

67 Nesta última intervenção há já sinais da outra componente da missão de Jesus: a rejeição, de que há muito é vítima e que se vai agravar depois de entrar em Jerusalém. Mas, como se verá, é decisiva para a fundação da sua Igreja. Assim:

- Pela terceira vez anuncia aos Doze a sua paixão, morte e ressurreição, mas com novos dados e imediatamente antes de se porem a disputar o poder (Mt 20, 17-19) — sinal de quão difícil é, para eles, entender o efeito salvífico da rejeição.

- Entra em Jerusalém, acolhido e aclamado como rei, mas — segundo planos divinos e contrariamente aos reis deste mundo — *manso e montado numa jumenta e num jumentinho* (Mt 21, 1-11, com Is 62, 11 e Zc 9, 9).

- Expulsa quem vende no templo, porque, sendo ele — como diz, citando a Escritura — *casa de oração*, está a ser feito *um antro de salteadores*. Por isso, pelas curas que faz no templo e pela aclamação que recebe das crianças, provoca a indignação dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da lei (Mt 21, 12-17).

- Simboliza a rejeição, de que será vítima o povo fiel perante tais dirigentes, através da figueira que faz secar por não ter figos, isto é, por falta de frutos de uma fé, cuja força se alimente da oração (Mt 21, 18-22).

- Responde aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos do povo, que o questionam sobre a origem da sua autoridade, mostrando-lhes porque tinham já rejeitado o baptismo de João Baptista: não acreditavam na sua origem divina (Mt 21, 23-27).

- Contra-ataca com três parábolas — dos dois filhos, dos vinhateiros homicidas e dos convidados para a boda (Mt 21, 28-32; 21, 33-46; 22, 1-14) —, em que os «maus da fita» são identificados com as autoridades religiosas que rejeitam Jesus, o que, após uma das parábolas, os leva a tentarem prendê-lo (Mt 21, 46).

- Defende-se da cilada — de fariseus e partidários de Herodes, que procuravam um motivo para o condenar, baseados na sua posição sobre o tributo a pagar aos romanos invasores — com a afirmação: *Dai a César o que de César, e a Deus o que de Deus*, a quem tudo se deve, como Senhor de tudo e todos (Mt 22, 15-22).

- Fundamenta a ressurreição dos mortos com textos da Escritura: ao proposto por saduceus para a negar (a lei do levirato), contrapõe um mais antigo que fala do Deus de Abraão, Isaac e Jacob. Por isso, conclui Jesus: *não é Deus de mortos, mas de vivos*, pela ressurreição (Mt 22, 23-33).

- Provocado por um entendido na Lei, apresenta, finalmente, o duplo mandamento do amor — a Deus e ao próximo —, como resumo de toda a Escritura (Mt 22, 34-40) e, indirectamente, como fundamento da sua autoridade messiânica, infinitamente superior à de David, que, por isso, *lhe chama Senhor* (Mt 22, 41-46).

De facto, vai ser na sua morte, cada vez mais próxima, que mais se manifestará o reino de Deus: o reino em que Jesus, ao entregar-se a Deus por toda a humanidade, triunfa para sempre sobre o pecado e a morte; o reino, portanto, do total amor a Deus e ao próximo, em que Jesus é o Senhor.

VI

O ACOLHIMENTO SOB JULGAMENTO

QUE JULGAMENTO?

68 Chegámos ao último dos cinco discursos de Jesus, estruturantes deste Evangelho (Mt 23, 1 — 26, 1s). Neste, como vimos, completa-se o primeiro (Mt 5, 1 — 7, 29)[69]: o reino de Deus, então anunciado e iniciado por Jesus, atinge agora a consumação, com a sua última vinda como rei glorioso e juiz universal. No seu julgamento decidirá quem será salvo ou condenado, para sempre, por ter acolhido ou rejeitado o evangelho.

Antes do julgamento final — tema da segunda parte do discurso, aí dirigido apenas aos discípulos (Mt 24-25) —, há outro julgamento, exposto a discípulos e multidões, como derradeira tentativa de os precaver contra a condenação definitiva (Mt 23). É, por isso, um misto de exortação e ameaça, especialmente para quem teima em rejeitar o reino de Deus ou corra perigo disso, de modo a poder ainda converter-se.

69 Bastaria isto para se ver que não é a condenação que Deus ou Jesus quer para nós. Seria contrário à sua misericórdia incondicional e eterna. Se permite a condenação, é apenas pelo respeito — que faz parte do amor e da misericórdia — pela liberdade de que nos dotou:

69. Vide n. 39.

uma liberdade que implica responsabilidade, que, por sua vez, cresce na proporção das graças e correspondentes missões que nos concede.

Por isso, Deus, mesmo como juiz que condena o pecador à pena eterna, jamais deixa de ser misericordioso. Na verdade, não é Deus, mas é o próprio ser humano que se condena a si próprio, ao persistir em rejeitar Deus e o seu amor, apesar das inúmeras ofertas de perdão e avisos das terríveis consequências da rejeição, como Jesus vai fazer.

JULGADOS POR DIZERMOS SEM FAZERMOS

70 É contra doutores da Lei e fariseus que Jesus se insurge. Aos primeiros competia interpretar as Escrituras — com o cerne nos cinco livros a Lei (ou Pentateuco) —, uma missão de mestres e juízes que exerciam sobretudo na sinagoga, sentados na cadeira de Moisés, reconhecido como o autor da Lei. A maioria deles pertencia ao partido dos fariseus, constituído por judeus «piedosos» (o mesmo que «fariseus»), que se empenhavam em cumprir e fazer cumprir a Lei.

Depois da destruição do templo de Jerusalém, em 70 d.C., e da consequente extinção da classe sacerdotal, os fariseus e os doutores da Lei assumiram exclusiva autoridade sobre a vida religiosa do povo, a partir de então concentrada ainda mais nas sinagogas. Para a salvaguardar, defendiam-se de desvios, de facções consideradas marginais — como os cristãos, sobretudo de comunidades com membros oriundos, na maioria, do Judaísmo. A animosidade chegou tão longe que esses judeo-cristãos acabaram por ser tratados como inimigos e proibidos de frequentar as sinagogas.

Era esse, provavelmente, o caso da comunidade cristã em que se formou o Evangelho segundo São Mateus, o que explica a dureza com que doutores da Lei e fariseus nele são tratados: muito pior do que nos outros Evangelhos — excepto o de São João, por razões semelhantes — e muito pior do que o terão sido por Jesus durante a sua vida pública. Ou seja, neste Evangelho, como aliás nos outros, reflecte-se muito

do que se passava no tempo e no meio ambiente em que foi escrito.

71 Como Jesus se dirige, neste discurso, a discípulos e multidões, os doutores da Lei e fariseus, aí duramente atacados, não eram, provavelmente, apenas os das sinagogas judaicas, mas também eram, principalmente, cristãos, mormente os mais responsáveis pela comunidade, que estavam a cair nos mesmos erros ou a correr risco disso. Isto é, Jesus quer banir da sua Igreja a mesma rejeição prática que a sua mensagem encontrava em dirigentes judeus. É, de resto, uma rejeição que se mantém, entre membros da Igreja, até aos nossos dias.

É mais uma razão para acolhermos as palavras que nos dirige — de acordo, aliás, com o específico da Bíblia, enquanto livro inspirado por Deus e, por isso, sagrado[70]. O tom e o teor das palavras que Jesus nos dirige parecem não ser carinhosos. Mas, a dureza justifica-se plenamente com o que nelas está em jogo: a salvação, nossa e de tantos outros. Que mais quer Ele de nós, que mais «caro» lhe é em nós, senão que nos salvemos?

Examinemo-nos, por isso, à luz das suas advertências, dispondo-nos a mudar de vida, se tal for necessário, ou, pelo menos, a pedir-lhe com humildade que nos dê a graça e a coragem de o fazermos.

72 A primeira coisa para a qual Jesus nos alerta é a falta de coerência entre o que dizemos e o que fazemos. A respeito dos doutores da Lei e fariseus, diz Ele: *Atam fardos pesados, difíceis de suportar, e põem-nos aos ombros dos homens, mas eles nem com um dedo seu os querem mover*. Justifica assim a exortação anterior: *Fazei e guardai, pois, tudo quanto vos disserem, mas não façais de acordo com as suas obras, pois dizem e não fazem* (Mt 23, 3s).

Sejamos sinceros. Na Igreja, ninguém está livre desta incoerência. Dificilmente haverá alguém na Igreja que não ensine, nem sequer a criança. Uns por dever de ofício e de modo sistemático, outros por

70. De facto, «nos Livros Sagrados, o Pai que está nos Céus vem carinhosamente ao encontro dos seus filhos, para conversar com eles» (II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Dei Verbum*, n. 21).

decisão livre e conforme as circunstâncias e ocasiões, todos ensinamos e, consequentemente, todos temos a aprender. Não te sintas, pois, quem quer que sejas, livre do perigo de que Jesus nos avisa.

Mas, tem sobretudo consciência das consequências negativas, para ti e para os outros, de não praticares o que ensinas. Consequências, cuja gravidade cresce na medida da responsabilidade que tens na Igreja:

— O bispo, por exemplo, que fale aos diocesanos, como é seu dever, da comunhão entre eles, mas que pouco ou nada se preocupa em conviver com eles, a começar pelo presbitério, participante no mesmo sacerdócio ministerial, que aceitação pode ele esperar dos apelos explícitos ou implícitos à comunhão?

— O padre, que, também por dever, incentive os fiéis a viver na paz, própria da Igreja, mas pouco ou nada faz para perdoar e se (re) aproximar de um colega que o ofendeu ou vive em desacordo com a sua condição sacerdotal, mas até o calunia na sua ausência, que efeito poderão ter as palavras ditas aos fiéis?

— O catequista, que não participe — mais do que assistir — na Eucaristia dominical, se possível com os catequizandos; ou, os pais que levam os filhos à catequese, mas pouco ou nada querem saber da vida cristã, em casa e na comunidade; ou, o ministro da comunhão que provoca divisões na sua comunidade cristã ou fomenta a ruptura desta com a Diocese, qual será o resultado de ministérios exercidos assim?

— O cristão que frequenta a Igreja — nomeadamente, na Eucaristia —, de modo regular ou não, mas inventa sempre desculpas para recusar qualquer serviço na Igreja e na sociedade, ou, pior ainda, leva uma vida conscientemente contrária ao que escuta de Deus, que significado prático pode ter o «amen» repetido nas celebrações?

Os exemplos podiam multiplicar-se. Mas, o importante é que revejas toda a tua vida e tomes consciência do atentado que podes estar a cometer contra o evangelho e, nele, contra Deus, impedindo que seja acolhido por tantos que dele precisam e por ele anseiam — de ti — para a salvação deles e tua. Será que acreditas mesmo naquilo que não pões em prática?

JULGADOS POR NOS SUBSTITUIRMOS A DEUS

73 Se, como no caso anterior, não acreditar — pela prática de vida — naquilo que se ensina já era de extrema gravidade, agora, naquilo de que Jesus acusa os doutores da Lei e fariseus, o efeito negativo ronda o diabólico (Mt 23, 5-12). Eis a acusação: *Fazem todas as obras para serem vistos pelos homens*. Eis as obras: *alargam os seus filactérios e aumentam as franjas do manto*[71], em privado, mas para ostentar publicamente; *gostam dos primeiros lugares nos banquetes e dos primeiros assentos nas sinagogas*, isto é, nos espaços profano e religioso; (gostam) *das saudações nas praças públicas e de serem chamados «rabi» pelos homens*, isto é, serem publicamente venerados, inclusive com um título «académico» do maior prestígio[72].

Em suma, estamos perante o exibicionismo mais puro e perverso, à custa de tudo, até do próprio Deus. Todas as quatro obras referidas são religiosas, inclusive a segunda e a terceira, já que são de pessoas ocupadas exclusivamente em missões religiosas, mesmo a de ser juiz, na altura exercida nas sinagogas, que eram sobretudo lugares de oração. Assim sendo, até as coisas mais invioláveis de Deus — e, nelas, Ele próprio — eram instrumentalizadas para proveito próprio, nalguns casos possivelmente para fins pouco ou nada condizentes com Deus e as pessoas a Ele consagradas. Dito em linguagem teológica: um sacrilégio[73]!

74 «Entre vós, porém, de modo algum pode ser assim!» — avisa-nos Jesus, a mim e a ti. Ele especifica, acrescentando ao título de *rabi* os de *pai* e de *guia*. Finalmente, diz a razão: *Porque um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos; (...) um só é o vosso Pai celeste; (...) e um só*

---

71. Filactérios eram pequenos estojos com as palavras mais importantes da Lei, pendurados na testa e no braço esquerdo, com que, respectivamente, se pensa e age (cf. Dt 6, 8). As franjas eram ligadas aos extremos do manto — obrigatoriamente, mas não de modo exclusivo —, em actividades oficiais dos doutores da Lei.

72. *Rabi*, proveniente do hebraico *rab*, «grande», significa, à letra, «meu grande». Em princípio, o título não se obtinha antes dos 40 anos e era aplicado ao mestre de uma escola que formava futuros mestres. O *rabi* ocupava-se sobretudo da interpretação da Lei, inclusive na função de juiz.

73. Conforme o *Catecismo da Igreja Católica*, «o *sacrilégio* consiste em profanar ou tratar indignamente os sacramentos e outras acções litúrgicas, bem como as pessoas, as coisas e os lugares consagrados a Deus» (n. 2120).

o vosso guia: o Cristo. No centro está o Pai celeste, por ser a fonte de que emanam as relações de igualdade fraterna entre os cristãos.

Não que Jesus proíba tais títulos ou outros semelhantes. Estaríamos hoje muito mal. Os títulos exprimem o significado que se lhes atribui e o uso que deles se faz. Assim, se alguém na Igreja é tratado por «pai», «mestre» ou «guia», tais títulos estão isentos de qualquer conotação negativa e condenável, sendo assumidos, por quem os recebe e quem os usa, do mesmo modo como Deus exerce a missão de Pai celeste, isto é, acima de qualquer pai terreno, por muito bom que este seja; e como Cristo é Mestre unicamente para servir.

É nesse sentido que Ele nos diz: *O maior entre vós será vosso servidor*. Depois, acrescenta o que é específico do servidor: a humildade, porque *aquele que se exaltar será humilhado, e aquele que se humilhar será exaltado*, ou seja, *será o maior*. Assim foi com Jesus, que *não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de todos* (Mt 20, 29). Isto é, serviu, dando a vida, desfazendo-se dela, na maior humilhação: a da cruz. Mas, foi exaltado por isso e tornou-se definitivamente Mestre e Guia, sempre pela via do serviço, que continua a exercer através dos seus enviados, de ti e de mim. Se assim não for, esperam-nos consequências terríveis...

JULGADOS PARA SERMOS CONDENADOS?!

75 Que essa possibilidade existe — a de sermos condenados — mostra-o Jesus a seguir (Mt 23, 15-33). Com que ênfase! Recorre à interjeição «ai de», que exprime dor, lamento, queixume, em oposição assim a «felizes», que aparece no início do discurso da montanha, em que começou a anunciar o reino de Deus (Mt 5, 3-12). Repete a interjeição até sete vezes — um número completo — para introduzir outras tantas ameaças. Dirige-se aos visados pelas ameaças, como se estivessem presentes, estando eles ausentes. Chama-lhes «hipócritas» (seis vezes, todas no início de ameaças), «guias cegos» (duas vezes)

ou apenas «cegos» (duas vezes), «insensatos e cegos», «serpentes» e «geração de víboras» (uma vez cada).

Destaca-se a hipocrisia e a cegueira, talvez porque, genericamente, melhor exprimem o que os visados são: aparentam exteriormente o contrário do que os move no interior. Mandam que se pratique o bem que eles não fazem. Se o fazem, é em função de si próprios, para dar nas vistas. Mas, até nisso são cegos, não vendo sequer que Deus não se deixa enganar. Quer dizer que o perderam do seu horizonte, de toda a sua vida.

São os corruptos, que o Papa Francisco distingue dos pecadores: enquanto o pecador se arrepende, «o corrupto (...) é aquele que peca e não se arrepende, aquele que peca e finge ser cristão, e com uma vida dupla provoca o escândalo. (...) O pecador, ao reconhecer-se como tal, de alguma forma admite que aquilo a que aderiu, ou adere, é falso». Mas, «o corrupto esconde aquilo que considera o seu verdadeiro tesouro, aquilo que o torna escravo, e disfarça o seu vício com a boa educação, arranjando sempre uma forma de salvar as aparências»[74].

76 Tais hipócritas, cegos e corruptos até na Igreja existem, não estando ninguém de nós livre de o ser. As consequências não são apenas terríveis para os próprios, mas também para os outros, uma vez que, sem Deus, jamais se salvarão. Por todas estas razões, prestemos redobrada atenção às ameaças que Jesus lhes dirige, mas na presença dos discípulos, isto é, a pensar em nós. Examinemo-nos à luz do que nos diz:

- São hipócritas, primeiramente, *porque* — diz-lhes Jesus — *fechais o reino dos céus diante dos homens: vós não entrais nem deixais entrar os que estão para entrar* (Mt 23, 13). De seguida, esclarece quem são estes últimos e por que uns e outros não entram no reino dos céus.

74. FRANCISCO – *O nome de Deus é Misericórdia: uma conversa com Andrea Tornielle*, Lisboa 2015, pp. 86-87. À pergunta se não haverá hipóteses de um corrupto se converter, o Papa responde: «Não é fácil para o corrupto sair desta condição por um remorso interior. Geralmente, o Senhor salva-o através de grandes provas de vida, situações que não pode evitar e que quebram a máscara construída pouco a pouco, permitindo assim à graça de Deus entrar» (pp. 88s).

- Não entram os hipócritas, porque, totalmente fixados em si, à custa até de Deus, o impedem de reinar nas suas vidas; nem entram os prosélitos[75], que eles tudo fazem para atrair, mas que, por falta de uma fé forte, facilmente se escandalizam com o seu modo de viver (Mt 23, 15).

- Não entram os doutores da Lei e fariseus, que são *guias de cegos* — nomeadamente, nos juramentos. São capazes de jurar por qualquer coisa de Deus, mas fecham os olhos ao próprio Deus. Fosse Ele visível nas suas vidas, nem de jurar precisariam, já que ninguém como Deus garante a verdade do depoimento (Mt 13, 16-22; cf. 5, 33-37).

- Não entram os hipócritas que pagam *dízimo* até do mais ínfimo e raro legume, mas sem *a misericórdia e a fé* que exige a completa oferta da vida (Mt 23, 23s).

- Não entram os hipócritas que participam no culto, purificando-se por fora, mas descurando o interior, conspurcado pelo pecado (Mt 23, 25s).

- Não entram os hipócritas que, quais *sepulcros caiados*, parecem justos a cumprir a Lei até ao mínimo pormenor, mas, no seu interior, reina a podridão da hipocrisia e da iniquidade, já que tudo o que fazem é para dar nas vistas (Mt 23, 27s).

- Não entram os hipócritas que edificam vistosas sepulturas para profetas e justos, mas, com isso, apoiam os antepassados que os mataram (Mt 23, 29-33).

75. Prosélitos eram os pagãos que aderiam completamente ao Judaísmo, deixando-se até circuncidar. Nisto se distinguiam dos chamados «tementes a Deus», que apenas aderiam às normas de vida judaicas, sendo para isso admitidos nas sinagogas, o que só era, porém, permitido na diáspora.

A última acusação é confirmada pelo que eles — fariseus e doutores da Lei, juntamente com os habitantes de Jerusalém que dominam — fazem, de igual modo, aos *profetas, sábios e doutores de Lei* que Jesus, morto e ressuscitado, lhes envia, depois de o rejeitarem a Ele, o Emanuel (Mt 23, 34-39). Haverá para eles salvação possível da parte de um Deus que tão radicalmente eliminam das suas vidas?!

77 Senhor, Deus nosso Pai, reconheço que a pergunta é também para mim, seja eu bispo, padre, religioso, consagrado ou leigo. Por isso me volto para ti. Só Tu me podes impedir de ser rejeitado e de não poder gozar para sempre da felicidade única no teu reino.

Mas, também reconheço, Senhor, que a posso perder. Como é fácil ceder à tentação do prestígio e do protagonismo que te excluem da minha vida! É hoje tão normal — designadamente, fora da tua Igreja. Talvez seja até humano, já que todos precisamos de ser vistos, reconhecidos, quiçá admirados. Que infeliz se sente uma criança ou um idoso a quem ninguém liga! Faz parte da dimensão social da vida ser visto pelos outros, para com eles con-viver. Sem isso, como poderei ser feliz?!

Reconheço, contudo, meu Deus... Melhor, peço-te que me ajudes a reconhecer o mal que provoco e me acontece, quando procuro satisfazer essa necessidade a todo o custo: à custa dos outros, ignorando-os, desprezando-os ou até eliminando-os. Tantas são as maneiras de o fazer! Mas, sobretudo, à tua custa, marginalizando-te, ou, pior ainda, instrumentalizando-te, servindo-me de ti, da tua palavra, dos teus sacramentos, da tua Igreja, para me promover, dar nas vistas, ser admirado e mesmo aplaudido por quem me ouve e vê. De tal modo que, se o não fazem, nem que seja com um simples «obrigado», fico triste, talvez amuado e mesmo desanimado... Como se fosse eu, Senhor, a ser servido! E não Tu, a quem tudo devo do que sou e tenho. Tu, que tanto me amas e tanto confias em mim! Tu, que por isso me chamas para a mais bela missão de te representar, de ser mediador dos teus dons e bens, do teu amor... Mas, não para me substituir a ti, ocupar o lugar que é só teu, ou, pior ainda, me servir de ti em proveito próprio.

Não apenas para ser centro de atenções só a ti devidas, mas também, e sobretudo, para me enriquecer materialmente, apoderando-me, quiçá pela calada, das ofertas que te são feitas, muitas vezes na própria Eucaristia, o sacramento por excelência do teu ilimitado e incondicional amor, o sacramento celebrado para me dar mais a ti, em resposta às graças que, especialmente, então me concedes

Como é possível, Senhor, meu Deus, que isso aconteça!? Que egoísmo! Que ingratidão! Que falta de respeito pela Igreja que é tua! Que desprezo pelas normas que fazem dela uma comunidade de amor, numa comunhão de irmãos, uma comunhão que se alimenta da partilha do que temos e que de ti, directa ou indirectamente, recebemos; uma comunhão que faz dela, da Igreja que me acolhe e a que pertenço, sacramento da tua salvação, lugar onde mais se manifesta o teu reino e meio único e verdadeiramente credível de anunciar a boa nova do teu amor!

Faz de mim, Senhor, Deus nosso Pai, verdadeiro servidor da tua Igreja e de todos aqueles que, nela ou fora dela, precisam de ti, ainda que o não saibam. Faz-me seu servidor incondicional e sem outra intenção que não seja a de os servir. Que eu jamais faça depender o serviço que presto de qualquer recompensa. Seria perverter o serviço, reduzindo-o a uma mercadoria comercializável. Seria esvaziá-lo da gratuidade que o identifica como dom. Quão fácil seria então cair na terrível armadilha de apenas acolher, ou acolher melhor, quem mais me satisfaz e recompensa! Que eu, Senhor, seja servidor de todos, bons ou maus, ricos ou pobres.

Para isso, ajuda-me a descer ao seu nível, por mais baixo que seja, a humilhar-me a eles, às suas carências e pretensões. Faz de mim o que fizeste de teu Filho Jesus Cristo, Ele que não veio para ser servido, mas para servir. De que modo? Dando a vida por todos, por mim! Faz-me servidor como Ele e então serei verdadeiramente feliz, com Ele, que, para sempre, vive e reina contigo, na unidade do Espírito Santo Mas, sem deixar de estar connosco, como Emanuel.

JULGADOS POR CRISTO NA SUA ÚLTIMA VINDA

78 É da sua última vinda em poder e glória e como juiz universal que Jesus fala na segunda parte do discurso (Mt 24 — 25). Então se decidirá o acolhimento — ou, a rejeição — definitivo, dele por nós e de nós por Ele. Daí a centralidade do tema (Mt 24, 29-21), que é precedido de uma série de sinais — uns de que a vinda está próxima, outros susceptíveis de assim, erradamente, serem interpretados —, sucedendo-lhe uma série de orientações para alcançarmos a salvação desejada.

A lançar o tema são os discípulos os únicos interlocutores a partir de agora. Depois de chamarem a atenção de Jesus para a beleza ímpar do templo e de Ele lhes anunciar a sua total ruína, com todos no Monte das Oliveiras, lugar ideal para apreciar a cidade e o templo, perguntam-lhe: *Quando será isso e qual o sinal da tua vinda e da consumação dos tempos?* (Mt 24, 3). Em si, são duas perguntas. Mas, tornam-se três, quando a primeira, com o andar do tempo, se desdobrar. Na origem, referia-se apenas à destruição do templo. Entretanto, começou a pensar-se que, com ela, coincidiria a última vinda de Cristo. Não tendo isso acontecido — quando o templo foi arrasado, no ano 70 —, a pergunta passou a referir-se apenas à vinda de Cristo. Tanto a ruína do templo como os acontecimentos que a precederam e acompanharam deixaram de ser vistos como sinais de que a vinda de Cristo estaria para breve. Foi neste contexto que São Mateus escreveu o seu Evangelho, nos anos 80.

79 Escreveu-o, tal como outros autores cristãos, também para desfazer dúvidas, surgidas pelo facto de Cristo não ter vindo quando se esperava: Será que virá mesmo? É que, não vindo, toda a vida cristã perderia sentido: para quê o anúncio do evangelho? Para quê sujeitar-se a tantas e tão dolorosas rejeições, até entre familiares de sangue? Para quê privar-se de tantas e tão aliciantes coisas, em prol de uma vida moral sem dúvida mais saudável, mas também muito mais dura, se no fim da vida nada disso valerá?

Imagine-se o estado de espírito de quem fazia estas e outras perguntas semelhantes. Houve quem abandonasse a fé e a Igreja, sobretudo em tempos de perseguições. Mas, até os que se iam mantendo precisavam de certezas acerca da vinda gloriosa de Cristo, fosse ela quando fosse. Se não, que sentido teria toda obra de Jesus, incluindo a sua ressurreição? Possivelmente, até desta se duvidava, apesar das profundas mudanças nas testemunhas oculares, operadas pelo Ressuscitado: a radical reviravolta na vida de São Paulo, por exemplo. Mas, mesmo sendo verdadeira, de que valia a ressurreição, se o reino de Deus nela manifestado continuava longe de se consumar?

80 Havia, pois, uma necessidade vital de reconhecer no regresso glorioso de Cristo o estatuto de verdade de fé. O que veio a acontecer. Ainda hoje é um dos artigos de fé das duas fórmulas do Credo, que proclamamos, e a prece central na primeira parte da oração dominical, que rezamos.

A centralidade que tem no discurso escatológico — provavelmente, pela mesma razão — é reforçada pela densidade do texto, apesar de ser, comparativamente, bastante breve (Mt 24, 29-31):

- O acontecimento é descrito com palavras consagradas na Escritura:
  a) Sobre o fim do mundo: *«O sol ficará escuro, a lua não dará mais o seu brilho, as estrelas cairão» do céu «e os poderes dos céus» serão abalados* (Is 13, 10; 34, 4). Isto é, o universo voltará, segundo desígnio divino, ao nada anterior à sua criação.
  b) Sobre uma reacção dos que se apercebem da vinda de Cristo:

«Baterão no peito todas as tribos da terra», ao verem «o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu» com poder e glória (Dn 7, 13s; Zc 12, 10) — provavelmente, como lamentação por parte dos que nele não acreditavam.

- Com a repetição do título de «Filho do Homem» — numa das vezes como «sinal» — são reconhecidos, por um lado, a condição divina de Jesus e, por outro, os correspondentes poderes. Conjugam-se nele a transcendência (do *céu*) e a imanência (de *homem*), específicas de um Deus autoidentificado como *Aquele que sou* ou *estou convosco* (Ex 3, 14). Por isso, também Jesus é chamado (por Deus) *Emanuel* (Mt 1, 23; Is 7, 14), o que já basta para ser visto como *o sinal do Filho Homem* (Mt 24, 30).

- Nessas condições realizará a missão de juiz universal, exclusiva de Deus: *Enviará os seus anjos, com uma grande trombeta, e eles reunirão os eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade à outra da terra* (Mt 24, 32) — os eleitos, para lhes dar, certamente, a salvação que merecem, por se terem mantido na fé e na prática do amor.

Estaremos nós, eu e tu, entre eles? Depende da preparação a que Jesus nos convida, antes e depois da referência central à sua última vinda.

81 São duas as condutas, com os respectivos sentimentos, acerca das quais Jesus, nessa preparação, nos acautela. Primeiro, antes de expor a sua vinda gloriosa, a ansiedade, com os factores que a poderão provocar (Mt 24, 4-28):

- No interior da Igreja, o aparecimento de falsos cristos ou profetas, mencionado três vezes (Mt 24, 6. 11. 23-28) e acompanhado de repetidos apelos a não nos deixarmos enredar, nem sequer pelos sinais e prodígios por eles praticados. Ainda hoje os há,

capazes de levar a decisões precipitadas e, mais cedo ou mais tarde, frustrantes.

- Do exterior da Igreja, acontecimentos ruinosos, uns naturais, outros causados pela malícia humana (Mt 24, 6-22). Dos últimos fazem parte:
  a) as perseguições mais ou menos violentas, sofridas por muitos cristãos, até aos nossos dias, por darem testemunho do Evangelho;
  b) a tomada de Jerusalém pelos romanos (ano 70), em que arrasaram o templo, profanando-o, acontecimentos referidos em termos bíblicos, como *abominação da desolação* (Dn 8, 13; 9, 27; 11, 31; 12, 11, sobre a profanação do templo em 167 a.C.) e *grande tribulação, como não aconteceu desde o princípio do mundo até agora* (Dn 12, 1; Jl 2,2, sobre o chamado «dia do Senhor», em que Ele salva os eleitos e elimina os malvados). Com as citações, Jesus reforça o apelo à esperança e perseverança, sobretudo de quem sofre perseguição. Tudo está sob o domínio de Deus, que até de desgraças se serve para salvar, a exemplo do que fez na paixão e morte de Jesus Cristo, seu Filho.

82 A outra atitude a que, insistentemente, Jesus apela, após falar da sua vinda gloriosa, é a vigilância, contra a indolência, cansaço e indiferença, que se apoderam de quem, no fundo, nem acredita nessa vinda, nem no julgamento que nela se há-de realizar. Será o nosso caso, teu e meu?

A vigilância preconizada por Jesus apoia-se em duas verdades por Ele largamente ilustradas:

a) Por um lado, a certeza da sua vinda gloriosa (Mt 24, 32-35). Para ela apontam os referidos factos que a precedem, antes e depois da destruição do templo. Se Ele, na sua ressurreição, triunfou sobre atrocidades bem piores, então tais factos são afinal sinais de que o seu triunfo definitivo e universal está

próximo, isto é, seguro. É como o rebentar das folhas de figueira a anunciar o verão. Daí a afirmação que Ele classifica como verdade de fé: *Amen vos digo: não passará esta geração, até que todas estas coisas aconteçam. Estas coisas* são as anteriores à sua vinda gloriosa, a que a *geração* humana, que perdura até hoje, deve estar atenta... e interpretar.

b) Por outro lado, mas em sentido oposto, é também verdade, a aceitar, a ignorância sobre a data dessa vinda (Mt 24, 37-51): *Ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, apenas o Pai* — diz Jesus. Independentemente do significado da sua própria ignorância, certo é que, se a data fosse conhecida, acabaria até lá a vigilância, que, além de necessária, deve ser activa: como a de Noé, a preparar-se para o dilúvio, que sabia vir a acontecer, mas não quando; ou, como a do senhor, ciente de que a sua casa a qualquer hora podia ser assaltada; ou, ainda, como a dos servos que o senhor põe à frente da sua casa, ao ausentar-se, mas sem dizer até quando: o bom, porque o faz com o maior desvelo, mostra-se em condições de ficar à frente de todos os bens; o mau, convencido de um regresso tardio do Senhor, entrega-se à boémia e trata mal os outros servos; por isso, terá a condenação que merece.

Resta saber a que preparação Jesus se refere. Isto é, como é que nós, seus discípulos, temos de estar vigilantes, para obtermos, na sua vinda gloriosa, a sentença desejada.

JULGADOS SEGUNDO O AZEITE E OS TALENTOS DA FÉ

83 Azeite e talentos — tema das duas parábolas em que Jesus explicita a vigilância exigida (Mt 25, 1-30) — são metáforas da fé. Como o azeite, a fé ilumina, aquece, alimenta. É, em suma, fonte da vida, aquela vida de valor incalculável, semelhante ao dos talentos (a moeda mais valiosa), que Deus dá aos que o servem pela fé.

Mas, para isso, a fé tem de ser cuidada e crescer. Se assim não acontecer, acaba por arrefecer e perder-se. Assim acontece nas duas parábolas, construídas de modo idêntico, isto é, em que os intervenientes formam dois grupos de condutas antagónicas:

- Na *parábola das dez virgens* (Mt 25, 1-13): as cinco ponderadas, porque o são, levam azeite suficiente para manterem as candeias acesas até à chegada retardada do noivo e com ele entrar para a boda. Com elas contrastam as cinco insensatas, que, sem azeite suficiente e por terem de ausentar-se para o comprar, ficam de fora, mesmo depois de pedirem ao noivo que lhes abra a porta. Resposta dele: *Amen vos digo: não vos conheço*. Uma afirmação acentuada pelo *amen* expressivo da fé. Não as conhece, porque elas não o conhecem. De contrário, ter-se-iam preparado e vigiado, como se deve fazer, quando se desconhece o dia e a hora da vinda gloriosa do Senhor.

- Na *parábola dos talentos* (Mt 25, 14-30): os servos, que, conforme as suas capacidades, receberam, um, dez talentos, e o outro, cinco: por terem-nos posto a render até ao dobro do valor, além de louvados, são admitidos na alegria do senhor. Com eles contrasta o servo que apenas recebeu um talento: com medo de o perder e de ser implacavelmente castigado pelo seu senhor, muito exigente, escondeu o talento debaixo da terra. Resultado: além da severa repreensão, ficou sem o talento e

> foi excluído para sempre. Ou melhor, ele próprio autoexcluiu-se, já que o motivo da exclusão — a radical exigência do seu Senhor — era-lhe tão bem conhecido que se deixou vencer pelo medo... e perdeu tudo. *É que* — justifica-se Jesus — *a todo o que tem será dado e acrescentado, mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.*

Esta afirmação só no contexto da fé tem pleno sentido. Ou se pratica e cresce, ou até a pouca fé que se tem desaparece. Se Jesus insiste tanto nela, com duas parábolas que se completam nas diferenças das imagens e personagens, fá-lo para nos avisar da gravidade do perigo de a perder e para nos incentivar a deixarmo-nos conduzir e fortalecer por ela, para nos mantermos unidos ao Deus do qual depende a nossa salvação. Falta saber de que fé realmente se trata ou, melhor, que nos leva ela a fazer, para se fortalecer e garantir a tão desejada salvação. Segue-se a resposta.

JULGADOS SEGUNDO A PRÁTICA DA MISERICÓRDIA

84 Na cena do juízo final (Mt 25, 41-46)[76] com que Jesus conclui o último discurso, são várias as correspondências com as duas parábolas anteriores:

a) Entre os intervenientes divididos em dois grupos opostos: como às cinco virgens ponderadas se opunham as cinco insensatas e aos dois servos bons se opunha o mau, os que agora *partirão para o castigo eterno* contrastam, de modo semelhante, com *os justos* que partirão *para a vida terna.*

b) Entre os intervenientes que comandam e decidem: nas parábolas, o noivo e o proprietário são agora identificados com o Filho do Homem, glorioso e juiz.

76. Não é uma parábola, já que são reais os que nela intervêm, embora alguns apresentados com traços metafóricos e comparativos.

c) Entre os desfechos: assim como as virgens entraram ou não para a boda e os servos bons e fieis entraram na alegria do senhor, ao passo que o mau e preguiçoso foi lançado nas trevas exteriores, assim também os justos, como ovelhas à direita do pastor, partirão, no fim, *para a vida eterna*, enquanto os que estavam, como cabritos, à esquerda do pastor, no fim, *partirão para o castigo eterno*.
d) Entre os critérios das decisões: o azeite e os talentos da fé são agora associados às seis obras de caridade misericordiosa.

Como se vê, na última correspondência, mais do que identificação, há continuidade. É que *fé, sem obras, está morta em si mesma* (Tg 2, 17), *a fé que actua pelo amor* (Gl 5, 6). De facto, acreditar em Deus, que tão incondicionalmente nos ama, sem pôr em prática o amor que dele recebemos, não pode deixar de nos levar, mais cedo ou mais tarde, a perder a fé que temos nele ou, então, a fazer dela uma farsa, o que é muito pior. Pois, enganamos os outros com pretensas expressões de fé, sabendo ou, talvez, desconhecendo que Deus não se deixa enganar. Era esta hipocrisia que Jesus, na primeira parte do discurso, criticava, longa e duramente, nos doutores da Lei e fariseus (Mt 23, 13-33) — e, quiçá, em muitos cristãos de hoje. Queira Deus que não, ao menos em ti e em mim!

85 Por conseguinte, a vigilância tão exigida por Jesus para podermos entrar, na sua vinda em poder e glória, definitivamente no seu reino, consiste na indispensável prática do amor misericordioso. Daí a solenidade e intensidade com que Jesus nela insiste:

- Ele próprio apresenta-se na mais sublime majestade divina: como *Filho do Homem na sua glória*, com *todos os seus anjos* e *sentado no trono da sua glória*, para julgar *todos os povos*, *reunidos diante dele*; como *pastor* e juiz de *ovelhas e cabritos*; como *rei* (vv. 34. 40); como Filho de Deus (a quem chama *meu Pai*) e com um

reino desde a fundação do mundo; como *Senhor* (vv. 31-34. 37. 40).

- Quatro vezes são mencionadas as obras a praticar: duas, ditas pelo juiz (Jesus), das quais a primeira aos que as praticam e a segunda aos que o não fazem (vv. 35s. 42s); e duas são ditas, em forma interrogativa, pelos que as praticam e pelos que o não fazem (vv. 37-39. 44). Note-se como, de menção para menção, vão diminuindo os predicados (verbos de acção) até se reduzirem, na última, a um: «servir». Isto é, da parte dos que, não servindo, para nada mais servem, senão para serem condenados.

- As seis obras referidas estão divididas em três grupos de duas em cada um: no primeiro, trata-se de socorrer quem padece das mais elementares carências corporais, como *dar de comer* a quem tem *fome* e *de beber* a quem tem *sede*; no segundo, de ajudar quem sofre de segregações sociais, como *acolher estrangeiros* e *vestir os nus* (por isso, sem condições de se mostrar em público); no terceiro, de *visitar* os que não são livres, porque *doentes* ou *presos*. É o ser humano na totalidade das condições para ser feliz: individual, social e religiosa[77].

- É radical o contraste entre os que praticam e os que não praticam a caridade, logo na apresentação: aos primeiros, *o rei* lança o convite *vinde*, trata-os por *benditos de meu Pai* — participantes dos bens divinos, como os *felizes* das Bem-aventuranças — e chama-os a tomar *posse do reino, preparado para eles desde a fundação do mundo*; aos segundos, ordena-lhes que se *afastem dele*, apelidando-os de *malditos* — pelo mal de que irão sofrer, devido ao mal de omissão cometido — e destina-os *ao fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos* (vv. 34. 41).

77. A liberdade é reconquistada pelos chamados sacramentos da cura realizada por Deus: a espiritual, pela Penitência ou Reconciliação, e a corporal, pela Unção dos Enfermos, ainda que ambas as dimensões (espiritual e corporal) estejam intimamente ligadas.

- No cerne do julgamento está a identificação de Jesus — na sua dignidade divina e com o poder de rei e juiz — com todo o género de carenciados, incluídos nos seis referidos. A identificação expressa-se nas quatro menções e é duas vezes confirmada com uma solene fórmula de fé: *Amen vos digo: quantas vezes o fizestes* — ou *não* — *a um destes irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes* — ou *não* (vv. 40. 45). Jesus rebaixa-se — como servidor — de tal modo à pequenez deles, que passam a fazer parte da sua vida, a ser irmãos seus. Em suma, acolhê-los (ou rejeitá-los) é acolher (ou rejeitar) o próprio Jesus, rei glorioso e universal, bem como a felicidade ilimitada, que só no seu reino se pode obter.

Cuidado! Porque entre os visados estamos eu e tu. Procura por isso fazer uma séria e profunda revisão de vida, enquanto, calma e repetidamente, lês o discurso. É a última oportunidade (neste Evangelho) que Jesus te oferece, para te decidires para onde ir, no dia e na hora, por ti desconhecidas: se para *o castigo eterno*, se *para a vida eterna* (vv. 46).

Tenhas ou não medo de arriscar, vale a pena veres como Jesus viveu até ao extremo o julgamento que acaba de expor.

JULGADOS COMO JESUS CRISTO

86 São Mateus termina o seu Evangelho, à semelhança dos outros evangelistas, com o relato da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Há, no entanto, um pormenor que é exclusivo dele: é o único evangelista que, sistematicamente, mostra Jesus a realizar o que ensina nos discursos, incluindo este. Repare-se como dele transita para o relato que se segue: *Aconteceu então, quando Jesus acabou de dizer todas estas palavras* (de todos os discursos), *que disse aos seus discípulos: «Vós sabeis que faltam dois dias para a Páscoa, e o Filho do Homem vai ser entregue para ser crucificado»* (Mt 26, 1s). Isto é, na sua traição e

crucifixão, Jesus vai ser julgado de modo genericamente semelhante, até no desfecho, ao modo como Ele, na sua vinda gloriosa, julgará a humanidade inteira.

Nesse sentido, veremos Jesus a confrontar-se com as duas reacções, aparentemente opostas, recorrentes em todo o seu percurso messiânico: rejeição e acolhimento ou, melhor, acolhimento causado pela rejeição. Uma simbiose, humanamente anormal, que se consuma na sua paixão, morte e ressurreição.

87 Assim, por um lado, vemos Jesus a ser rejeitado:

- *Pelos membros do sinédrio*, o tribunal judaico presidido pelo sumo-sacerdote: decidem *prender Jesus à traição e matá-lo*; ordenam e organizam a sua prisão; julgam-no até lhe sentenciarem a morte; entregam-no ao governador romano Pilatos, o único com poder para condenar à morte; instigam as multidões a exigir a crucifixão; escarnecem dele, depois de crucificado; pedem guardas para defender o sepulcro de um temível roubo do cadáver; aliciam-nos para dizerem que, em vez de ressuscitado, tinha sido roubado (Mt 26, 3s. 47-56s. 57-68; 27, 1s. 12. 20. 41-43; 28, 11-15).

- *Pelo governador Pilatos*, à frente da Palestina ocupada pelos romanos: condena Jesus à crucifixão, trocando-o por Barrabás, um criminoso, pressionado pela massa popular e depois de avisado pela esposa da injustiça que cometia e de lavar as mãos da responsabilidade pela condenação (Mt 28, 1-26); tem a colaboração dos soldados, que encenam uma rebaixante entronização de Jesus como rei e o levam até ao lugar onde é crucificado e escarnecido até à morte (Mt 27, 27-50).

- *Pelos doze discípulos mais próximos*: Judas Iscariotes vende-o a preço de escravos e, depois de participar na última ceia, atraiçoa-o com um beijo, um acto de que se arrepende, mas pela

via do suicídio (Mt 26, 14-16. 22-25. 47-50; 27, 3-10); Pedro, apesar de avisado por Jesus, nega-o três vezes, precisamente quando Ele estava perante o sinédrio, mas, no fim, chora de arrependimento (Mt 26, 31-35. 57s. 69-75); discordam da unção dele em Betânia (Mt 26, 8s); um ainda tenta defendê-lo à espada, aquando da prisão, e todos, menos Pedro, o abandonam e fogem, mal Ele é preso (Mt 26, 51-54. 56).

88 Por outro lado, vemos Jesus a ser acolhido:

- Primeiro e acima de tudo, por Deus, a quem totalmente se confia pela oração nos dois momentos mais marcantes da sua paixão:
  a) Imediatamente antes de ser preso, no Getsémani, para onde, após a última ceia, se retira com os discípulos, e ali, angustiado, se prostra por terra e reza: *Meu Pai, se é possível, que se aparte de mim este cálice; no entanto, não se faça como Eu quero, mas como Tu queres*; numa segunda vez, depois de exortar os discípulos adormentados à mesma vigilância, muda «se é possível» para «se não é possível», sinal da crescente prontidão em cumprir a vontade do Pai; depois da terceira, desafia os discípulos, com uma energia humanamente inexplicável, a enfrentar sem medo o traidor, que, com as tropas, se aproxima para o prender (Mt 26, 36-46).
  b) Antes de morrer, *bradou com voz forte: (...) «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?»*. Seria uma acusação blasfema — uma vez que Deus, por natureza, não podia abandoná-lo —, se não fosse uma queixa dirigida a Deus, de que é, de resto, seu autor (Sl 22, 2); mas, porque assim exprimia o que, na verdade, sentia, *bradando de novo com voz forte, entregou o espírito* (Mt 27, 45-50).

- Jesus é acolhido por Deus, porque sempre coloca acima de tudo o cumprimento do seu desígnio, exposto nas Escrituras. Ele

recusa ser defendido pela violência com a justificação: *Como é que, então, se cumpriam as Escrituras, segundo as quais é necessário que assim aconteça?* (Mt 26, 34). Importantes situações e acções na sua paixão são expressas ou ilustradas com textos bíblicos: na negação de Pedro cumpre a profecia de Zc 13, 7 (Mt 26, 31); a sua condição de Cristo e Filho de Deus é exposta com palavras de Dn 7, 13 e Sl 110, 1, cujo tema é a vinda gloriosa do Filho do Homem (Mt 26, 64); a venda de Jesus por Judas é vista como cumprimento de Zc 11, 12s (Mt 27, 9s); os passos anteriores à sua morte são descritos com citações do Sl 22, cujo início Ele usa para a citada oração final (Mt 27, 32–46).

- Jesus é acolhido por Deus, na medida em que os títulos, aduzidos pelos opositores como falsos e, por isso, merecedores da condenação e execução, acabam por se revelar como verdadeiros: Jesus é realmente *o Cristo, Filho de* Deus, de que o sinédrio o acusa, para lhe sentenciar a morte (Mt 26, 63), e Ele é, de verdade, o *Filho de Deus* e *Rei dos judeus* ou *de Israel*, que foi escarnecido na cruz (Mt 27, 37–43). O mesmo se pode deduzir das palavras ditas pelo povo em reacção à lavagem das mãos por Pilatos, para se descartar da responsabilidade pela condenação de um inocente: *Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos*. Palavras que são um arrepiante reconhecimento de culpabilidade e uma consequente aceitação das suas terríveis consequências. A essas palavras correspondem afinal as que Jesus, na última ceia, dissera sobre o cálice: *Este é o meu sangue da aliança, derramado por todos para perdão dos pecados* (Mt 27, 25; 26, 28). Isto é, o sangue da culpa que o povo assume pelo assassínio de Jesus é, afinal, o sangue da aliança de Deus com a humanidade inteira, o sangue que Jesus derramou para o perdão dos pecados de todos, o sangue da morte em que Ele leva ao máximo o amor em que se funda a aliança.

São, todos eles, casos em que Deus escreve direito por linhas tortas. Serve-se de bocas erradas para exprimir palavras

certas. Usa a rejeição de que se é vítima para um inaudito e ilimitado acolhimento, até dos seus maiores inimigos, unicamente para os salvar, inclusive do pecado da rejeição — o que só a Deus é possível através daquele que a Ele se entrega, até ao último suspiro de vida, e mostra, assim, ser realmente o Emanuel — Deus connosco.

- Por isso, vemos Jesus a ser acolhido também pela mulher que lhe unge a cabeça em sinal antecipado da sua sepultura, de que haveria de ressuscitar. De tal modo que o gesto passou a fazer parte do evangelho que anuncia a sua vitória messiânica sobre a morte (Mt 26, 6-13). É acolhido pelos discípulos, entre os quais estamos nós, que, depois da última ceia, podemos receber o seu corpo e sangue, de ressuscitado, no pão e no vinho da Eucaristia, celebrada em memória actualizante da sua morte salvífica (Mt 26, 26-29). É acolhido pelo centurião e seus colaboradores, que, após o último suspiro, ficam tão impressionados com a ruptura do véu do templo — que impedia pagãos e pecadores de entrar —, com a terra a tremer, as rochas a fender-se e os corpos de santos a ressuscitar, que confessam: *Verdadeiramente este era o Filho de Deus* (Mt 27, 51-54). É acolhido por José de Arimateia, que deposita o cadáver num sepulcro novo, depois vedado por um pedregulho (Mt 27, 57-60). É acolhido pelas mulheres, às quais aparece, junto do sepulcro aberto, depois de terem ouvido de um anjo celeste a feliz notícia de que *Jesus, o crucificado, (...) ressuscitou*. De tal modo que elas agarram-se-lhe aos pés, antes de Ele as enviar a comunicar aos onze discípulos que o podiam (re)ver na Galileia (Mt 28, 1-10). É acolhido, finalmente, pelos mesmos onze no já conhecido monte, para dele receberem a missão de lhe fazerem discípulos em todos os povos, pelo baptismo e pelo ensino de tudo quanto dele tinham aprendido, com a promessa: *E eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos tempos* (Mt 28, 16-20).

Recorde-se que, tanto o mandato como a promessa, são para nós, para mim e para ti. É, pois, nossa missão acolhê-lo e dá-lo a acolher a todos, começando pelos mais próximos. Não te esqueças: disso depende, no julgamento que nos espera, o teu e o meu feliz acolhimento no seu reino eterno.

VII

DO ACOLHIMENTO À GRATIDÃO

COM SANTA MARIA, A NOSSA MÃE DO CÉU

89 Entre os tesouros que muitos de nós conservam na memória, está certamente a peregrinação do Papa Francisco a Fátima, em Maio de 2017, para presidir à celebração do centenário da primeira aparição de Nossa Senhora do Rosário, naquele lugar. De tudo o que ele então nos disse, o que a muitos mais impressionou foi a tríplice exclamação: «Temos Mãe!».

Na primeira vez, comentava o Evangelho acabado de proclamar, segundo o qual Jesus, na cruz e pouco antes de expirar, diz ao discípulo amado, em que todos os crentes nos revemos: *Eis a tua Mãe* (Jo 19, 27). Que Mãe? Respondia o Papa: Aquela «"Senhora tão bonita"» de que falavam «os videntes a caminho de Fátima, naquele abençoado dia treze de Maio de há cem anos atrás. (...) Tinham visto a Mãe do Céu»[78]. De facto, é por ser Mãe que ela vem ao nosso encontro, para nos acolher como filhos, em nome de Deus que a fez Mãe de seu Filho. É certamente por isso que ela é «tão bonita».

Na segunda, o Papa, com a serenidade e vivacidade que o caracterizam, repetia a exclamação: «Temos Mãe! Temos Mãe!». E acrescentava: «Agarrados a ela como filhos, vivamos da esperança

78. FRANCISCO – *Papa Francisco em Fátima: orações, homilias, saudações e mensagens*, Conferência Episcopal Portuguesa 2017, p. 35. Para as citações que se seguem, cf. pp. 26-38.

que assenta em Jesus (...). Quando Jesus subiu ao Céu, levou para junto do Pai a humanidade — a nossa humanidade — que tinha assumido no seio da Virgem Mãe, e nunca mais a largará. (...) Seja esta esperança a alavanca da vida de todos nós! Uma esperança que nos sustente sempre, até ao último suspiro» — porque, como seres humanos, também nós de certeza somos acolhidos pelo Filho e pela Mãe, para vivermos da esperança.

A respeito da dimensão evangelizadora e acolhedora desta esperança, o Papa dizia finalmente: «Ele (Deus) criou-nos como uma esperança para os outros, uma esperança real e realizável, segundo o estado de Espírito de cada um. Ao "pedir" e "exigir" o cumprimento dos nossos deveres de estado, (...) o Céu desencadeia aqui (em Fátima) uma verdadeira mobilização geral contra esta indiferença que nos gela o coração e agrava a miopia do olhar. Não queiramos ser uma esperança abortada! A vida só pode sobreviver graças à generosidade de outra vida» — a de cada um de nós, como foi a de Jesus na cruz. Isto é, sejamos acolhedores, dando-nos aos que acolhemos, para que também eles, por sua vez, se tornem igualmente acolhedores.

Qual o resultado de tudo isto para a Igreja, senão aquilo a que o Papa, a concluir, nos exortava: «Sob a protecção de Maria, sejamos, no mundo, sentinelas da madrugada que sabem contemplar o verdadeiro rosto de Jesus Salvador, aquele que brilha na Páscoa, e descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica de amor». Que pedimos e procuramos nós, senão isto para a nossa Diocese, nos anos jubilares da sua criação, incluindo o último que agora iniciamos? Veja-se a oração que neles rezamos.

Tal pedido e desejo serão tanto mais atendidos quanto mais contemplarmos Maria como Mãe do acolhimento, isto é, naquela condição que faz dela a verdadeira Mãe que temos. Mas, que seja um acolhimento completo, em que não falte nenhuma das vertentes que vemos em Maria e no seu Filho Jesus Cristo e que queremos ver na Igreja diocesana, que formamos.

A MÃE DO ACOLHIMENTO

90 Possivelmente, poucas serão, no País, as Dioceses onde a citada afirmação do Papa — «Temos Mãe!» — tenha, proporcionalmente, tanto cabimento como na nossa. Entre todos os santos é a ela que, de longe, mais recorremos. Muitíssimo mais até do que ao seu Filho Jesus, que aliás, implicitamente, a isso nos convida, conhecendo o poder sedutor de uma Mãe como a dele — nomeadamente, depois de o experimentar nas bodas de Caná, em que ela o «convenceu» a preencher a falta de vinho com um outro de uma qualidade e numa quantidade normalmente desaconselhadas para a parte final da boda e, também por isso, totalmente inesperadas... Mas, não para ela, que, provavelmente, já conhecia bem o Filho que tinha.

Repara: na nossa Diocese, além de ser ela a padroeira principal — «Santa Maria Maior» —, estão-lhe dedicadas 56 paróquias, entre todas as 291, nas mesmas condições de modelo especial de santidade, preciosa protectora e intercessora junto de Deus e medianeira preferida das graças divinas. São exactamente o dobro das paróquias que recorrem directamente a seu Filho — invocando-o maioritariamente como «Divino Salvador» — e mais 5 do que as que se confiam aos Doze Apóstolos, com destaque para São Pedro e São Tiago. No total das igrejas da Diocese, incluindo as paroquiais, há, pelo menos, 295 que lhe estão dedicadas, mais do que o número total das paróquias circunscritas no âmbito territorial da Igreja diocesana de Viana do Castelo.

De facto, são muitíssimas as invocações com que nos dirigimos a ela. Ainda bem, porque acabam assim por contemplar todas as componentes e vertentes do acolhimento que a caracterizam como Mãe.

A MÃE QUE DEUS ACOLHE

91 É acolhida por Deus logo na sua Concepção Imaculada, início de uma existência em que Deus a reserva para si na totalidade do seu ser,

dotando-a de uma «santidade de todo singular», «em atenção aos méritos de seu Filho»[79]. Esta graça é evocada, entre nós, num santuário (Nossa Senhora do Minho), em 5 igrejas paroquiais (ou a isso equiparadas) e em 21 não paroquiais, mais correntemente chamadas «capelas»[80].

É acolhida por Deus no seu nascimento, nove meses depois da concebida sem mancha de pecado. É, por isso, a confirmação da santidade então adquirida e uma nova etapa no percurso salvífico, «que terá o seu termo e conclusão na predestinada união do Verbo com a carne»[81]. Celebramos esta graça num santuário (Nossa Senhora da Peneda), em 8 igrejas paroquiais e em uma não paroquial.

É acolhida por Deus na sua vocação para Mãe do *Filho do Altíssimo* (Lc 1, 32), uma graça que «inaugura a plenitude dos tempos (Gl 4, 4), isto é, o cumprimento das promessas e dos preparativos»[82]. Por esta graça lhe ter sido anunciada pelo arcanjo Gabriel, é evocada no título de «Senhora da Anunciação» em duas igrejas paroquiais e em uma não paroquial. É a mesma graça que a leva a aceitar a outra vertente do acolhimento:

A MÃE QUE ACOLHE DEUS

92 Maria acolhe Deus como exclusiva razão de ser da sua vida, no mesmo acontecimento da vocação. Um acolhimento, de resto, provocado pelo próprio Deus: aceitou ser Mãe de seu Filho, «movida pela graça de Deus» e pela «*obediência da fé* (Rm 1, 5)»[83]. Por isso, foi de modo livre e responsável que respondeu: *Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (Lc 1, 38). Deus correspondeu, enviando-lhe o Espírito Santo, «para santificar» o seu seio virginal e

79. II CONCÍLIO ECUMÉNICO DO VATICANO — *Lumen Gentium*, nn. 56 e 53.

80. Mas, indevidamente, já que o nome «capela» está reservado para lugares privados de culto (cf. CDC, cânns. 1214 e 1226).

81. ANDRÉ DE CRETA — *Sermões*, in CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Liturgia das Horas*, vol. IV, 6.º ed., p.1269.

82. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 484.

83. *Ibidem*, nn. 490 e 494.

«a fecundar pelo poder divino, fazendo-a conceber o Filho do eterno Pai, numa humanidade originada na sua»[84]. Por esta razão é chamada «Senhora da Encarnação» em duas igrejas paroquiais a ela dedicadas e em outras tantas não paroquiais.

Maria acolhe Deus na visita a sua prima Isabel — um encontro encantador, em que as duas grávidas celebram a maravilhosa encarnação da Palavra de Deus. Isabel, felicitando Maria pela fé com que colaborou no cumprimento das promessas do Senhor. Maria, engrandecendo o mesmo Senhor pelas grandes coisas que lhe tinha feito e, por meio dela, a toda a humanidade (Lc 1, 39-56). Daí o título de «Senhora da Visitação», com que é invocada na igreja paroquial que, nessas condições, lhe está consagrada (Castro Laboreiro).

Maria continua a acolher Deus, agora no nascimento de Jesus, em que a terra e o céu se unem de um modo nunca visto: a terra de Belém, para onde teve de deslocar-se com o esposo José, para, por ordem imperial, se recensearem, e onde ela *deu à luz o seu Filho primogénito, o envolveu em panos e o reclinou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria*; o céu, de onde desceu um *anjo do Senhor* para anunciar *a uns pastores que guardavam os seus rebanhos durante as vigílias da noite*: «*Nasceu-vos hoje, na cidade de David, um salvador, que é Cristo Senhor*», dando-lhes como sinal: *encontrareis* uma *criança envolta em panos e deitada numa manjedoura*. Que contraste com o imperador romano, também chamado «salvador», mas a viver em luxuosos palácios e a exercer implacável violência! Por tudo isso, *Maria guardava todas estas palavras, meditando-as no coração* (Lc 2, 7s. 9. 11. 19). Daí que, a preceder a celebração deste acontecimento, contemplamos Maria como a «Senhora da Expectação» (ou «Senhora do Ó») em 4 igrejas paroquiais e 3 não paroquiais. Oito dias depois invocamo-la como «Santa Maria Mãe de Deus», na festa cristã mariana mais antiga, com a qual iniciamos também o ano civil, sob a sua protecção maternal. Estão-lhe consagradas — a «Santa Maria Mãe de Deus» — três igrejas paroquiais e uma não paroquial. Na mesma

84. *Ibidem*, n. 485.

condição de Mãe de Deus é ainda invocada em duas igrejas paroquiais e em 9 não paroquiais, mas sob o título de «Senhora das Neves», porque, segundo uma tradição, terá caído neve, num tórrido dia de 5 de Agosto, sobre a colina Esquilina de Roma, em que está edificada a basílica de «Santa Maria Maior», assim chamada para assinalar o dogma da sua maternidade divina, declarado no Concílio de Éfeso.

Maria volta a acolher Deus na sua vida, quando apresenta o seu Filho primogénito no templo de Jerusalém, quarenta dias depois do nascimento, a que alia a purificação exigida por lei a toda a mulher que tivesse dado à luz. É nessa apresentação que o velho Simeão, com o Menino nos braços, o proclama como *luz das nações* (Lc 2, 32). O episódio deu ocasião a que Maria ainda hoje seja invocada como «Senhora da Luz» em três igrejas paroquiais e em outras tantas não paroquiais; ou como «Senhora das Candeias», em outras duas igrejas não paroquiais. Mas, a festa é celebrada numa outra igreja paroquial como «Apresentação de Nossa Senhora». Em duas igrejas paroquiais e outra não paroquial é invocada como «Senhora da Purificação», também no sentido de que ela nos purifica, ao iluminar-nos para, designadamente, a contemplarmos no aspecto seguinte do acolhimento:

A MÃE QUE NOS ACOLHE

93 Maria acolhe-nos como filhos ao associar-nos a seu Filho Jesus — primeiramente, nas já referidas bodas de Caná. Depois de avisar o Filho da angustiante falta de vinho, diz aos serventes: *«Fazei o que Ele vos disser»*. Que faz Ele? Um vinho que, pela qualidade e quantidade, era *sinal*[85] do «vinho» saboroso e inesgotável da nova aliança em que nos uniu ao Pai com o amor *consumado na sua hora*: a da total oferta da vida na cruz (Jo 2, 1-11). Isto é, o que em Caná era apenas sinal torna-se realidade definitiva junto à cruz. É aí que Ele nos dá, na pessoa do Discípulo Amado, a sua Mãe como nossa Mãe (Jo 19,

85. «Sinal» é o nome atribuído pelo autor do Evangelho segundo São aos milagres de Jesus.

25-27). Assim a temos em comunidades da nossa Diocese, naquelas em que, associada à morte do Filho, é invocada como «Senhora das Dores» ou «Senhora da Agonia», respectivamente, em 11 e 3 igrejas não paroquiais; ou «Senhora da Piedade», em 6 igrejas igualmente não paroquiais, uma das quais lugar de peregrinação muito concorrido (Santa Maria de Távora); ou, ainda, «Senhora de ao Pé da Cruz», numa igreja não paroquial. Associada à ressurreição do Filho, é venerada como «Senhora das Boas Novas» em 5 igrejas não paroquiais.

Maria acolhe-nos de novo ao celebrarmos a sua partida deste mundo: elevada ao céu em corpo e alma, faz desta «singular participação na ressurreição do seu Filho uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos»[86]. O acontecimento é comemorado na catedral diocesana, invocando-a como «Santa Maria Maior», padroeira principal da Diocese. Mas, a sua Assunção é, pelo menos, pressuposta em títulos como «Santa Maria», em 5 igrejas paroquiais, com celebração a 15 de Agosto; «Santa Maria dos Anjos», em 6 igrejas igualmente paroquiais; «Senhora da Assunção», em 3 igrejas não paroquiais; e «Senhora do Faro» — na origem, possivelmente, «Senhora do Farol» —, com uma concorrida peregrinação arciprestal (em Valença), «Senhora da Boa Morte» e «Senhora da Dormição», em duas igrejas não paroquiais, uma das quais com um número de devotos próprio de santuários.

Maria acolhe-nos como Mãe, quando, enfim, a associamos a todos os «mistérios» da vida do seu divino Filho, que olhamos como «rosas». Daí nasceu o título de «Senhora do Rosário», que alude também à oração mariana mais popular e que, por isso, mais frequentemente nos une a Cristo. Assim é venerada em duas igrejas não paroquiais da Diocese.

Mas, Maria acolhe-nos como Mãe também a partir de lugares em que se manifestou e cujo nome adoptou: «Senhora do Rosário de Fátima», no santuário nacional de maior projecção dentro e fora do País, numa das mais jovens paróquias da nossa Diocese — à qual, como

86. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 966.

padroeira, deu o nome — e ainda em mais 7 igrejas não paroquiais; «Senhora de Lourdes», em França, assim venerada em 5 igrejas não paroquiais; «Senhora de Guadalupe», no México, em 4 igrejas não paroquiais; «Senhora de Montserrat», em Espanha, numa igreja paroquial e noutra não paroquial; «Senhora da Nazaré», do nosso País, em duas igrejas não paroquiais; «Senhora da Cabeça» —provavelmente, em vez de «Cabeço»[87] —, em 4 igrejas não paroquiais, a que acorrem inumeráveis romeiros, sobretudo nas festas anuais; «Senhora da Peneda», da nossa Diocese, num santuário com assinalável projecção, inclusivamente além-fronteiras; «Senhora da Aparecida», no Brasil, numa igreja não paroquial; «Senhora do Crasto», em 3 lugares aprazíveis e de grande atracção; «Senhora da Abadia» e «Senhora de Mosteiró», respectivamente em três e uma igrejas não paroquiais — na origem, possivelmente, ligadas a mosteiros; «Senhora do Castelo», numa encosta bastante procurada, mormente na romaria anual; «Senhora da Pegadinha», alegadamente devido a um rasto da sua presença junto de uma igreja não paroquial, onde é venerada sob esse título.

A estas somam-se outras invocações. Entre elas, sublinha-se a de «Senhora da Lapa», por duas razões: porque, de modo semelhante aos casos anteriores, a sua imagem está ou esteve numa lapa; mas, também porque, com este título, Maria apresenta-se como refúgio protector, o acolhimento maternal que uma lapa, por si, já nos proporciona, em resposta a necessidades, não apenas de ordem física, mas de outras, que até carecem mais da intervenção de Deus, por meio da sua e nossa Mãe. Com isto, entramos já na última vertente do acolhimento:

87. Na origem, tratar-se-ia de cabeços ou montes, em que se veneravam divindades pagãs da fecundidade. Com a implementação do cristianismo, tais divindades foram substituídas pela figura cristã mais ligada à fecundidade: a Mãe de Deus. Daí que a maioria das festas em honra da «Senhora da Cabeça» seja celebrada logo a seguir à Páscoa, isto é, no início da Primavera e do tempo de especial fecundidade para animais e plantas.

A MÃE QUE ACOLHEMOS

94 Acolhemos Maria, porque ela, como Mãe, nos acolhe. O mesmo acontece entre a graça e a fé: esta é uma graça, um dom de Deus, porque Ele próprio primeiro nas agracia com a vida, que, a diversos níveis, nos oferece. Ou seja, a fé é sempre resposta a uma ou mais graças recebidas de Deus, uma resposta provocada pela graça recebida e, como tal, ela própria uma graça.

Por isso, o que, em relação à Virgem Maria, veremos como acolhimento da nossa parte, deve igualmente ser visto como acolhimento da parte dela. Se o deixamos para o fim, é, acima de tudo, para nos sentirmos mais motivados a procurar o que ela nos oferece com o seu incondicional amor maternal. Melhor, o que Deus, o autor último de todas as graças, nos oferece por meio dela, medianeira das suas graças.

É nesse sentido que lhe chamamos, genericamente, «Senhora da Graça» ou «das Graças», em 3 igrejas não paroquiais da nossa Diocese. São graças, no plural, porque elas são tantas quantas as situações em que precisamos de ajuda divina. Eis algumas das mais marcantes e frequentes da vida cristã ou, simplesmente, humana:

Precisamos de «fé», «esperança», «remédios», «alívio», «misericórdia», «consolação», «saúde», «ajuda», «paz», «amparo», «socorro», «bom sucesso», «bonança» — mormente, em mar agitado —, «boa viagem», neste mundo ou para o outro, e, por isso, de uma «boa morte»; precisamos de quem nos «resgate», em especial, de «angústias», ou nos «guie» ou, então, tenha «pena» de nós; em suma, de verdadeiros «milagres», olhando tais situações com os nossos limites humanos...

Nesses e noutros casos semelhantes, recorramos à «Senhora das Necessidades», assim chamada em 5 igrejas não paroquiais — necessidades essas em que se incluem todas as antes referidas e das quais ela é igualmente chamada «Senhora» em muitíssimas igrejas, todas elas não paroquiais, em geral, muito concorridas, mormente por altura das romarias. Algumas têm mesmo projecção arciprestal, como a da «Senhora da Paz», em Ponte da Barca, ou a da «Senhora da Pena», em Paredes de Coura.

A estas invocações podem acrescentar-se ainda, por razões similares, as 3 de «Senhora do Pilar», as 5 da «Senhora do Carmo» — que protege através do escapulário —, as 5 da «Senhora da Boa Vista» ou, simplesmente, «da Vista» — certamente mais do que as vistas que os lugares de veneração proporcionam —, as 3 da «Senhora do Livramento», outras tantas da «Senhora dos Emigrantes», uma da «Senhora do Desterro», da «Senhora da Rocha», da «Senhora das Preces», da «Senhora do Encontro» e da «Senhora do Reclamo» e as 3 da «Senhora da Porta». Todas elas em igrejas não paroquiais, com excepção da penúltima invocação e de uma da última.

Se à Mãe de Deus acorremos, sob as mais variadas invocações, é porque esperamos a salvação, que Deus, por seu intermédio e sob a sua maternal protecção, nos pode conceder, durante a vida terrena com todas as suas desgraças, mas, sobretudo, na vida eterna, onde o triunfo sobre os males de que padecemos serão transformados no maior bem: o de uma vida eternamente feliz, obtida pelo amor com que Cristo fez das rejeições, até à da morte na cruz, ocasião para todo Ele se entregar a Deus por toda a humanidade. Foi com esse amor que Ele fez de Maria também nossa Mãe. Assim é invocada, designadamente pelos títulos correspondentes às situações elencadas. Quanto bem o Senhor tem concedido, deste modo, à nossa Diocese!

A MÃE DA GRATIDÃO

95 Resta-nos agradecer-lhe. Aliás, «é nosso dever, é nossa salvação», tal como sempre proclamamos antes e no início do prefácio que precede a oração propriamente eucarística. Igreja que não agradeça deixa de o ser. Assim nos foi dito no primeiro dos três anos jubilares. E quem melhor nos pode ajudar a fazê-lo do que a Mãe do Senhor, que Ele nos deu para nossa Mãe?!

Une-te então a ela. Com ela e com todos os diocesanos, teus irmãos na fé, proclama o hino de louvor a acção de graças com que foi coroado o seu encontro com a prima Isabel, para juntas festejarem o seu acolhimento para Mãe de Deus e, nele, para nossa Mãe, tua e minha:

A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e sua descendência para sempre.

Que o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo,
a exemplo do que concedeu
a São Teotónio, São Bartolomeu dos Mártires e São Paulo VI
e por intermédio de Maria Santíssima, sua e nossa Mãe,
infunda em vós o seu Espírito
para bem o acolherdes e, nele, vos acolherdes como irmãos

Viana do Castelo, 15 de Agosto de 2019
Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria
e nono aniversário da minha entrada na Diocese

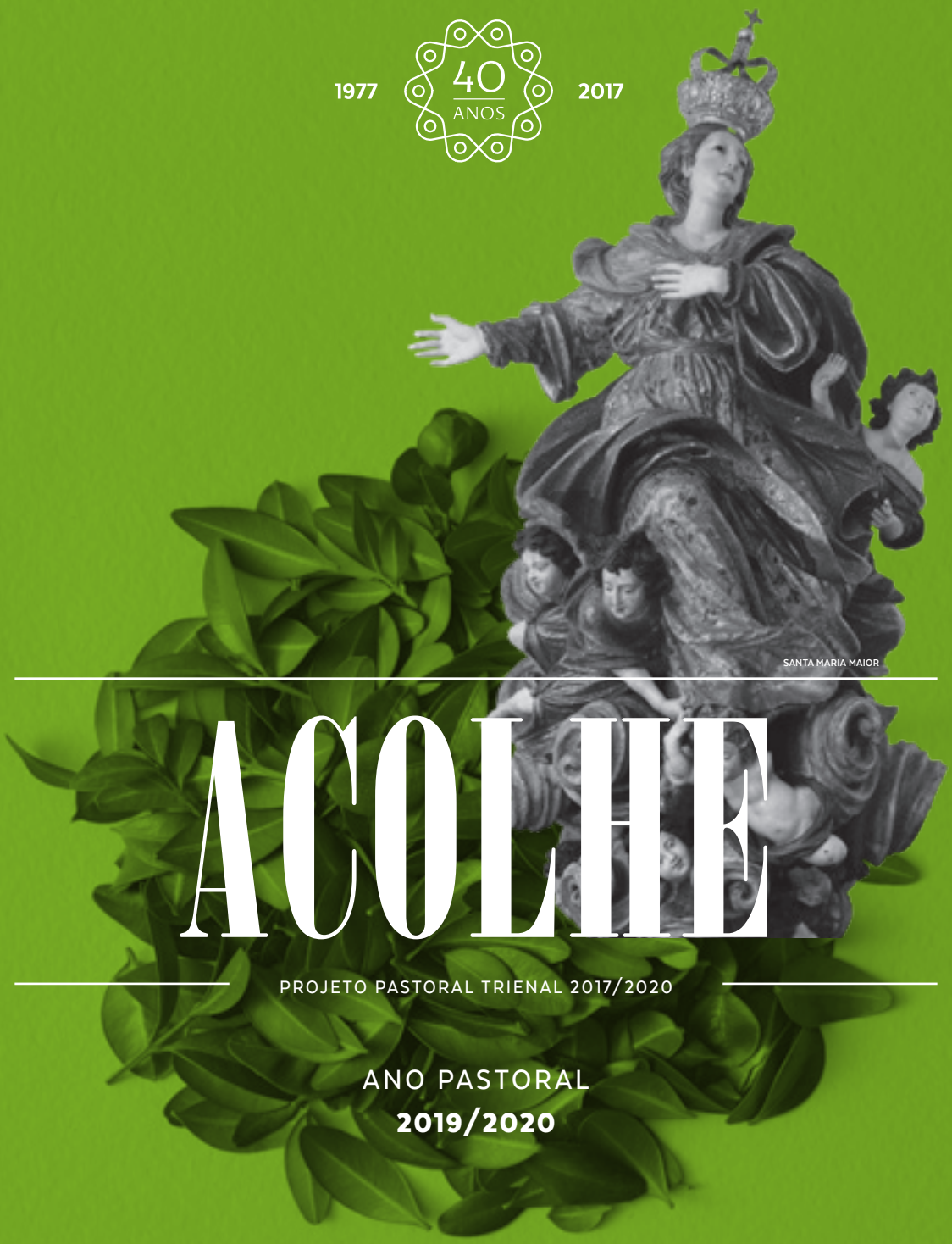
† *Anacleto Oliveira*

ESCRAVO DE TODOS

Créditos das imagens

Capa: Design de Edgar Afonso com Fotografia de Artjazz / Fotolia ©
Fotografia de Santa Maria Maior: Edgar Afonso©
P. 8 — Santa Maria Maior / Fotografia: E. Afonso ©
P. 26 — Artjazz / Fotolia ©
P. 46 — Vectorfusionart / Adobe Stock ©
P. 64 — Joe Gough / Adobe Stock ©
P. 84 — Annatamila / Adobe Stock ©
P. 102 — Anna / Adobe Stock ©
P. 128 — Natalia de Riabina / Adobe Stock ©

1977 40 ANOS 2017



SANTA MARIA MAIOR

ACOLHE

PROJETO PASTORAL TRIENAL 2017/2020

ANO PASTORAL

2019/2020

Diocese Viana do Castelo

Esta edição da Carta Pastoral foi composta em caracteres "Leitura" e impressa pela Gráfica Diário do Minho, sobre papel Coral Book de 90 g, em Setembro de 2019.

40 ANOS

1977–2017

Diocese
Viana
do Castelo

40 ANOS 1977–2017

Diocese
Viana
do Castelo

Instituto Católico
de Viana do Castelo